



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

PARA AFIRMAR UMA EXISTÊNCIA, TINTA NEGRA SOBRE PAPEL BRANCO:

escrita de si e processos coletivos na literatura militante de Lima Barreto

MIGUEL DE SOUSA LACERDA NETO

**Rio de Janeiro
2020**

MIGUEL DE SOUSA LACERDA NETO

**PARA AFIRMAR UMA EXISTÊNCIA, TINTA NEGRA SOBRE PAPEL BRANCO:
escrita de si e processos coletivos na literatura militante de Lima Barreto**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Processos Psicossociais, Históricos e Coletivos.

Orientador: Prof. Dr. João Batista de Oliveira Ferreira

**Rio de Janeiro
2020**

CIP - Catalogação na Publicação

L131p Lacerda Neto, Miguel de Sousa
PARA AFIRMAR UMA EXISTÊNCIA, TINTA NEGRA SOBRE
PAPEL BRANCO: escrita de si e processos coletivos
na literatura militante de Lima Barreto / Miguel de
Sousa Lacerda Neto. -- Rio de Janeiro, 2020.
100 f.

Orientador: João Batista de Oliveira Ferreira.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicologia, 2020.

1. Literatura Militante. 2. Escrita de Si. 3.
Modos de Existência. 4. Negritude. 5. Lima Barreto.
I. Ferreira, João Batista de Oliveira, orient. II.
Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

Ativar o Wi
Desse Configu

MIGUEL DE SOUSA LACERDA NETO

PARA AFIRMAR UMA EXISTÊNCIA, TINTA NEGRA SOBRE PAPEL BRANCO:

escrita de si e processos coletivos na literatura militante de Lima Barreto

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Batista de Oliveira Ferreira - Orientador
Instituto de Psicologia – UFRJ

Profa. Dra. Fernanda Felisberto da Silva
Departamento de Letras – UFRRJ

Prof. Dr. Renato Nogueira dos Santos Júnior
Departamento de Educação e Sociedade – UFRRJ

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Finance Code 001".

A voinho, Miguel de Sousa Lacerda. Ao Lima Barreto. A você, leitor.

AGRADECIMENTOS

Certa vez uma preta-velha me dizia sobre o poder do agradecimento e de como as palavras enlaçadas na gratidão tanto valiam. Talvez fosse desse poder que Freud dizia quando falava da magia das palavras e dos afetos que ela movimenta. Ou, quem sabe, seja algo da ordem do mistério, que já não posso mais do que intuir. Desde que afundei meus pés no pesquisar tenho sido multidão. Tenho esse hábito, e é pouco o costume de me achar sozinho. Em cada passada erámos tantos que não posso deixar de inscrever as minhas companhias: dizer do meu além-borda. Do que não contém porque é continente e me faz contido. Suporta. Disso que margeia, mas nunca é marginal. É margem. Do que não faz limite, mas assume limiares, contornos. E faz do corpo o texto que hoje mais do reside, aqui resiste.

E se pesquiso memória, peço licença e agradeço aos mais velhos pela sabedoria que muito me foi morada nesses últimos anos. Agradeço, também, minha ancestralidade, quem antes de mim fez do impossível a minha possibilidade de aqui estar. Tenho a certeza que mestre é adjetivo de vitorioso – de uma luta que teve início muito antes da abertura de meus olhos nesse mundo. E nesse caminhar agradeço àquele que não pude conhecer, mas que levo sua história em meu nome: Miguel de Sousa Lacerda, meu avô, que foi história vivida e agora faz morada em meu texto. Sou grato a meu pai e minha família, que confecciona a história, fazendo da palavra tampa para que não vaze o que ainda nos resta de memória.

Agradeço ainda as mulheres de minha família, que fazem do dia-a-dia a arte de ser e que me ensinaram a delicadeza da vida e a força do existir. Em especial, *mainha*, Clésia Helene, que me lançou como letra no mundo e foi quem apresentou a literatura como terra por onde se anda de pés descalços. E a *voinha*, Elena Lacerda, que sendo força primeira fez arrojo do tempo para contar as vidas que hoje se aninham num almoço qualquer de domingo na longa mesa em terra distante e muito calorosa que é meu Vale do Jequitinhonha.

É preciso dizer também dos que há muito caminham comigo e que hoje espalhados são sempre saudade. Estes que são meu lugar no mundo, onde posso acontecer. Dos que encurtam lonjuras para um instante-abraço, que escrevem minha história com as mais inexplicáveis memórias. A estes que levam de mim pedaços a cada esbarro: Ingrid Mirele, Fernanda Sue, José Edilson Neto, Ariadne Meira, Ana Lara Schlindwein, Gabriele Marcusso, Camilo Lório e Dandara Jesuíne, a vocês sempre serei grato.

Gratidão a Bruno França, pelo amor real, sem migalhas ou ajustes de uma ideia que não se liquefaz em realidade. Agradecido por fazer parte de minha história e me deixar fazer parte da sua.

Aos meus irmãos Lara Lacerda Costa e Higo Lacerda Costa pela doçura da juventude e os arranjos de crescer junto ainda que distantes.

E se do meu além-borda posso dizer das andanças e das amizades, Anne Dominique Lima, Anne Caroline Rodrigues, Letícia Lorentz e Larissa Grauer carregam momentos que dizem do desejo, material da realidade, de cada bifurcação em que me foi imposta na vida. E nas resoluções de uma trajetória ainda em traço.

No trajeto tive muitas presenças, é verdade. E se caminho se faz com terra, virei rio para desaguar nos encontros. Todos eles necessários para ser mar onde me queriam secura. E nestas águas Sérgio Guimarães e Patricia Monteagudo foram parceiros de vida e intimidade.

Grato ainda pelos que somaram vozes e compuseram minha narrativa. Os companheiros de militância e o Coletivo Virgínia Leone Bicudo, que entraram juntos comigo nessa desde o primeiro passo. E de todas as lutas, até as não vencidas, mas que foram batalhadas em conjunto.

E se coletivo é solução, agradeço as amigas de Maisa Carvalho, Dandara Aziza e Lucas Gabriel de Matos, que foram ouvidos e bocas nos momentos em que precisava ser palavra falada. E por terem sido companheiras e companheiro dos últimos tempos não permitindo assombrar o caminho.

Agradeço ao Núcleo Trabalho Vivo – Pesquisa em Arte, Trabalho e Ações Coletivas (IP/UFRJ) pelas trocas e espaço de compartilhamento. Por fazer da teoria olhar da prática, e da minha formação luta por existências.

A João Batista de Oliveira Ferreira pelo caminhar conjunto e a gentileza no ensino. Por acreditar quando era eu ainda dúvida e por permitir o que talvez seja mais caro a qualquer sonhador: tornar sonhos realidades.

Agradeço a CAPES pelo fomento no primeiro ano desta pesquisa. E a FAPERJ pela bolsa FAPERJ Nota 10 que subsidiou o último ano, enriquecendo minha trajetória com o alargamento das possibilidades que as bolsas puderam ofertar.

E de meu companheiro de pesquisa, Afonso Henrique de Lima Barreto, agradeço a presença ausente. O traço e a bravura. Por ter sido maior do que seu tempo, para se fazer contemporâneo a alguns como eu. E por virar escrita e nos fazer palavra que corre solta no espaço e no tempo.

E agradeço a você, meu leitor, por ser olho que come palavra escrita. E aceitar, em outra ponta deste texto, testemunhar aquilo que em minha dissertação habita.

Quer dizer: o homem, por intermédio da Arte, não fica adstrito aos preceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento, de sua pátria, de sua raça; ele vai além disso, mais longe que pode, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida na do Mundo.

O destino da Literatura
Lima Barreto

RESUMO

A pesquisa propõe discutir possibilidades de construção de si e de enfrentamento no campo social a partir do trabalho da escrita. Para tal, define-se como campo de pesquisa as obras do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922): o “Diário do hospício”, escrito durante sua internação no hospital nacional de alienados, e o romance inacabado “O cemitério dos vivos”. O intuito é pensar como o trabalho de criação literária foi utilizado pelo escritor como reinvenção de si para além da discursividade racista no Brasil da virada do século XIX para o século XX, bem como a criação de contranarrativas que, mais do que denunciar, afirmam modos de existir e formas de vida ética e politicamente qualificadas. Com perspectivas pós-coloniais, e nos usos de fontes e teorias sócio históricas, tal como o uso da teoria política e a filosofia da diferença, busca-se traçar como a escrita literária abrigava um trabalho de “escrita de si” e “literatura militante”. Impactando, desse modo, a produção subjetiva do escritor e os modos de existência que emergem no confronto com o racismo à época, denunciando os saberes e movimentos que minimizavam sua realidade no organismo social. Neste percurso faz-se necessário a contextualização de marcadores biográficos e históricos, na busca de localizar a produção de Lima Barreto e identificar a sua proposta literária e os agenciamentos produzidos a favor das lógicas que operam no sentido dos direitos de existência. Assim, procura-se demonstrar o trabalho da escrita como criador de dispositivos produtores de realidade e construção de novos possíveis na transformação da vida e do organismo social, que defendem o direito à vida e à memória da negritude.

Palavras-chave: negritude; literatura militante; escrita de si; modos de existência.

ABSTRACT

The research proposes to discuss possibilities of self-construction and confrontation in the social field from the work of writing. To this end, the works of the writer Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) are defined as a field of research: the "Diary of the hospice", written during his hospitalization in the national hospital for alienated people, and the unfinished novel "The cemetery of the living". The intention is to think about how the work of literary creation was used by the writer as a reinvention of himself beyond the racist discursiveness in Brazil from the turn of the 19th to the 20th century, as well as the creation of counter-narratives that, rather than denounce, affirm ways of existing and ethically and politically qualified forms of life. With post-colonial perspectives, and in the uses of social historical sources and theories, such as the use of political theory and the philosophy of difference, one seeks to trace how literary writing housed a work of "self-writing" and "militant literature". Thus impacting the writer's subjective production and the modes of existence that emerged in the confrontation with racism at the time, denouncing the knowledge and movements that minimized its reality in the social organism. In this journey it is necessary to contextualize the biographical and historical markers in the search to locate Lima Barreto's production and identify his literary proposal and the agencies produced in favour of the logics that operate in the sense of the rights of existence. Thus, it seeks to demonstrate the work of writing as the creator of reality-producing devices and the construction of new possibilities in the transformation of life and the social organism, which defend the right to life and the memory of blackness.

Keywords: blackness; militant literature; self writing; modes of existence.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Fotografia 1 - Nair Ferreira e Miguel de Sousa Lacerda, em março de 1950.	89
Fotografia 2 - Foto 3x4 de Miguel de Sousa Lacerda, de 8 de junho de 1970.....	90
Imagem 1 - Primeira página da ficha de observações clínicas na internação de 1914.	41
Imagem 2 - Ficha de observações clínicas na internação de 1914 de Lima Barreto: dados do exame clínico e exames laboratoriais anexados.	42
Imagem 3 - Ficha de observações clínicas na internação de 1914 de Lima Barreto: Commemorativos de família e Commemorativos pessoais e de moiestia.	44
Imagem 4 - Ficha de observações clínicas na internação de 1914 de Lima Barreto: Commemorativos pessoais e de moiestia.	45
Imagem 5 - Primeira página da ficha de observações clínicas na internação de 1919.	48
Imagem 6 - foto das primeiras páginas das fichas de observações clínicas das internações de 1914 e 1919	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: Lima pra que te quero	15
2 MÉTODO: o porquê e como escrevo.....	19
3 UMA NARRATIVA, VARIAS HISTÓRIAS.....	23
4 UM NARRADOR PERDIDO EM SUA NARRATIVA	38
5 A NARRATIVA HISTÓRICA E A HISTÓRIA DA NARRATIVA	55
6 DUAS ESCRITAS UMA QUESTÃO	67
7 DÓI, LOGO EXISTO	72
8 O DIÁRIO DE LUTA.....	79
9 O ROMANCE SEM FIM: o negro é a cor mais cortante	85
10 DESEMBARAÇO DA PENSEIRA: um pós-escrito.....	93
11 BIBLIOGRAFIA	98

1 INTRODUÇÃO: Lima pra que te quero

“Ah! A literatura ou me mata ou me dá o que peço dela”.

*Lima Barreto*¹

De imediato é preciso assumir que estou misturado a esse texto. Talvez consiga organizar as ideias de maneira sensata e ocupar a periferia da escrita de modo a não cansar sua leitura. Estranho, eu sei, começar um texto acadêmico com achismos e um estridente talvez. Ainda assim penso em seguir e, quem sabe, eu consiga junto com minhas perguntas desamararrar a questão que é o movimento central da minha pesquisa.

Eu, Miguel, neto de um outro Miguel, vaguei certa vez por memórias gastas e confusas à procura de uma narrativa que pudesse nomear ou ilustrar o meu avô paterno. Nada encontrei além de uma certidão de óbito, uma de casamento e relatos soltos que se misturam na meninice de meus tios e pai. Entendi que em uma dissertação em que me coloco a pensar processos de subjetivação e a busca por direitos à existência pelo caleidoscópio da literatura lido, também, com algo anterior – ou que se mistura nesse novelo que é ser vivente. Lido com a história ou memória que não pode ser contada. Um preço que muitas histórias negras pagam por simplesmente terem existido. Assim, entre a morte e o apagamento o que se coloca em jogo é a impossibilidade de narrar, atribuir sentido àquilo que se vive e viveu. Desse modo, se pudesse encontrar o que me levou ao Lima Barreto seria o assombroso fato que encontrei de que eu, que nunca tive meu avô, o perdi. A finalidade é muito mais um ponto de partida do que poderia abordar em qualquer narrativa linear. E é justamente pelo fato de não conseguir recontar a história do homem cujo o nome carrego, que me achei com o peso do não existir que arrasta as histórias negras no Brasil. É preciso então começar pelo incômodo que tive na ausência até mesmo nos rascunhos, fragmentos ou respiros que nunca alcançavam o Miguel de Sousa Lacerda, que, de algum modo, fez com que recordasse da história de Lima e quisesse encontrá-lo. Como que acertasse uma dívida com o desconhecimento.

Afonso Henriques de Lima Barreto desapareceu, como meu avô, ainda que tenha sua história cravada e materializada no mundo. Então, o que me fez curvar o olhar foi não conseguir encontrar o Miguel que veio antes de mim, e entender – com muito esforço e dor – que embora seus fragmentos fossem amarrados e os buracos fossem esteticamente cobertos, sua existência ainda seria mínima, como foi a de Lima. Agamben (2018), quando pensa a

¹ Barreto (2017).

literatura e o mistério que ela carrega, diz que a história narrada de personagens, assim como a existência humana, tem num instante de encanto sua dissolução. É justamente o fim de uma obra, ou de uma vida, que se afirma o fim do mistério das inúmeras possibilidades que poderia ela ter seguido. Logo, é no momento final que se pode olhar sobre os ombros e perceber que o desconhecimento “*fechou-se para sempre numa imagem*”², é quando se perde o mistério para ter a história. Essa que é a prova de que o antes desconhecido, o mistério, perdeu-se para sempre. Talvez seja essa imagem que busco aqui: a de um recorte do Afonso Henriques de Lima Barreto que ajude a entender como podemos, ainda que em suspiros existenciais, lançar nossas existências para além de nós mesmos. Na contramão, sermos capazes de tomar a realidade que nos cabe, ainda que vivendo em um tempo e espaço que desejam nossa inexistência.

Na epígrafe desta introdução, Lima impõe à literatura essa dor de carregar suas histórias. E não é por fazê-la cúmplice de sua existência que ali encontramos uma literatura outra, inferior ou limitada à vida de Lima Barreto. Pela escrita ele convoca a literatura à repará-lo daquilo que ela mesma, em mãos racistas, foi muitas vezes quem o furtou do direito à uma vida ética e politicamente qualificada. E se viver ainda é uma questão para um negro em terras brasileiras, Lima busca além, deseja o direito à memória. Sobre essa memória, os rascunhos de seu *Diário* ou na personagem de seu romance inacabado, o Vicente, podemos ver muito mais do que o Lima, um apelo existencial de um coletivo. Não é uma escrita fácil, ainda que tenha a literatura como uma companheira. É como derramar um pouco de si no mundo, como transbordar as barreiras que a pele a cada momento tenta sustentar. Criar uma extensão do que você foi no exato momento em que as letras aninham-se em nexos linguísticos. A escrita exige um processo, um trabalho, que empurra o escritor à existência. Era talvez a única aposta de Lima Barreto, acreditando no momento, ainda que anacrônico, que enlaça o leitor naquilo que resiste como trabalho da escrita. E conduziria dos dois lados do mesmo texto – escritor e leitor – a um vórtex que, com linhas múltiplas, escorrem para dentro do mesmo texto e para além deste.

Aqui quero cindir, quebrar, o que foi elevado a lugar de campo de pesquisa para esse texto: o *Diário do Hospício* escrito durante a internação de Lima Barreto no Hospital Nacional de Alienados e o romance inacabado *O cemitério dos vivos*. Nas obras, Lima expõe, em um duplo ato de criação, o descompasso de sua existência. Assim, se por um lado o *Diário*

² Agamben, (2018, p. 36).

é uma tentativa de amarrar a si na realidade, criando uma estética outra do que os estriados esboços eugênicos³ cravaram em sua história, por outro lado, no *romance*, ele desacorrenta a experiência de um país marcado pelo racismo e sua maquinaria de submissão e morte. Um *cemitério* costurado com os fios frágeis da ficção que acabam se dissolvendo na brutal realidade. Na pretensão de quebrar as obras em meticulosos pedaços, até onde permita a experiência, e assim é impossível que não se marque a primeira pessoa do singular, busco o entendimento de como o trabalho da escrita pode tornar mais real uma existência negra. O Lima e os múltiplos planos que o cortam são o mistério incapturável, mas, lançando-se no vórtex de sua escrita, anseio encontrar as possibilidades alcançadas de se recriar e criar uma contranarrativa que marcará uma contraversão na história que não admite existências negras em sua fábula branca.

Do Lima-Vicente dirão da recorrência temática de sua escrita, do seu lugar na literatura e o fixarão a um lugar de testemunho, ou dirão, ainda, de sua sanidade. Esse sujeito indeterminado que vem determinando a estrutura racista na qual grandes nomes acabam silenciados por apenas dizer. Advogo⁴. Lima Barreto teria perguntado porque não aceitam sua insistência temática, mas permitem as recorrências do racismo em sua vida. Como não fazer de sua narrativa eco, se viver não é um direito ainda a todos? Longa é a lista do que precisa ser dito depois de séculos gritando e não tendo chegado a nenhum ouvido. Assim, somente após cada gota de sangue, cada segundo de dor para amparar o privilégio de outros, e, assim alcançada a completa ausência do racismo – que a cada instante interfere nos corpos negros e cria novas trágicas memórias – somente, então, neste momento, repetir não será mais pela existência, mas encontrará na memória sua necessidade. Já que o racismo é ferida aberta e mesmo que um dia possa estar completamente cicatrizada, haverá sua marca na humanidade de quem um dia foi vítima e algoz nessa intrincada estrutura sociorracial. Lima faz eco porque não pôde ele criar um novo para além da sua recorrência. Faz, então, sua própria literatura recorrer pela sua existência.

³ Ideia criada por Francis Galton, em 1883, baseada no conceito de seleção natural de Charles Darwin, que defendia a hereditariedade não só das características físicas, como das capacidades, habilidades e comportamentos. No Brasil, as ideias, apropriadas e difundidas pelo médico e sanitarista Renato Kehl, ainda na primeira década do século XX, serviram como justificativa científica para a exclusão de negros, mas não apenas, defendendo que a melhoria racial seria alcançada através de um projeto que favorecesse o predomínio de brancos de descendência europeia no país (SCHWARCZ, 1993).

⁴ Lapoujade (2017) usa a referência jurídica do advogado para explicitar uma relação de defesa existencial, um apelo, realizado por uma existência que faz com que a outra ganhe intensidade na realidade. A referência será melhor trabalhada mais à frente.

Sobre ser um testemunho, Lima acharia certamente pouco. Não parecia ser sua ambição o lugar de testemunha, ser uma mera prova, um discurso que apenas afirma. Lima quer negar e sua escrita range por isso. Quer dizer do não dito e desdizer o que vem sendo dito sobre uma brasilidade, uma branquitude, uma ciência... É um fazer política por baixo, afundando os paradigmas que sustentam toda uma estrutura. De sua saúde mental, gritaria na busca por encontrar quem dos brancos letrados trocaria de pele com ele e não beberia pelo delírio, na procura de viver uma vida outra no final do dia. Então, encontramos nesse *vórtex*⁵, que faz Lima de sua escrita, o fim do *mistério*⁶, que se apresenta no encerrar de um *romance* que não pôde ser terminado ou de um *Diário* que se recorta mais do que os próprios dias. E se não encontramos a prova final, a *imagem*⁷, atestamos sua existência no apagamento de um algo que não pôde ser revisto por nos colocar como personagens de nossa própria história.

⁵ Agamben (2018).

⁶ Agamben (2018).

⁷ Agamben (2018).

2 MÉTODO: o porquê e como escrevo

O esperado de um trabalho de pesquisa, de uma produção acadêmica, é que este apresente, para além da coesão e algum refinamento teórico, o relato de seus processos. Acompanhar esses processos, ao meu ver, deve ser o trabalho de todo pesquisador que almeje a criação de algum saber que não seja separado da realidade. Assim, um cientista é criador de formas de compreender. A humanidade faz isso desde a sua mais rudimentar forma de linguagem. Pesquisar é, então, pensar sob determinada perspectiva. Deste modo, como somos singulares, se faz necessário ao interlocutor que digamos o material, ou a forma como pensamos, para, assim, construir linguagem, instaurar o comum. Logo, um capítulo de método seria necessário. No entanto, se a pesquisa denuncia sua perspectiva, sua forma de fazer, no interior de suas amarrações, este capítulo é totalmente dispensável. Um mero ornamento dos vários que sem fundamento sustentamos porque as instituições não conseguem atualizar seus aparelhamentos tão rápido quanto as atualizações que a vida nos permite. Creio que a questão que embaraça meu pensamento, a minha questão de pesquisa, esteja bem posta neste texto, assim como fica evidente o incômodo que a origina. Porém, toda proposta que ambicione organizar os processos de determinada forma, a metodologia anunciada, tem em sua frente a dúvida colocada pelo modo de pesquisar hegemônico sobre o seu fazer. E, de igual maneira, o compromisso de fazer com que a pesquisa seja sempre viva, aliás, mais do que isso, seja fundamentalmente vida, inclinada a toda e qualquer possibilidade de existência. Para que assim se respeite os sujeitos com quem ela possa dizer sobre, ou não dizer, já que partir destes marcadores é não acreditar em neutralidade científica. Ou seja, pode o pesquisador enunciar sujeitos, ainda que na ausência desses sujeitos em seu enunciado, e isso impõe a impossibilidade da neutralidade. E se pesquisamos com os *sujeitos do enunciado*⁸, aqueles que constituem a pesquisa, é necessário dizer destes. Aclamá-los.

A questão que sustento nesta escrita é de como pode a literatura, pelo trabalho da escrita, ser um dispositivo de afirmação de existências. E como pesquisamos sob os limites do tempo e do espaço, logo, os recortes se fazem artifícios necessários. Deste modo, recorto a literatura na produção do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto, mais especificamente o que comparece da questão de pesquisa na obra *Cemitério dos Vivos* e no seu *Diário do*

⁸ Para Foucault (2008) o enunciado é uma função enunciativa que determina textos enquanto acontecimentos da ordem do discurso. E por essa função produz sujeitos e lugares institucionais. Seguindo ordenamentos sócio-históricos. O sujeito do enunciado é então uma “condição de individualização do sujeito”, não sendo nem mesmo um autor ou elemento da gramática. E pode ele ocupar lugares diversos a depender do enunciado que o comporta.

Hospício. Todavia, sendo Lima um homem negro, e isso em uma sociedade racista não é apenas um adjetivo, mas uma substantivação do modo em que se vive, a questão é atualizada: como a literatura, enquanto dispositivo, pode afirmar existências negras. E já que acompanho processos e não quaisquer validações do compromisso e finalidades da produção de Lima Barreto, o que estudo, então, é o processo de escrita e o processo de subjetivação (os modos de pensar, agir e sentir). Assim, o que não se pode perder de vista nesse desenrolar é que pesquisar processos exige analisar conjuntamente esse sujeito que habita nosso texto, esse sujeito que enunciamos, para que não nos percamos na linha criativa de atualizações próprias da mutabilidade de algo que não é, mas está sendo. E porque estudo com a escrita de Lima, não poderia me acomodar em uma suposta escrita hegemônica, que existe numa pretensão irreal de imparcialidade. Portanto, a finalidade deste capítulo sobre o método é muito menos para localizar a questão de pesquisa, e sim para localizar o meu processo de escrita. Não pretendo também pedir à academia que reconheça o método como um fazer igualmente ilustre como os consagrados e hegemônicos modos de se pesquisar. Porém, é necessário que se entenda o rigor deste método, pois não se trata de especulações lançadas a esmo, juntadas em alguma forma. Trata-se de organizações necessárias do ponto de vista estético, ético e político de se pesquisar.

Estético pois se agora escrevo e em algum momento sou lido, a forma, o que se faz alimento dos olhos é a porta de entrada para se pensar a construção do comum e, assim, a política. Deste modo, a escrita aqui é realizada em primeira pessoa. Já que pesquiso o trabalho da escrita, me lanço na realização de um trabalho que não confecciona neutralidades. Assumo o desenrolar de minha *penseira*⁹ no momento em que o texto se fixou apontando os meus pensamentos e amarrações. Sou eu, ou ao menos fui, naquele momento em que me separei de mim mesmo para ser outro, deixando o que era no interior do texto.

Ético porque não se pode construir, enquanto processo criativo de escrita ou enquanto amarrações científicas, formas que não fundamentem as existências, de modo que elas possam vir a ser mais reais enquanto singulares e enquanto construção coletiva. E se esta dissertação não é capaz de ser revolucionária pelos seus limites, ela será continuamente letra solta no mundo para quem quiser fazer dela revolução.

⁹ Neologismo. Fragmentos e traços de memória, ou ideias, que constituem o pensamento, não necessariamente ainda organizados.

Político porque se pesquisa com todos os constrangimentos que a existência obteve nas diversas propostas aceitas ou negadas de ser diferente do que se é. Como colocado por Suely Rolnik (1993), se pesquisa com as marcas que carregamos dos esbarros existenciais, com todas as memórias, cronológicas ou não, em um fluxo de marcas e marcações que seguem sendo atualizadas na *textura ontológica*¹⁰ que encontramos em tudo aquilo que existe singularmente e, ainda assim, misturado. Se o trabalho de pensamento realizado no interior da academia é a corporificação das marcas do pesquisador, tem este que, ainda, na necessidade do recorte, da construção de uma borda, dizer ou, ao menos, sinalizar o que a excede. Ou seja, dizer que a pesquisa é necessariamente um trabalho de muitos. Logo, não cabe no próprio ato de pesquisar, em nenhuma hipótese, o isolamento de qualquer existência na construção fictícia do lugar de objeto.

Assim, dizer do meu método é muito mais do que localizar as processualidades¹¹ que aqui aportam, mas assumir as marcas que neste texto ganham corpo.

Do processo é importante sinalizar e dizer das inúmeras noites sobre as bibliografias e as marcações, que se avolumaram a ponto de não ser possível trazer todas elas para esse texto. Assim como das visitas a Biblioteca Nacional, sobretudo no setor de manuscritos, no qual pude ir tocando no Lima ou, ao menos, nos vestígios de suas existências. No grande prédio, com a sua arquitetura e com as memórias emprestadas de Lima, entrar na biblioteca era quase como entrar em um túnel, uma passagem que me levava a meu companheiro de escrita. Dos muitos Livros e alguns papéis soltos também, esses que seguram agora esta dissertação, que compuseram esta caminhada é preciso dar voz. Digo daquele *papel-máquina*, como cunhou Derrida (2004), aquela parte de letra do mundo que diz de lugares, cria lugares... Foi sob eles que fui desenhando meu lugar, meu papel nessa narrativa. O *Diário do Hospício* e o *Cemitério dos vivos* são as pedras angulares. Porém, não pude conter a pesquisa, ou conter-me nestas obras. Pediam mais. Pediam para dizer quem era o Lima que saltava das letras, o Lima preso naquela específica e única narrativa. Um primeiro capítulo foi desenhado, e não encontrei o Lima, seria pretencioso demais. No entanto encontrei o que cria aquela voz que ora sussurrava, ora gritava no seu *Diário*. À História e Sociologia tomei emprestado, para trazer à escrita, o contexto. Esbocei mais outro capítulo, como quem funda

¹⁰ A relação entre uma ou mais existências entre si e com tudo que constitui um determinado plano existencial (ROLNIK, 1993).

¹¹ Relativo à qualidade dos processos, da trama, ou jogo de forças que habitam um campo sobre o qual se faz pesquisa.

uma base onde se pode construir uma casa ou um castelo. A ansiedade da estética do fim é minha companheira a cada palavra. Não pela pressa, mas por fazer jus: Lima gostaria do meu texto? E por este compromisso não pude abandonar um olhar decolonial, como uma perspectiva que abraçasse esta construção. Sigo com a filosofia na pretensão de localizar as vozes (são elas todas Lima Barreto?), torcendo a mãe das Ciências para fazê-la uma ciência minha, do Lima, mais real. Encontro genialidade, tropeço em desesperos, revivo aventuras acompanhando todos os processos presos em livros e manuscritos. Olho as existências que sintetizam-se num mesmo corpo, mas também a possibilidade incompreensível que tem um escritor de criar. Criar existências, várias e variadas! Assim, o *Cemitério dos vivos* deixa de ser pedra para ser pedreira do social, e o *Diário* passa a ser mais que do hospício, vira vida, passa a ser vital.

3 UMA NARRATIVA, VARIAS HISTÓRIAS

A leitura de Lima se dissolve em minha mocidade afundada em Literatura, ora por comandos de minha família, ora pelo gosto que tomei pelas letras. Ainda assim, li pouco Lima, entre *Policarpo*¹² e *Isaías*¹³, cheguei até alguns contos por curiosidade. Nosso segundo grande encontro foi já no curso de Psicologia, quando admirei minhas salas de aula serem cômodos do antigo Hospital Nacional de Alienados, hoje uma das unidades da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que, com suntuosas estruturas, não nos deixa esquecer a que aquele prédio serviu. Os azulejos portugueses, alguns balaústres, as escadas carregadas de limo do tempo e até mesmo as colunas e pátios internos que reforçam a estrutura neoclássica afirmam, quase em berros, a instituição asilar de outros tempos.

Foi nessa busca, enriquecida com curiosidades pelo propósito anterior de cada sala, ala, corredor, que encontrei o *Diário* de Lima. Nele, pude constatar um homem vencido. Alguém que remonta o quebra-cabeça da vida na certeza de que a falta de peças não vale mais coisa alguma, porque já se sabe o desenho final e este não mais importa. Lima nos impõe a angústia de viver e nos força a encontrar sua existência, ou o que puder ser recolhido dela. Não é a pretensão desta pesquisa encontrar a existência de Lima Barreto. Seria falacioso quem puder dizer que se capturou uma existência a tal ponto. Espero não haver este desejo em mim, porque se deseja muitas vezes pelas beiradas, mas há desejos que nos consomem, por desejar por dentro. De todo modo, afirmo, a proposta é, aqui, entender o que é da existência de Lima, dos seus rastros, que se lança para além do contexto ou discursos que a minimizam.

Dito isto, antes de apresentar o Afonso Henrique de Lima Barreto é preciso que se torne óbvio que, também, não é objetivo deste trabalho biografar seus passos ou analisar suas obras do ponto de vista literário. Não sou biógrafo, tampouco literato. Não busco dar conta de alguma verdade sobre a vida deste “triste visionário”, como Lilia Schwarcz (2017) o apelidou. A ideia é pesquisar junto ao Lima Barreto, caminhar com ele, vivo em cada obra e o *Diário Íntimo* por mim lido, para que possamos entender o que desagua em sua escrita na sua última passagem pelo Hospital Nacional de Alienados. Entendendo que ali compareciam marcações que, muito antes da existência de nosso revolucionário e sua tristeza, já eram sentidas por muitos outros em nossa sociedade. Marcas estas que comparecem na vida de

¹² Barreto (1997).

¹³ Barreto (1995).

Lima, nos discursos, nos emaranhados de suas vivências, nas angústias de ser e existir e que, enclausurado, explodem, saltam do corpo para ganhar vida em suas obras. E, mais uma vez, é preciso que seja dito, que não pretendo separar os meus afetos e minha história neste texto, já que divido muitas marcas com o Lima em minha história e corpo. O que se faz necessário por ser a vida e obra de Lima composta por narrativas coletivas ainda que em suas singularidades, ou seja, suas obras abrigam não somente um algo de sua perspectiva sobre os fatos que se propõe falar, mas uma multiplicidade de pontos de vista: é coletivo. Assim, a implicação que corre no texto que você agora lê é afeto e análise, tudo junto e ao mesmo tempo.

Após debruçar-me sobre Lima Barreto, a partir de algumas de suas obras, das visitas ao acervo da Biblioteca Nacional e das duas biografias¹⁴ existentes, foi preciso que me afastasse dele, foi preciso abandoná-lo. Lima Barreto foi humano não apenas em sua genialidade, mas, também, em suas contradições; e poderia perder minha questão se muito me afeiçoasse em segui-lo. Foi um homem que fez sua ideia caminhar por séculos em sua frente, ainda que seja matéria de um tempo e espaço determinado. Confesso que os poucos anos de pesquisa do mestrado fazem com que eu lance palavras com certa imaturidade na procura por apresentá-lo. Assim faço por ser ele um gênio que não dispensa apresentações, apresentando-o por marcadores que compuseram minha aproximação, mas também o percurso que nos leva de encruzilhada a encruzilhada, onde nem tudo se sabe, mas alguma coisa se pode pedir licença para apreendermos. Todavia, alerta para a possibilidade de que isto ganhe forma nos paralelismos, anacronismos e não-linearidades de minha escrita. Apresento Lima com admiração e por ele ser a borda e o além-borda de minha pesquisa, mas também porque é preciso conhecê-lo para entender suas dores e, enfim, enredá-las.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasce em 13 de maio de 1881. Talvez a data já tenha saltado aos seus olhos, afirmando a contemporaneidade de Lima a eventos significativos na história brasileira. A proximidade a momentos como o da abolição da escravidão demandava de Lima posicionamentos sobre a conjuntura em que vivia. Lima Barreto faz isso como quem vive no momento em que a história encontra bifurcações, em que se pode (re)construir ou reafirmar a estrutura de sociedade e que, hoje, ao olharmos em retrospectiva, podemos nomear como algo entre revoluções e retrocessos. Fato é que não se pode negar o movimento presente em suas obras em que o escritor encapsula, sempre com

¹⁴ Barbosa (2017) e Schwarcz (2018).

uma forte opinião, o contexto em que viveu. Um destes pontos de bifurcação foi a ideia de miscigenação que, mais fortemente no século XX, foi colocada como questão em todo o mundo, mas que, no Brasil, era corriqueira no interior das relações sociais desde a chegada da branquitude europeia. Miscigenação esta que compõe a história do Brasil de forma polissêmica suportando desde as grandes histórias de amor impossíveis como as narradas pela nossa literatura, como os estupros e embranquecimento que são elevados à metodologia de Estado. Sobre os refinamentos do racismo no Brasil e o lugar da miscigenação na lógica do Estado-nação brasileiro destinarei o próximo capítulo, necessário para compormos o quadro que se apresenta nas obras de Lima. Por ora, vou me ater à construção de uma narrativa que nos ajude a desenrolar as ideias. E aqui, como porta de entrada, não ocasionalmente, elegi a miscigenação como tal.

Lima nasce dessa miscigenação. Sua mãe, Amália Augusta, era filha de Geraldina Leocádia da Conceição, escravizada e alforriada, e neta da também escravizada Maria da Conceição. Amália, que supostamente - já que o que há são indícios históricos e não um registro oficial - era filha do médico escravista Manuel Feliciano Pereira de Carvalho, teve a proximidade paterna limitada ao apadrinhamento. O pai de Lima Barreto, João Henriques, era também filho de uma mulher escravizada, Carlota Maria dos Anjos, e tinha como genitor um português, cujo nem mesmo o nome figura na narrativa da família Barreto. Desta forma encontramos uma das contradições que marcam a vida de Lima: o lugar da mulher na dinâmica social e as possibilidades de construção de um outro lugar – a luta, a militância propriamente dita. Lima se colocava contrário ao feminismo enquanto ideia importada. O que não o esvazia enquanto crítico, mas é necessário melhores refinamentos nessa observação histórica. Afinal, ainda que tenha Lima errado em sua crítica. Creio que qualquer universal que produza uma simetria entre a masculinidade branca e negra é rápida demais e pouco cuidadosa quando tomada à perspectiva racializada. De todo modo assumir o erro de Lima é aqui um compromisso de humanizá-lo. Afinal, o erro só é permitido a uma humanidade legítima. Numa sociedade racista só é permitido à branquitude.

Quando tomo as intercessões entre raça e gênero em minha família: lembro que vasculhando os poucos registros que tenho do meu avô Miguel espantei-me com o fato do nome de minha bisavó ser registrado, em alguns dos papéis, no diminutivo, *Martinha*. Curioso, indaguei meus familiares sobre o fato. Entre especulações e memórias sobre o passado de minha *bisa* encontrei sua história anovelada a um casamento com um espanhol, ou português... Nada além de especulações, mas não consigo registrar algo que não escape

de uma certa relação de submissão, na ausência da narrativa. Na vida de Lima, o fato é que, já antes mesmo de nascer, sua história era marcada pela miscigenação e suas complexas relações de raça e gênero: Dona Amália era filha, mas nem tanto assim; Seu João Henriques descendia de um português, mas nem tanto assim; e o Brasil caminhava para a liberdade do povo negro, mas nem tanto assim...

O que se sucede na vida do casal Barreto e, mais firmemente, na vida de Lima é algo perceptível a qualquer pessoa fruto da miscigenação ou, talvez, preservando aqui a minha opinião ao meu *lugar de fala*¹⁵, aos negros de pele clara brasileiros: a tal proximidade com o povo branco, seus signos e cultura, a branquitude propriamente dita, possibilita as vantagens que por ela são autorizadas àqueles que atenuam a diferença imposta pela hierarquização das raças. Foi por esta proximidade que Amália e João Henriques, além de nascerem livres, acessam a educação.

Enquanto Amália foi para o magistério, Henriques entrou no Instituto Comercial do Rio de Janeiro, antes denominado Aula de Comércio, onde concluiu os estudos básicos. Escola técnica, mas ideal para quem buscava um emprego especializado, por lá aprendeu francês e obteve a formação necessária - o chamado “preparatório” - para conseguir ingressar no ensino superior (SCHWARCZ, 2017, p. 43).

A educação como possibilidade emancipatória foi o que autorizou aos pais de Lima uma vida possível no Brasil aristocrata, mas que já possuía nuances burguesas, que se assentariam com a chegada da Primeira República (1889-1930). Amália Augusta consegue abrir uma instituição de ensino, o Colégio Santa Rosa, que chega a figurar entre as noventa e quatro principais instituições de ensino da corte. E João Henriques, ainda que não realizando o sonho de ser “doutor”, consegue graças à adequada formação e influência do padrinho Afonso Celso - futuro Visconde de Ouro Preto - trabalhar como tipógrafo em grandes jornais brasileiros. As *vantagens* - e não privilégios, na medida em que não são permanentes - terão marcações mais fortes na vida de Lima, conforme tentarei mostrar adiante. O fato é que através da amizade com o Visconde de Ouro Preto João Henriques conhece Amália e pôde sustentar financeiramente os primeiros anos de casamento, não sendo estranho ser o próprio Visconde padrinho de casamento dos pais de Lima. As *vantagens* concedidas ao casal, as possibilidades e sonhos vislumbrados seriam mais intensamente percebidos quando estes foram retirados. Contrariando a expectativa de João Henriques, seu trabalho se mostrou instável e, amedrontado com o risco de não poder sustentar a família, tem, logo antes do casamento, o indício do que mais tarde será sua prisão-diagnóstico: seu

¹⁵ Ribeiro (2017).

padrinho, Afonso Celso, preocupado com seu estado depressivo o interna na Casa de Saúde e de Convalescença de São Sebastião.

Deu para imaginar que sua vida como tipógrafo seria marcada por dívidas, e que agiotas bateriam à sua porta a cada novo filho. Se essa era uma ideia fixa que atormentava João Henriques, não temos como saber, mas era disso que Lima Barreto se lembraria na maturidade. O exemplo paterno parece ter traumatizado o ainda rapaz, que, em seu Diário (íntimo), ajuíza que preferia continuar solteiro por receio de não poder sustentar uma família. No romance póstumo *O cemitério dos vivos*, coloca na boca do personagem principal – Vicente Mascarenhas – o mesmo tipo temor. Sem conseguir pagar os gastos da esposa e do filho, Vicente passa a beber e é internado num hospício (SCHWARCZ, 2018, p. 51).

À época de Lima, o Brasil era dividido, de um lado, por ideias revolucionárias e propostas de reparação aos que por séculos sofreram com a escravidão e, por outro, por um discurso científico que se erguia contra o que era chamado por alguns como problemas da nação: a “abolição repentina” e a “mestiçagem”. As *vantagens* que antes contemplavam o casal Barreto agora não só eram minadas, como substituídas por teorias que pareciam encontrar em cada sujeito a justificativa do racismo e a causa para as mazelas sociais. Se a saúde mental era a marca que a ciência apontaria, em João Henriques, da degenerescência própria à mestiçagem, Amália sofreria e morreria de tuberculose, desde aquele tempo um caso de saúde pública entre as classes menos favorecidas. A ciência entrava, então, nos interstícios das relações sociais do povo negro, que mal pôde contemplar a liberdade e foi acorrentado pelo estigma do discurso científico, que amarrava causas e consequências sem colocar em questão o racismo como fundador de suas teorias. Amália, que já andava de muletas por conta de um traumatismo e paralisia causados por complicações do primeiro parto, cujo filho morreu pouco tempo depois, deixa para Lima a memória de seus olhos tristes¹⁶. Fundamental nos primeiros anos de alfabetização dos filhos, Amália não os viria crescerem. Lima perderia sua mãe aos seis anos, em 1887, que deixou, ainda, Evangelina com cinco anos, Carlindo com quatro anos e Eliéser com apenas um ano de idade. Amália morre antes mesmo de ver a assinatura da Lei Áurea.

Justamente, foram os ares de liberdade de 13 de maio de 1888 que derrubaram o Império, para surgir, em 1889, a Primeira República. João Henriques, pai de Lima, é visado, sua proximidade com o Visconde de Ouro Preto, na época já primeiro ministro do Brasil e seu posicionamento favorável à monarquia fazia com que sua vida se tornar-se ainda mais

¹⁶ Lima, que perdeu a mãe muito cedo em sua vida, teria na memória os últimos anos em que toda a família Barreto se organizava ao redor das necessidades de Amália que vivia com tuberculose. A doença com que a mãe de Lima havia se acostumado a conviver exigia rotinas e tratamentos específicos, que marcaram com muita tristeza a infância e a relação do escritor com as memórias de sua mãe. Lima chega a narrar a imagem da mãe morta, vista do colo do pai choroso, enquanto aspergiam água benta no corpo sem vida (SCHWARCZ, 2017).

instável. Assim, tornou-se um *sebastianista*¹⁷ aos olhos do novo regime. Favorável à monarquia e para não dar o gosto da demissão a Ruy Barbosa – à época representante do governo de Deodoro da Fonseca¹⁸ –, João Henriques se antecipa e pede demissão do mais famoso jornal, o Tribuna Liberal. Segundo depoimento de Evangelina ao biógrafo Francisco de Assis Barbosa a cena teve o seguinte desenrolar:

[...] a sorte de João Henriques estava lançada. Mas não esperou que o demitissem. Ele mesmo se despachou. Um dia, chegando ao trabalho à hora de costume, foi advertido por um colega de que o seu nome estava na “lista negra”. Acabava de vestir o paletó de alpaca e se dispunha a iniciar a tarefa cotidiana. Dando de ombros, perguntou:

- Ora essa, porquê?

- Você não é monarquista? Não foi ao bota-fora de Ouro Preto? Não foi?

- Sim, sou monarquista. Fui ao embarque de Ouro Preto. E o que é que tem isso?

-Tem que você vai ser demitido. O Rui Barbosa vai demiti-lo, talvez hoje mesmo.

João Henriques não vacilou. Tirando o paletó, respondeu ao colega intrigante:

- Pois não terá esse gosto. Eu mesmo peço minha demissão. E ali mesmo redigiu o requerimento ao novo ministro da Fazenda, desligando-se definitivamente da Imprensa Nacional, onde havia trabalhado doze anos a fio (BARBOSA, 2017, n.p.).

Desempregado, João Henriques é mais uma vez socorrido pelo seu padrinho. Ouro Preto, que mesmo exilado não deixa de amparar o afilhado arranjando-lhe um trabalho nas Colônias de Alienados, na Ilha do Governador, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Assim, a República, com seu esplendor de modernidade, pincelava toda a monarquia com sua *brancura*¹⁹, cobrindo não somente o Brasil monárquico, como os sonhos antes permitidos ao casal Barreto.

Lima Barreto, mais tarde, entenderia o período com uma maior complexidade, advinda de sua consciência de raça e, também de seus posicionamentos políticos e visão anárquica de uma sociedade igualitária. Seu pai, que passa a conviver próximo à loucura, chamada naquele momento de alienação, chegaria a administrar, solitário, no meio da

¹⁷ Denominação pejorativa àqueles que defendiam os ideais monárquicos, principalmente depois do surgimento da república em 1889. O termo tem origem em um movimento místico que surgiu com o desaparecimento, em 1578, do rei D. Sebastião de Portugal. O corpo nunca encontrado após a Batalha de Alcácer-Quibir fez com que desenvolvessem crenças de que o rei retornaria para governar Portugal.

¹⁸ Ruy Barbosa foi o Ministro da fazenda no governo de Deodoro da Fonseca. Renunciou ao cargo em 20 de janeiro de 1891, deixando o país em grande crise econômica, que marcou todo o período da Primeira República.

¹⁹ Vários prédios eram pintados de branco simbolizando o novo registro e administração que a República ilusionava trazer. A República que prometia o novo continuava velha, e novos eram os seus artifícios de sustentação do modelo brasileiro de entrelaçar raça e classe.

Revolta da Armada (1891-1894), as Colônias. O movimento da Revolta fazia da Ilha do Governador seu campo de guerra, mas daria notoriedade a João Henriques pelo empenho, chegando a ser nomeado administrador das Colônias de Alienados. Em 1912, após sofrer com os horrores da Revolta e mais uma vez de frente às contas que não fechavam, João Henriques enlouquece. Lima, que assiste seu pai passar toda a vida tentando ser suficiente, o vê tomado pela loucura.

Frequentemente, o que aparece nas narrativas das histórias negras, e que muito me toma, é a impossibilidade de, ainda que com a tristeza das andanças e desfechos, nunca sermos capazes de reconhecer o muito feito com tão pouco. Logo, é necessário olhar o quão mais complexa foi a trajetória de João Henriques e Amália. Ainda que a emancipação social não tenha sido alcançada e que seus filhos tenham tido que lidar continuamente com o racismo, que muito se aperfeiçoaria no Brasil do século XX, o quão grandioso foi a outra forma de perceber a si e a sociedade dada aos filhos pelo casal? Evangelina, a irmã mais próxima de Lima, é quem, junto com o seu primeiro biógrafo, Francisco de Assis Barbosa, garantirá o registro da vida do escritor. Foi ainda Evangelina que ainda com as limitações do cuidado da casa, do pai acamado e o rigoroso olhar dos irmãos dava aulas de piano, e em 1902 conseguiu o segundo lugar no concurso da revista *A Universal*. Carlindo se tornaria inspetor de polícia e Eliéser trabalharia na estação férrea Central do Brasil, palco comum ao Lima enquanto entroncamento de sua vida entre os subúrbios e o centro de um Rio de Janeiro com cisma de *Belle Époque*. Lima Barreto, ainda que tenha vivido tão pouco, até hoje marca na história e literatura brasileiras um projeto de sociedade e vida cujo embrião talvez seja possível de ser encontrado em cada singular vitória do casal Barreto. É nesse momento que podemos falar em rachaduras.

A estrutura racista criada pela branquitude europeia não conseguiria conter a coletividade criada na continuidade anacrônica das gerações negras oriundas daquelas que desembarcaram no Brasil. Deste modo, trazer o Lima e sua história, bem como as falhas na impossível narrativa de meu avô, é o fundamento desta escrita. Carrego as marcas e marcações das vantagens e dores da proximidade com a branquitude no meu corpo e história, mas o que não se pode perder de vista é justamente o que muitas vezes é dissolvido nas nossas atualizações históricas: as pequenas vitórias que hoje possibilitam assentar histórias negras e produzir saber a partir de suas lutas, todas elas. As derrotas e vitórias dos meus negros ancestrais são o que hoje me lançam para uma maior realidade. Compondo uma produção coletiva que salta no tempo, que o enverga, nota-se que em cada passo hoje dado caminham

comigo muitos que mesmo sem poder andar, não aceitaram retroceder. Lima e toda a sua insistência em aparecer, ocupar, marcar seu lugar, descobre muito cedo o que significa o retrocesso. Com todas as dificuldades vividas até ali, seus pais arduamente o inseriram no berço da educação. E se a liberdade antes era uma carta de alforria comprada da branquitude, o diploma era a liberdade fixada no que Lima costumava eleger como o grande estandarte da humanidade: a inteligência.

Mas de tudo isso, o que mais me amola é sentir que não sou inteligente. Mulato, desorganizado, incompreensível e incompreendido, era a única coisa que me encheria de satisfação, ser inteligente, muito e muito! A humanidade vive da inteligência, pela inteligência e para a inteligência, e eu, inteligente, entraria por força na humanidade, isto é, na grande humanidade de que quero fazer parte (BARRETO, [Diário íntimo] 16 jul. 1908).

Desta forma, a pedido de João Henriques, Ouro Preto, voltando do exílio, consegue auxiliar Lima com os materiais durante os estudos no Liceu Popular Niteroiense, instituição destinada à elite. Da meninice e das visitas ao pai nos finais de semana em que saía do internato, Lima não levou muito do estado precário das Colônias que funcionavam em instituições adaptadas: a de *São Bento*, que funcionava em um antigo convento da Ordem Beneditina, e de *Conde Mesquita*, localizada no antigo palacete de El rei D. João VI. As Colônias funcionavam como uma alternativa à superlotação do Hospício de Pedro II, depois Hospício Nacional de Alienados. Eram grandes depósitos de pessoas, nem todas acometidas por algum problema de saúde mental - havia aqueles que depois da abolição, e sem nenhum tipo de reparação, ficaram presos à mendicância. As Colônias, que tinham cor e classe, só receberam algum tipo de melhoria com a criação, pelo médico Juliano Moreira, de uma instituição em Jacarepaguá, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Para Lima Barreto, nem mesmo a precariedade do lugar e os estrondos de canhão e carabina da Revolta da Armada, o fizeram deixar de desejar os finais de semana na Ilha do Governador. Mais tarde, nesse lugar, lembraria com saudades das liberdades e brincadeiras de criança, bem como dos amigos, que mesmo como sujeitos institucionalizados puderam acrescentar muito em sua vida. Destes, o que mais o marcou foi Manuel Oliveira, que seria uma personagem emblemática na vida de Lima, por ser quem viveria a saudade de uma África que ele não conheceu. Manuel, que carregava o nome do escravagista do qual conseguiu comprar sua alforria, se tornaria um agregado da família Barreto, ajudando Lima, inclusive financeiramente, quando a loucura tomasse seu pai por completo. A Ilha seria também o

espaço-tempo do nascimento, mais tarde, de sua obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma*²⁰, publicada em 1915: os últimos anos de lucidez de seu pai - exímio funcionário público, entusiasta do plantio nas terras da Ilha e nacionalista convicto - construirão a narrativa do protagonista de sua obra.

Suponho que os finais de semana deveriam ser suspiros ao pequeno Lima, que já era esmagado pela branquitude ao ousar insistir em seus estudos. Deve ter sido também, ali na Ilha do Governador, que encontrou existências que intensificavam a sua própria existência. Dos racismos, agora cada vez mais institucionalizados, o vivido no internato do Liceu, provavelmente, comparece na vida de Lima Barreto com toda a ferocidade. Hoje, ainda é possível perceber as instituições acadêmicas resistentes àqueles que não são considerados público-alvo em sua origem. Após alguns anos, pude perceber que se antes a carta de alforria era paga com grandes quantias de ouro, hoje deixamos nossa saúde mental e felicidade em cada confronto necessário para ocuparmos estes lugares. No fim, se a educação é uma via emancipatória, pagamos tal liberdade por um alto valor e alguns centavos de sorrisos.

Em seu *Diário íntimo*, Lima narra seus sentimentos de autoextermínio que comparecem ainda menino e são reforçados no encontro com o racismo em sua formação:

Desde menino, eu tenho a mania do suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe, quando eu fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar. Foi desde essa época que eu senti a injustiça da vida, a dor que ela envolve, a incompreensão da minha delicadeza, do meu natural doce e terno; e daí também comecei a respeitar supersticiosamente a honestidade, de modo que as mínimas coisas me parecem grandes crimes e eu fico abalado e sacolejante. Deu-me esse acontecimento, conjuntamente com a vida naturalmente seca e árida dos colégios, uma tristeza sem motivo, que é fundo de quadro, mas pelo qual passam bacantes em estertores de grande festa. Outra vez que essa vontade me veio foi aos onze anos ou doze, quando fugi do colégio. Armei um laço numa árvore lá do sítio da ilha, mas não me sobrou coragem para me atirar no vazão com ele ao pescoço. Nesse tempo, eu me acreditava inteligente e era talvez isso que me fazia ter medo de dar fim a mim mesmo. Hoje, quando essa triste vontade me vem, já não é o sentimento da minha inteligência que me impede de consumir o ato: é o hábito de viver, é a covardia, é a minha natureza débil e esperançada (BARRETO, [Diário íntimo] 16 jul. 1908).

Quando na rugosa e complexa estrutura social racista são dispostas as vidas, não é possível, e isso talvez seja uma dificuldade às ciências como a psicologia, que todas as existências sejam subjetivadas, ainda que pelos mesmos dispositivos, à mesma maneira. Sobre isto, espero me fazer melhor entendido nos próximos capítulos. No entanto, é preciso que se compreenda o contexto e complexidades da vida de Lima Barreto, caso contrário toda

²⁰ Barreto (1997).

esta narrativa não mais fará sentido no corpo desse texto. Isto é: entender que passam pelo corpo e história de uma pessoa negra ligações imediatas a um lugar desconhecido. Muitos dirão sobre África, não posso afirmar. O que nos basta entender é que os afetos são consequência e que o racismo é o problema. A causa aqui é a imposição de uma sociedade que a todo instante te faz recordar do seu não pertencimento.

Na continuidade de sua história, Lima conclui, em 1894, o ensino secundário e parte do suplementar no Liceu Popular de Niterói e, ao final de 1895, aos quatorze anos, é aprovado no Ginásio Nacional (antigo Imperial Colégio Pedro II), comprovando aptidão para admissão nos estudos superiores da República dos Estados Unidos do Brasil. Em 1896 frequenta o curso preparatório no Colégio Paula Freitas, no qual o próprio Dr. Alfredo de Paula Freitas, professor da Politécnica, era mantenedor. O fato é que o sonho de doutor ainda continuava na família Barreto. E com toda a dificuldade de classe e raça, Lima seguia vencendo as etapas, consolidando sua entrada na Politécnica em 1897, quando já podia ser chamado de estudante de engenharia. Ao longo da vida, as hoje chamadas Ciências Exatas não eram os fortes acadêmicos do jovem Afonso, mas ele seguia com mérito ocupando espaços nas instituições de excelência. Ainda que o pós-abolição não tenha alterado em muito as relações étnico-raciais no Brasil, existia em quem Lima pudesse se inspirar. André Rebouças era um desses: engenheiro, abolicionista e monarquista que apontava as torções da classe no interior da dinâmica racial. No entanto, ainda que contemporâneos, Lima fazia parte de uma outra geração. E se as tensões da Primeira República eram tamanhas, a ponto de qualificá-la por sua instabilidade; na vida de Lima não seria diferente. Assim, com o diagnóstico definitivo de seu pai, neurastenia²¹, Lima se vê forçado a abandonar a Universidade e o sonho de doutor para, então, sustentar a família, que agora se mudava para o bairro de Todos os Santos. O bairro fazia divisa com o Méier e o Engenho de Dentro.

Foi por esse tempo que se mudou com a família para Todos os Santos indo morar em casa alugada, na Rua Boa Vista, no alto de um morro. No silêncio da habitação suburbana, João Henriques passaria a curtir, desde então, a sua neurastenia, longe dos olhos e ouvidos indiscretos. Permaneceria sentado numa cadeira dias inteiros, sem falar e sem comer. Mas, de quando em quando, o delírio se apossava dele, e o pobre homem clamava pelo filho, aos gritos, como se Lima Barreto fosse a única pessoa capaz de protegê-lo, em meio ao pavor que tinha de ser preso:

-Afonso! Afonso Barreto! Querem-me matar! Querem-me matar!

²¹ Termo antigo, cunhado em 1869 pelo neurologista George Miller Beard. O termo que diversas vezes caiu em desuso não sendo mais aceito desde a quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, ainda que conste na décima edição do Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-10). A neurastenia tinha enquanto sintomatologia, na virada do século IX para o Século XX, o esgotamento físico e psicológico, transtorno de humor e volição.

Os gritos reboavam morro abaixo, sacudindo a quietude suburbana. E por isso o povo da redondeza deu de chamar “a casa do louco” à pequena morada no alto da Rua Boa Vista, em Todos os Santos (BARBOSA, 2017, n.p.).

Das possibilidades endógenas ou exógenas pensadas à época, o pai de Lima carregava todas marcadas em sua vida: da predisposição ao quadro depressivo - devido ao surto ocorrido anos antes -, a perda da mulher e do emprego até à precariedade do seu trabalho e as perseguições políticas. Fato é que o diagnóstico, bastante comum no século XX, o levou à completa apatia, quando não, gritava e alucinava a chegada da polícia em sua casa. A loucura que tanto o havia protegido nos seus últimos dias de trabalho, agora fazia de seu corpo a morada perfeita. Assim, aquele corpo que nasce para a ação de viver agora parava. E viver era possível apenas como espectador da vida de alguém que, de tanto desejar, não o deixaram realizar a si mesmo.

*Suportância*²². A qualidade ou o ato de suportar. Em conversas durante as reuniões do Núcleo de Pesquisa Arte, Trabalho e Ações Coletivas, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, essa palavra apareceu com a necessidade de sufixar o ato de, em algum grau, estarmos dispostos, estarmos ainda de corpo presente, nas possibilidades mesmo que precárias. Não se trata da inclinação adoecida do corpo que produz, subjetivado pela lógica capitalista – a resiliência, como costuma ser cobrada. Também, não se trata da qualidade de determinado sujeito de alcançar algum determinado grau de desenvolvimento de si, algum alargamento ensimesmado. Ao contrário, suportância é um ato coletivo, sempre. Aponta uma necessidade de viver vinda dos laços que são construídos. Lima poderia até ter chamado isso de *hábito*, ou *covardia*. Porém, o que o impedia do suicídio, certamente, eram as qualidades de quaisquer ou alguns encontros, ainda que poucos, que o fundavam em sua trajetória. Desses encontros que suportam a existência minimizada pelas perversidades que habitam no interior da mesma coletividade. A politécnica foi esse lugar onde Lima suportava, ou era suportado. Por fim, depois de tantos desencontros e racismo apontando o seu não lugar, a loucura de seu pai o faz perder o seu último suporte: o desejo do João Henriques de vê-lo doutor. Dessa maneira Lima sai dos números para as letras, mas se a Academia é branca demais para Lima, a literatura hegemônica não será o contrário. Teria que percorrer um longo caminho para poder ter assento no *hall* dos inesquecíveis.

²² Ferreira (2019).

Ainda que não exatamente famoso, era conhecido, já que publicava em algumas revistas e jornais desde a *Politécnica*, mas o que garantiria o seu sustento seria uma mudança assustadora em sua vida. Lima muda-se com a família para o subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Todos os Santos, localizado entre o Méier e o Engenho de Dentro, e presta concurso público - torna-se amanuense da Secretária de Guerra, um ofício baseado na tarefa diária de copiar documentos. A profissão era um destino comum não só para início de carreira dos que seguiriam o ofício da literatura, mas daquela classe mediana que abarrotava os cargos públicos. Classe essa que “*nos subúrbios tinha ares de aristocracia, mas no grande centro se misturava facilmente à camada popular e ex-escravizada*”²³.

Não é preciso mais ir ao subúrbio para encontrar essa mesma classe média no Rio de Janeiro do século XXI. Com outros desenhos e maior em número é fácil encontrar até mesmo bairros inteiros que se equilibram no desespero de ser elite, por ter muito próximo a marca da pobreza em sua história, mas que replica – com esforço – as perversidades do que é capaz de sentir por não ocupar o alto da hierarquia social brasileira. Tomo licença para uma ligeira crítica à numerosa classe média brasileira, diria que esta pouco compreende, apesar de experimentar, com marca no corpo e na subjetividade, que tem muito mais proximidade com a pobreza do que com a elite. No entanto, segue replicando e governando para a elite, na busca de migalhas que garantam sua fixidez longe da miséria.

Lima tinha tanto horror a tal comportamento, que acabava nomeando a gente do bairro do Méier, ocupado por essa baixa classe média - como convém hoje ser chamada -, de megalomaniaca, diminuída na realidade do agitado e elitizado centro do Rio de Janeiro. Também tecia críticas ao que chamava de *bovarismos*²⁴ de uma determinada elite moradora de Botafogo que vivia com cisma de europeu e que integrava os contornos do projeto político que *aparisiava*²⁵ o Rio de Janeiro na busca de assemelhar-se à capital francesa.

²³ Lima Barreto na crônica “O trem de subúrbios” definia essa classe, formada pelo funcionalismo público que movimentava a alta empregabilidade da Capital fluminense, de “burocratas faustosos”, “doutores de secretaria” (BARRETO, 2004).

²⁴ Bovarismos é um termo empregado a um sujeito ou grupo de pessoas em que a autoimagem é deturpada, tendo essa um aumento produzido pelo desejo de um outro lugar, no caso do bovarismo denunciado por Lima Barreto, um lugar social. Em que se vislumbra ocupar um lugar maior quando não é esse um dado da realidade. O termo é inspirado no texto *Le Bovarysme, la psychologie dans l'œuvre de Flaubert* (1892), do filósofo francês Jules de Gaultier. As análises do pensador tomaram como ilustração a personagem Emma Bovary do romance *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, publicado em 1857.

²⁵ Neologismo de Lima Barreto que se refere pejorativamente ao modo como o Rio de Janeiro copiava os padrões franceses sem contextualizá-los ou atribuir sentido ao ser aplicado na sociedade fluminense. Sendo uma pura apropriação estética na tentativa de se aproximar da estética da sociedade colonialista que era representada pela França.

Com o fim desta digressão, voltemos ao nosso amanuense, que nas provas do concurso tem notas baixas em caligrafia. O que poderia ser um prelúdio do profissional que viria a se tornar, diz muito mais das suas inseguranças e sonhos do que de sua qualidade como funcionário público. Que Lima odiaria a Secretaria da Guerra não me causa estranheza. Mesmo sem as ideias anarquistas maduras, era um ofício em que não se realizava. Talvez doesse mais não ter *boa letra* para ter a reputação como os imortais da recente Academia Brasileira de Letras (1897), como eram conhecidos Alcino Guanabara e Machado de Assis, do que de fato para o seu exercício no órgão público. Nos manuscritos disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional é preciso muito esforço para compreender a letra de Lima. Em uma breve comparação, após suas internações a letra pareceu-me piorar. Não sei se o tratamento à base de ópio pode ter culpa nisso, mas, bem antes, sua letra já o rendia problemas. Na crônica “*Essa minha letra...*”²⁶, ele aponta sua caligrafia como resumo do lugar em que ocupava: socialmente, por ser uma questão que o colocava mal com revisores e editores, mas, também, ditava uma má reputação no meio editorial fluminense. Lima relata na crônica um certo lugar de estranhamento em ler seus textos, que eram cortados por palavras nunca antes escritas, mas que por sua caligrafia apresentavam-se na publicação de suas obras. Como resultado vemos Lima, em voltas com o mundo, se revoltando contra si, ao menos com os enganos, as traições, de ter marcado na escrita o que sentia como insuficiência de ser.

E não sei a razão por que a minha letra me trai de maneira tão insólita e inesperada. Não digo que sejam os tipógrafos ou os revisores; eu não digo que sejam eles que me fazem escrever “a exposição de palavras sinistras” quando se tratava de “exposição de projetos sinistros”. Não, não são eles, absolutamente não são eles. Nem eu. É a minha letra. [...] Estou nesta posição absolutamente inqualificável, original e pouco classificável: um homem que pensa uma coisa, quer ser escritor, mas a letra escreve outra coisa e asnática. Que hei de fazer? Eu quero ser escritor, porque quero e estou disposto a tomar na vida o lugar que colimei. Queimei os meus navios; deixei tudo, tudo, por essas coisas de letras. [...] É duro fazê-lo, depois de quase dez anos de trabalho, de esforço contínuo e - por que não dizer? - de estudo, sofrimento e humilhações. Mude de letra, disse-me alguém. É curioso. Como se eu pudesse ficar bonito, só pelo fato de querer. [...] De manhã, quando recebo a Gazeta ou outra publicação em que haja coisas minhas, eu me encho de medo, e é com medo que começo a ler o artigo que firmo com a responsabilidade do meu humilde nome. A continuação da leitura é então um suplício. Tenho vontade de chorar, de matar, de suicidar-me; todos os desejos me passam pela alma e todas as tragédias vejo diante dos olhos. Salto da cadeira, atiro o jornal ao chão, rasgo-o; é um inferno (BARRETO, 2004, p. 90).

Para ser justo não era somente devido à má caligrafia que Lima era malquisto. Seu grupo desde a politécnicas era conhecido como a *turma do contra*²⁷. Somavam-se espaços e

²⁶ Barreto (2004).

²⁷ Schwarcz (2017, p. 125).

pessoas que os antipatizavam. Entre as reuniões nos bares do centro, como o bar Papagaio, e nas publicações, o grupo de Lima saltava entre erros e acertos. Quando olhamos de hoje, na lente aumentada que o tempo futuro nos permite é possível considerar os erros às particulares contradições que marcam qualquer vivente. Se por um lado as previsões sobre o futebol²⁸ se mostravam desesperançadas, já que Lima não poderia prever as atualizações deste e o impacto político e até revolucionários, de certo modo, do futebol às classes pobres. Por outro suas críticas ao academicismo, preconceitos de classe, racismo e ao Estado foram arraigadas de tamanha forma que, tristemente, mostram-se atuais ainda hoje. Essas atualizações que tanto incomodavam Lima ainda conferem angústias a qualquer um, que como ele, sonhe para além do seu tempo. O desconforto é perceber que passados tantos anos ainda temos as mesmas estruturas e uma certa teimosia à brasileira. Talvez não exista forma outra de sermos revolucionários sem algum grau de tristeza e contradição. Ou a tristeza é efeito e não causa daquilo que se combate. Assim, não poderíamos culpar Lima de estar preso em seu tempo, apesar de saltar para fora dele em tantas constatações. E como não falar do desejo de fazer parte de uma sociedade, de uma humanidade? Esse, com certeza, nos arredonda mesmo quando as arestas são nosso motivo de ser reto na vida. Entendo-o em alguma medida. Existe uma vontade dentro de mim de poder tecer esse texto sem o recurso de quaisquer autoras e autores brancos, em especial do norte do mundo. Não porque acho que estes autores e autoras não tenham com o que contribuir, mas porque construiria uma estética muito mais complexa e menos contraditória com o lugar de onde sempre os li e hoje posso falar. Não me foi possível porque, de um lado, o desejo de usá-los me entristeceria por não tê-los em minha produção, depois de anos sentado na graduação sem muito espaço para fazê-los dizer minhas palavras. E, por outro, seria duro fazer caber no apoucado tempo do mestrado um estudo maior que me permitisse encontrar os grandes autores que afinassem com este texto como creio que seja necessário. Como é o caso de encontrar em todas as normas técnicas e na hegemônica escrita acadêmica um lugar de descanso desse meu escrito. As técnicas, quando não passíveis de questionamentos, são lugar de fundamento. Padronizam. Tornam-se elas homicidas do novo. No entanto fiz pesquisa com o que foi possível e escrevo até com algumas doses de impossibilidade. Desse modo, sigo sustentando minhas contradições. Pergunto-me se não foram desejos similares que fizeram Lima, ainda que ferrenho crítico da Academia

²⁸ Lima chega a criar um “Liga contra o foot-ball”. De tamanha era sua antipatia pelo jogo e seu receio do futebol ser mais um instrumento classista e racista na cultura brasileira. Em publicação na revista Careta, de 1 de janeiro de 1921, p. 5, Lima chega a descrever confusões entre o clube do Mangureira e o Fluminense. O que representava a divisão de classe que aparecia nos clubes da aristocracia e os clubes suburbanos.

Brasileira de Letras, tentar ingressar nela por três vezes. De todo jeito, a contradição não esconde o desejo esboçado na crítica de sua mais antiga aliada, e na necessidade de adjetivá-la para afirmá-la: a literatura militante.

4 UM NARRADOR PERDIDO EM SUA NARRATIVA

Os recortes da vida de Lima feitos até aqui, decerto, não o sintetizam em sua totalidade – seria impossível; tampouco são suficientes para introduzirem quem foi Afonso Henriques de Lima Barreto. No entanto não é desejo meu que este texto caminhe por constatações biográficas. Se até aqui narro recortes é porque eles nos ajudam a entender um certo lugar de onde Lima escrevia. É sobre isso que pretendo, no decorrer deste capítulo, dar cores às formas caleidoscópicas que vou no texto montando. O que me resta de uma narrativa biográfica é sintetizar a relação de Lima com suas próprias desgraças, ou melhor, a relação à qual era imposta à existência do escritor, e ele passa toda a vida na busca de destinos, ou resoluções, de sua própria *tristezura*²⁹.

Com os estudos deixados para trás, o que não era lá uma infelicidade, já que Lima tinha uma relação rançosa com a Academia, o desejo pela literatura certamente teria que trilhar novos caminhos. Caminhos que seguiam dificultados pelo boicote que continuava sofrendo por ser um escritor negro, e pelas denúncias que enunciava em suas obras.

O pai passava a maior parte da vida atônito, exceto quando o delírio o fazia gritar e esbravejar com nuances quase shakespearianas³⁰. E a família, dependente economicamente, consumia Lima Barreto pelo peso em que sua responsabilidade financeira demandava. Essa situação leva Lima à Secretaria de Guerra, que nunca foi o lugar em que o escritor pudesse ou conseguisse se identificar devido aos excessos do militarismo, ao qual era veemente contrário e desgostoso. De todo modo, a relação na Secretaria de Guerra ia de mal a pior desde que Lima compôs um júri popular que condenou militares envolvidos no massacre da Primavera de Sangue³¹.

Poucos amigos, nenhum romance, já que Lima Barreto tinha dificuldade de relacionar-se amorosamente, e sem grandes indícios de mudanças faziam o Afonso Henriques de Lima Barreto beber. Não que não houvesse qualquer desejo pela bebida – o alcoolismo era muito provavelmente uma patologia, mas também um lugar social onde Lima podia habitar plenamente, ainda que descoberto pela razão. Aos trinta e três anos Lima segue

²⁹ Neologismo: relativo à tristeza.

³⁰ No seu “Diário íntimo”, Lima compara os surtos do pai com a ironia dos loucos de Shakespeare.

³¹ O costume de festejar o início da primavera era comum em muitas capitais da América do Sul. Com a tensão crescente entre militares e civis na Primeira República, foi programada para setembro de 1909 uma manifestação marcando o início da primavera. Em virtude do protesto ocorreu forte repressão pelas forças públicas, ocasionando a morte de dois estudantes. O evento ficou historicamente conhecido como Primavera de Sangue.

sendo um funcionário público regular, residente do subúrbio, sem grandes realizações e sentia o amargor da promessa que o acompanhava desde os sonhos de seus pais; e que agora o abandonava com o desânimo de produzir ou na espera por mudanças. Lembro que quando lia as biografias de Lima pensava que tudo se pode tirar de um sonhador, menos a sua capacidade de tornar os sonhos realidade. Restava ao Lima um volume de sonhos que o atormentaram. E desse Lima que se escondia por trás da roupa maltrapilha, manchada e suja de suor que preciso conduzir você, meu leitor, para entendermos como o *Diário do Hospício* e o *Cemitério dos Vivos* são mais do que obras desembocaduras de um grande rio-vida. Da estrutura que envolvia o tempo e espaço destas obras será mais fácil entender, quando os efeitos dessa narrativa estiverem vivos em sua cabeça. De todo modo é este Lima que se via “cheio de aptidões, de boas qualidades, de grandes e poderosos defeitos”³², que encontrava no álcool uma forma de emoldurar toda desgraça, mas, ao mesmo tempo, não atribuí-la importância.

Lima, certo dia, queixava-se ao irmão Carlindo sobre o incômodo com seresteiros e um gato que não existiam. O médico foi chamado e o diagnóstico anunciou “alucinação alcoólica”. Com o aviso de que poderia incomodar o pai neurastênico com sua bebedeira e agora alucinações, Lima foi para a casa do tio Bernadino Pereira de Carvalho, em Guaratiba, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Lá, seus fantasmas o fizeram quebrar toda a casa. Alegava que seria preso devido a sua ideologia anarquista e às críticas que tecia sobre o então presidente do Brasil, Hermes da Fonseca (1910-1914). O episódio levou Carlindo a interná-lo, o que chatearia Lima fortemente por muito tempo. A internação foi no Hospital Nacional de Alienados, antigo Hospício de Pedro II, entre 18 de agosto de 1914 e treze de outubro de 1914. Na época, a loucura, bem como a mendicância, assumia lugares tão discrepantes ao higienista mundo moderno, que restavam a eles a margem e o controle total de seus corpos. A periculosidade era atestada de muitas maneiras e justificava a necessidade da reclusão. Lima já conhecia a loucura por conviver com seu pai e toda a apatia que a neurastenia o conferia, mas como alcoólatra a loucura passaria de uma profecia para um rótulo. Não mais a boemia, que de alguma forma segue até hoje atrelada a um certo romantismo do Rio de Janeiro, beber agora era grau de loucura, patente da alienação: Lima deixava de ser boêmio para ser louco. Além da *construção social da loucura*³³, pesava o fato de ser miscigenado.

³² Barreto ([Diário íntimo] 16 jul. 1908).

³³ Em “História da loucura na idade clássica” Foucault desenvolve três períodos de entendimento da história da loucura, tomando o louco como “protagonista” ou não de sua experiência. No primeiro, o renascimento, a loucura e a razão se confrontam com ambiguidade. Se por um lado a loucura é condenada por sua irregularidade

Como um conhecedor de toda a teoria eugenista, Lima a via saltar dos livros de sua biblioteca para corporificar-se em sua própria história. Tentarei dissertar mais à frente sobre o lugar do louco e como a loucura era atrelada como solução racista da ciência. Neste fragmento, o que nos interessa é perceber o caminho de Lima e sua relação com as instituições que agora governariam seu corpo. Lima narra a viagem ao hospital com detalhes grotescos e dolorosos, que ficaram marcados de tal forma no escritor que ganham vida em “*Como o ‘Homem’ chegou*”³⁴. A sensação que antes era situacional na vida de Lima, nos encontros e desencontros com o racismo e a perda de qualquer vantagem social que antes pudesse ser dada à família Barreto, agora tomava contornos permanentes; e com tamanha agressividade que a imagem de um bicho enjaulado nos serve perfeitamente para compreensão:

[...] no que toca ao carro-forte. Prontamente deu as ordens para que fosse fornecida a seu colega a masmorra ambulante, pior do que masmorra, do que solitária, pois nessas prisões sente-se ainda a algidez da pedra, alguma coisa ainda de meiguice de sepultura, mas ainda assim meiguice; mas, no tal carro feroz, é tudo ferro, há inexorável antipatia do ferro na cabeça, ferro nos pés, aos lados uma igaçaba de ferro em que se vem sentado, imóvel, e para a qual se entra pelo próprio pé. E blindada e quem vai nela, levado aos trancos e barrancos de seu respeitável peso e do calçamento das vias públicas, tem a impressão de que se lhe quer poupar a morte por um bombardeio de grossa artilharia para ser empalado aos olhos de um sultão. Um requinte de potentado asiático. Essa prisão [...] blindada, chapeada, couraçada, foi posta em movimento; e saiu, abalando o calçamento, a chocalhar ferragens, a trovejar pelas ruas afora em busca de um inofensivo (BARRETO, 2017, p. 208).

Lima chega ao Hospital Nacional de Alienados e entre minhas dúvidas, ao observar os livros de anotações do hospício³⁵, e as inúmeras questões que sua biografia mais recente³⁶ apontam, fico com as contradições e desventuras que enrolam sua história ao racismo.

de conduta, fraqueza, defeito; por outro os loucos aproximam de um discurso de razão. O louco no renascimento também é tido como quem consegue decifrar os sinais cósmicos e, assim, apontar o futuro da humanidade. Na segunda parte de sua arqueologia Foucault analisa como, na idade clássica, a loucura é excluída do ambiente social. O autor aponta a lógica cartesiana do pensamento para fundamentação do louco como alguém que não pensa. Dessa forma, o mesmo é enclausurado junto com todos aqueles entendidos como marginais moral e economicamente. Sob a acusação de “desrazão moral” estes eram destinados ao trabalho escravo com o intuito de correção. No terceiro momento, a modernidade, o preceito da idade clássica de razão e desrazão é atualizado e complementado. É somente devido a estas atualizações que é possível falar em doença mental, e um sujeito doente. A psiquiatria emerge como um saber requisitado a dar conta do problema que se instaura. Para Foucault, conclui-se, a psiquiatria é o produto de um processo de construção histórica da loucura, devendo a este a sua autonomia e estabilização como saber científico (FOUCAULT, 1978).

³⁴ Barreto (2017, p. 203).

³⁵ Os registros, que se encontram na biblioteca do Instituto de psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro IPUB/UFRJ, são, na verdade, registros do “Pavilhão de Observação”, que funcionava conjuntamente ao Hospício, mas não respondia à Santa Casa, mas, sim, à Universidade – à época Universidade do Brasil.

³⁶ Schwarcz (2017).

Imagem 1 - Primeira página da ficha de observações clínicas na internação de 1914.

315

Nome: *Afonso Henriques de Lima Barreto* N.º _____
 Nacionalidade: *brasileira* Idade: *38* anos. Estado: *solteiro*
 Profissão: *emprego público* Entrada em: *11 de Agosto* de *1914*

Diagnóstico: *Alcoolismo*



DADOS ANTROPOMÉTRICOS

Altura	Arco bi-zygomático	Dímetro ant. post.
Busto	» bi-auricular	» transversal
Grande abertura	» bi-mastóideu	» bi-mastóideu
» circunferência	» n. h.	» bi-auricular
Arco anterior	» n.	» bi-zygomático
» posterior	» n. b.	Índice cefálico
» lateral direito	» n. t.	Força } direita
» » esquerdo	» b.	» esquerda

Peso por ocasião da entrada: _____ Peso por ocasião da saída: _____

OBSERVAÇÕES

Inspeção geral: *Doente observado é um indivíduo de boa estatura, de complexão forte apresentando estigmas de degeneração física. De mãos secas, língua com acantocócos brancos, y. bilíveas assim como as extremidades digitais.*

Fonte: acervo do IPUB.

Na ficha³⁷, por sinal muito mais completa – ainda que sucinta – do que a da segunda internação³⁸, encontrei a intimidade do escritor entre os dados que tentavam de toda forma quantificar a loucura. Os *dados antropométricos* não constavam preenchidos e o que concerne a um exame clínico, como a situação fisiológica e exames cognitivos (sua sensibilidade, motilidade e reflexo), eram simplórios, limitando-se muitas vezes à afirmativa: *normal*.

³⁷ Ficha de entrada de Lima Barreto no Pavilhão de Observações. In Caderno de observações clínicas de 21 de Jun a 01 de set de 1914, N° 170, UFRJ: IPUB

³⁸ Ficha de entrada de Lima Barreto no Pavilhão de Observações. In Caderno de observações clínicas de 26 de Nov a 30 de Dez de 1919, N° 223, UFRJ: IPUB



³⁹ Expressão que Lima usa para descrever o protagonista Isaias Caminha, romance que possui forte traço autobiográfico.

definido não somente o lugar de Lima na instituição, mas como essa o guardaria. Voltando à ficha de observações clínicas. Nas observações do funcionário constam a estatura dita como *boa*, a compleição (biótipo) descrito como *forte* e, logo mais, soma-se *apresentando estigmas de degeneração física*⁴⁰. Neste momento é evidente que a brancura concedida e o lugar de classe destinado ao funcionário público abandonam o corpo de Lima.

O que se evidencia são, somente, os lampejos dos estudos que o higienismo de Lombroso⁴¹ e suas asseverações acerca da periculosidade e imoralidade que deveriam ser atribuídas à população pobre e negra. Mas é na afirmação desse estigma que a degenerescência afirmada passa a ser uma marcação congênita, um atestado simbólico da eugenia que se desenvolvia no Brasil. Desta maneira, Lima ainda que com vantagens recolhidas nas relações com a branquitude, construídas desde antes de seu nascimento, e com classe reconhecida e privilegiada junto ao Estado, “*podia ser branco socialmente, mas parecia ‘não tão branco’ no diagnóstico*”. Na sequência, neste texto, procurarei, não descrever, mas localizar a eugenia e como ela funcionava enquanto um aparelhamento institucional da biopolítica a favor da branquitude.

Nas fichas de entrada no hospício, consta ainda, depois de preenchidos os dados objetivos – que passavam, como afirmei, pelas análises numéricas da antropometria e as definições científicas do olhar clínico do funcionário –, ao que parece, as anotações tomam flexões que denunciam um diálogo. Fiquei surpreso, assim como sua biógrafa, Lilia Schwarcz, com as observações da inspeção geral e os elementos recolhidos pelo funcionário que deveria estar ao encargo de escrever Lima em sua ficha.

⁴⁰ Ficha de entrada de Lima Barreto no Pavilhão de Observações. In Caderno de observações clínicas de 21 de Jun a 01 de set de 1914, Nº 170, UFRJ: IPUB

⁴¹ Cesare Lombroso foi um psiquiatra, cirurgião, higienista e criminologista italiano, que viveu a segunda metade do século XIX e início do século XX. Lombroso defendia a ideia do criminoso nato, ou seja que existe padrões físicos e psicológicos da delinquência, criando a ideia de uma certa morfologia do delinquente e da periculosidade. Padrões que foram desmontados pelo direito moderno, mas ainda habitam muitas noções que sustentam o próprio direito e as relações sociais modernas. Como exemplo brasileiro, a relação diferente que a infância vive quando denominada “menor” ou “criança”. Demonstrando como as ideias de Lombroso existem ainda no interior da lógica “menorista”, que só caiu em desuso legal com o nascimento do Estatuto da Criança e Adolescente, no ano 2000.

Imagem 3 - Ficha de observações clínicas na internação de 1914 de Lima Barreto: Commemorativos de família e Commemorativos pessoais e de moiestia.

Exame microscopico

Commemorativos de familia

Quanto aos antecedentes de familia, informa que sua mãe morreu tuberculosa, e seu pai goza de saúde robusta. Tem tres irmãos mortos.

Informa de pais que seu pai soffre de neurasthenia.

Commemorativos pessoais e de moiestia

Cópia da guia policial: - "Vida informal, os antecedentes de hereditariedade. Accusa nítida no rosto de manuscritos, accusa risonhos, com allucinações visuais e auditivas. Estado geral bom. Boa memoria: já teve varicela, e cataplexia, idiosyncrasia, que ainda soffre e fâculas visuais. Perfeccionista absoluto, incansável, não ferendo questões de qualidade. Está bem orientado no tempo e espaço. Memória íntegra; conhece e cita com bastante desembaraço factos das historias antigas, media, moderna e contemporanea, respondendo as perguntas que lhe são feitas, promptamente. Tem noções de algebra, geometria, geographia. Negs allucinações auditivas confirmando as allucinações visuais. Associações de ideias e de imagens perfectas, a saber: como perfectas são a percepção e a atenção. Cita seus autores predilectos, que são: Rousseau, Chateaubriand, "Catholics elegant" (sic), Balzac, Taine, Daudet. Din que conhece um pouco de francez e inglis. Para relação a esses escriptores, tem commemorações mais ou menos acertadas; em nenhuma é um ind. viciado que tem algum preconceito e intelligente para o qual não que

Fonte: acervo do IPUB.

Elementos de uma certa observação clínica que excedem as linhas propostas e avançam na área destinada à descrição da *forma do crâneo* que, no caso de Lima Barreto, não foram consideradas anotações sobre este quesito. Como que se quisesse dar conta, recolher um lugar social de Lima que denunciasses a patologia. Na parte destinada a *Comemorativos da família*, temos marcado – aparentemente concordado por Lima – sobre a morte da mãe por tuberculose e a neurastenia do pai. Como dito antes, marcas entendidas à época como uma degenerescência racial e que muito representam ao constar na ficha de entrada de uma instituição destinada à loucura.

O tom vexatório do exame é nítido e segue intenso nos desdobramentos a que interessa à ciência para a fundamentação do radical endógeno e genético da loucura. Lima de todo modo parecia saber muito bem como era lido socialmente, e esse conhecimento de seu lugar social sobressai nas notas quando a educação é apresentada como saída do discurso que parecia o confinar à leitura racial da época. Nas notas aparece, então, que o escritor possuía “*memória íntegra e conhecia [...] fatos das histórias antigas, média, moderna e contemporânea, respondendo às perguntas que lhe são feitas, prontamente*”⁴⁴. Fiquei imaginando como o atestado acadêmico deveria ser tomado em um exame oral, como asseguraria o entrevistador do conhecimento de Lima. Era ele inquirido, ou a erudição do escritor era conhecida?

Na sequência, a ficha continua, com certa surpresa, por Lima ter mencionado autores prediletos, como *Bossuet, Chateaubriand, Balzac, Taine e Daudet*. Lima parecia tomar as rédeas de sua vida nessa altura e chega a atestar conhecimento de *inglês e francês*. De todo modo, lembro da estranheza com as letras muito desenhadas, danificadas pelo tempo, e com as impressões de sua biografia na memória. Acabei identificado a Lima. De todo modo, desprendo a memória agora, que se você a lê é por ausência de cuidado, ou coragem de marcá-la. Porque a escrita em primeira pessoa as vezes nos convoca, mais do que estamos pronto a oferecer. De todo modo creio ser necessário somar experiências para marcar a lógica estrutural e estruturante daquela negritude que faz divisa com a branquitude pela miscigenação.

Lembro que quando saí do Vale do Jequitinhonha, e devido a sua proximidade com a Bahia, a categoria racial *pardo* ainda funcionava muito bem a mim, que criado pela parte de maioria branca de minha família e com a *vantagem* de ocupar a classe média baixa, não me achava diretamente identificado à negritude que lá tem marcações de cor muito definidas. Os incômodos dos racismos só me foram possíveis, quando, na capital do Rio de Janeiro, despossuído da guarda de minha família e onde a classe média baixa é visivelmente muito mais próxima da pobreza do que da elite, pude simbolizar os fatos de maneira outra. E encontrar coletivos, agrupamentos, pessoas com marcas e marcações como as minhas, que expunham a contradição da categoria *pardo*. O que me fazia estremecer era por tanto tempo ter vivido com memórias marcadas, angústias que não tomavam forma, simbolizavam algo em meio à penumbra que a falta de *consciência de raça* me imputava. De todo modo, eu,

⁴⁴ Ficha de entrada de Lima Barreto no Pavilhão de Observações. In Caderno de observações clínicas de 21 de Jun a 01 de set de 1914, Nº 170, UFRJ: IPUB

moleque do interior, achei que no bairro de Vila Isabel poderia, descalço, de regata e bermuda, atravessar a rua para comprar algo de comer na mercearia da frente. Final de período e qualquer um que é não somente acadêmico, mas estrangeiro para devir academia, sabe como nesses períodos acumulamos afetos e obrigações que só são possíveis de serem elaboradas a posteriori. O diploma, caro leitor, é um algo que perseguimos arduamente quando não acumulamos privilégios nessa vida. Bem, fui parado por um policial e colocado na parede. Não entendia o porquê e muito menos o motivo daquela arma tocar minha pele. Saltei de medo ao recordar que não estava com a documentação. Já sabia das estatísticas que acabavam aumentando após situações como aquela. Foi então que, sendo requisitado à documentação, fiz uso do mesmo artifício que suponho ter Lima acolhido. Ali, um corpo miscigenado sofre o racismo de maneiras específicas e são essas especificidades de nossa história que nos fazem ter um conhecimento que vem não racional, mas da memória dos acontecimentos que acabam por fazer morada em nosso corpo, e, a essas horas, saltam para fora dele. Rebusquei a linguagem, afirmei estar estudando para provas finais, citei meia dúzia de nomes não acessíveis àqueles que não reconhecem as cadeiras da Psicologia e atestei com o peso da UFRJ. Se antes minha branca família e minha branca classe social me serviam como cortina, naquele momento usei a *vantagem* de ser parte da branca academia para pular para fora da estatística e entrar em outra. É claro que o perfil da miscigenação, hoje em minha pele mais clara que a de Lima, se alterou. Porém, os efeitos são similares. Enfim, largo essa lembrança para dizer do que até aqui pode estar confuso em função de alguma anacronia, ou lugares e performances diferentes por sermos de tempo e espaços outros. Mas, também, para dizer dessa negritude que segue ainda hoje com efeitos de um racismo à brasileira. Efeitos que constroem de forma singular o reconhecimento do nosso corpo e a forma em que este é lido. Que acaba por uma suposta fuga de si orientando olhares de auto ódio e perversidade na escolha do opressor numa suposição de falsa identificação, ou pertencimento. E se antes o Lima *branco* de uma primeira internação já era complexo pela contradição da negritude que seguia exposta em sua foto logo na primeira página, o que direi sobre o Lima de uma segunda internação que se enrola na pardice⁴⁵ e sua completa indiferenciação e intensão de embranquecimento?

⁴⁵ Pardice. Relacionada à categorização de cor da população brasileira miscigenada. Que corresponde a 45,06% dos brasileiros (IBGE, 2015). Que devido ao processo de embranquecimento e à baixa consciência racial faz com que seja um conceito complexo de autoidentificação e problemático nos dias de hoje, quando tomamos a luta pelo racismo estrutural no Brasil.

Imagem 5 - Primeira página da ficha de observações clínicas na internação de 1919.

329

INSTITUTO DE NEUROPATHOLOGIA

Nome *Afonso H. de Lima Barreto*
 Vir *parça* Idade *38 anos*
 Nacionalidade *brasileira* Estado civil *solteiro*
 Profissão *jornalista*
 Filiação _____
 Entrada *em 25 de Dezembro de 1919*
 Saída *transferido em 30 de Dezembro de 1919*
 Falecimento _____ Causa morte _____
 Diagnóstico *Alcoolismo*



N.º de entrada _____
 Deu-se a primeira em *18* de *Agosto* de 19 *18*, tendo observação no livro n.º *161* pag. *315*
 A última entrada foi em _____ de _____ de 19 _____

OBSERVAÇÃO — Estado actual do doente

Fonte: acervo do IPUB.

É categorizado como pardo que Lima chega, no dia 25 de dezembro de 1919, pela segunda vez, no Hospital Nacional de Alienados. Dessa vez, ele mesmo afirmava em seu *Diário*: “estou seguro que não voltarei a ele (hospício) pela terceira vez; senão, saio dele para o São João Batista⁴⁶, que é próximo”⁴⁷. Na ficha da segunda internação não constam as informações adicionais, nem aquelas informações detalhadas como na primeira ficha; somente a folha de rosto. Lembro-me de perguntar à bibliotecária, Cátia Matia, do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB) sobre as fichas seguintes. O IPUB, antes Instituto de Psicopatologia e Assistência a Psicopatas, fundado em 1893 com o Pavilhão de Observação - era uma instituição de entrada. A faculdade ficava dentro do complexo do hospício, tinha independência da Santa Casa, que geria o Hospital Nacional de Alienados, e somente mais tarde todas as instituições ficariam sob a responsabilidade da Assistência Médico-Legal de Alienados. Cátia me conta mais dos bastidores e das discordâncias políticas entre a faculdade

⁴⁶ Cemitério São João Batista, localizado no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro.

⁴⁷ Barreto (2017, p. 35).

de medicina e a Santa Casa, que só foram resolvidas ao passo que a psiquiatria se fortaleceu enquanto proposta pública de intervenção naquilo que se considerava uma questão de saúde pública: a alienação. Saí da biblioteca com várias informações históricas para procurar, indícios da história do saber psiquiátrico que se engendram na história do Brasil, e a certeza que as anotações feitas sobre o Lima quando nas dependências do Hospitais não mais existiam tendo somente as anotações do pavilhão de observações.

Imagem 6 - foto das primeiras páginas das fichas de observações clínicas das internações de 1914 e 1919

INSTITUTO DE NEUROPATHOLOGIA

Nome: *Afonso L. de Lima Barreto*
 Idade: *38 anos*
 Nacionalidade: *brasileira*
 Profissão: *jornalista*
 Estado: *solteiro*
 Data de entrada: *25 de Setembro de 1914*
 Data de saída: *30 de Setembro de 1914*
 Diagnóstico: *Alcoolismo*

INSTITUTO DE NEUROPATHOLOGIA

Nome: *Afonso L. de Lima Barreto*
 Idade: *38 anos*
 Nacionalidade: *brasileira*
 Profissão: *jornalista*
 Estado: *solteiro*
 Data de entrada: *25 de Setembro de 1914*
 Data de saída: *30 de Setembro de 1914*
 Diagnóstico: *Alcoolismo*

DADOS ANTROPOMÉTRICOS		
Altura	Arco bi-scapular	Diâmetro nat. post.
Busto	bi-articular	transverso
Grande abertura	bi-mastóides	bi-mastóides
circunferência	n. b.	bi-articular
Arco anterior	n. b.	bi-scapular
posterior	n. b.	bi-scapular
lateral direito	n. t.	direita
esquerda	b.	esquerda

Para por ocasião da entrada: *Observações*
 Para por ocasião da saída: *Observações*

Exame geral: *Exame observado e não há sinais de boa coloração da pele, pele aparentando estar seca, de aspecto amarelado, com ressecamento da pele, com ressecamento da pele, com ressecamento da pele.*

Fonte: acervo do IPUB.

Nas diferenças entre as fichas, a profissão também foi alterada, agora, talvez mais respeitada a vontade do escritor que abominava a Secretaria de Guerra, foi ali anotado como *jornalista*⁴⁸. O *alcoolismo* segue como diagnóstico, bem como, possivelmente, o tratamento à base de purgativos e ópio. E o que agora é impossível de desviar o olhar é a foto, em preto e branco que, contrastando com o olhar profundo da primeira internação, é distante o olhar: a cabeça levemente tombada para o lado, cabelo desganhado e olhos fundos. De 1914 a 1919 parece, pelas fotos, que se passou toda uma vida. É esse Lima vencido que dá entrada no hospício e que consegue desejar um cenário perfeito para seu fim:

⁴⁸ Ficha de entrada de Lima Barreto no Pavilhão de Observações. In Caderno de observações clínicas de 26 de Nov a 30 de Dez de 1919, Nº 223, UFRJ: IPUB

Ah! Meu Deus! Ontem, matou-se um doente, enforcando-se. Escrevi nas minhas notas: “suicidou-se no Pavilhão um doente. O dia está lindo. Se voltar a terceira vez aqui, farei o mesmo. Queira Deus que seja um dia tão belo como hoje”. Não me animo a dizer: Vencestes, Galileu, mas, ao morrer, quero com um sol belo, de um belo dia de verão! (BARRETO, 2017, p. 68).

Não sei muito sobre como Lima resolvia sua *mania de suicídio*⁴⁹, que ele afirmava ter *desde menino*⁵⁰, decerto não foi somente uma fórmula aplicada em todos os episódios. Porém, em toda a sua obra vejo uma função que ele destinava ao ato de escrever. Não o fazia por profissão somente, havia uma necessidade. A literatura para Lima teria uma função tão fundante em sua existência que muito era necessário colocá-la em jogo, testá-la e levá-la ao limite; fazê-la torcer, espremê-la numa tentativa quase limiar entre o fato e sua própria existência. Para isso era preciso fazer a realidade caber dentro das letras e, muito mais do que os contornos da forma, fazer forma e conteúdo do mesmo substrato alegre e triste, mas não só, complexo e incompleto, tal como é a realidade.

Um texto em que expõe o que esperar da literatura, publicado em 1921, deveria ter sido apresentado por Lima ao público durante uma viagem ao estado de São Paulo, mas o escritor não soube lidar com suas inseguranças e acabou sendo encontrado alcoolizado, assim como nas ruas do Rio de Janeiro. No texto intitulado *O destino da Literatura*⁵¹, Lima expõe de maneira elaborada o lugar da Arte e, mais especificamente, da Literatura na humanidade. Com um tom acanhado, Lima começa dizendo de suas incertezas, que sempre o levaram a não proferir falas em público: da retórica à beleza física, bem como o modo pelo qual percebe ser fundamental alguns atributos para ser, ao menos na cidade do Rio de Janeiro, um bom palestrante. Em uma conferência literária estes atributos não são necessários, mas ainda assim teria que enfrentar um temor que é a resposta quase imediata do público, que poderia se apresentar em algum *gesto de impaciência mal sopitado, uma manifestação de cansaço, um cochicho, enfim, o menor sinal de reprovação do auditório*⁵² e, provavelmente, assim, tomaria o escritor e desnudaria suas angústias. Com este desalento e certo temor de estar sempre incomodando com excessos em referenciais, Lima Barreto continua lançando sua ideia, anunciando que, provavelmente, aquela seria sua primeira e última conferência já que pretendia finalizar sua carreira literária. Fiquei divagando naquilo que compõe o *não-lugar*⁵³

⁴⁹ Barreto ([Diário Íntimo], 16 jul. 1908).

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Barreto (1921).

⁵² Barreto (2017, p. 265).

⁵³ Não-lugar como a problemática que o negro brasileiro enfrenta de se reconhecer, se apropriar de sua cultura, em particular aquela experienciada pelos de peles claras e os efeitos que estes sofrem advindos do processo de miscigenação como política de embranquecimento. Resultando na permissividade da branquitude de alguns

tão grande que deveria sentir Lima, por ser um homem negro, em um lugar de visibilidade. Nos acostumamos a lugares marginais, acreditamos em alguma medida nessa historieta, nessa farsa de que não nos cabe o centro. Lembro, ao visitar o quilombo urbano, Aparelha Luiza, em São Paulo, de segurar as lágrimas ao ler a frase quando cheguei na entrada: *Você tem que parar de achar que está no lugar errado*. Será que Lima nunca proferiu uma palestra por achar que seu corpo, sua existência não pertenciam àquele lugar? Ainda que nunca possa ter esta certeza, o início do texto e as explicações, pondo-se nu em suas incertezas, assim como o tom cabisbaixo em que segue a leitura, devido às desculpas e à sensação suposta de incômodo, ressoaram em mim.

No texto, Lima segue com sua construção teórica, relembrando das perguntas que se fez nas primeiras vezes em que publicou seus textos e que, certamente, já passou pela cabeça de qualquer um que se proponha a trabalhar com Literatura: a dúvida da função ou a utilidade daquilo que se faz. Resgata, ainda, a não concordância entre filósofos, sociólogos, doutrinários e moralistas sobre a não importância da arte; e chega a citar Platão, que não admitia artistas no seu Ideal de República. Sobre essa incerteza, o escritor é cingido pelo seu ideal e afirma que haverá sempre a discordância enquanto todos não compreenderem que o *“fenômeno artístico é um fenômeno social e o da Arte é social, para não dizer sociológico”*⁵⁴. Continua citando Liev Tolstói, em *O que é arte?* no qual a definição do que é belo, a estética, é o que funda o valor da arte. Achando que não seria interessante, Lima sugere que esse tema passaria por Hegel, Taine, Guyau, Brunetière e outros, mas que não seria tão minucioso nas elaborações teóricas para não perder o interesse da escuta de quem o assistiria. Porém, na interrogação sobre o que é o belo, Taine seria sensato quando afirmou que belo *“é a manifestação, por meio dos elementos artísticos e literários, do caráter essencial de uma idéia mais completamente do que ela se acha expressa nos fatos reais”*⁵⁵. Assim, Lima então afirma que a beleza sobre a qual uma obra literária se apoia não passa pela forma helenística, da Grécia antiga, ou pela exterioridade da obra nas suas formas e formatações. A beleza de uma obra de arte e, por assim dizer, da Literatura, reside na capacidade de exprimir certo pensamento humano, certa ideia que só é possível compreender porque somos do gênero

lugares àqueles que ainda subordinados atestam o sucesso do embranquecimento... A produção do não-lugar da negra/do negro no Brasil atende às lógicas de controle e de extermínio dessa população por parte do Estado, bem como às da estrutura social racista que quando não atribui ao negro o lugar de subalternidade, o condena à invisibilidade (LACERDA NETO; FRANÇA, 2019).

⁵⁴ Barreto (2017, p. 266).

⁵⁵ Barreto (2017, p.268).

humano, somos vivos. Lima ainda se utiliza da vida de Raskolnikoff⁵⁶ para ilustrar como a personagem de Fiódor Dostoiévski contempla, em sua trajetória, uma ideia, uma certa moralidade da ideia de homicídio. E ressalta que uma simples ideia não faria bela uma Literatura caso não fosse ela capaz de transformar o argumento, a ideia, em sentimento, sendo, assim, capaz de ser assimilável à memória, incorporada pelo leitor. Para isso, se faz uso de recursos e técnicas, não somente é a técnica bela, está ela a serviço do artista para tornar sua ideia, sua beleza, expressa. Por ser capaz de comunicar, por uma beleza própria, um ideal antes singular, que a arte tem um poder de coletividade que reside na sua potência de comunicar afetos.

Passemos além: mais do que nenhuma outra arte, mais fortemente possuindo essa capacidade de sugerir em nós o sentimento que agitou o autor ou que ele simplesmente descreve, a arte literária se apresenta com um verdadeiro poder de contágio que a faz facilmente passar de simples capricho individual, em traço de união, em força de ligação entre os homens, sendo capaz, portanto, de concorrer para o estabelecimento de uma harmonia entre eles, orientada para um ideal imenso em que se soldem as almas, aparentemente mais diferentes, reveladas, porém, por elas, como semelhantes no sofrimento da imensa dor de serem humanos (BARRETO, 2017, p. 269).

É por essa potência que reside na arte, e logo mais neste texto me inclinarei a escrever melhor sobre isto, que o escritor critica a necessidade de uma arte orientada na forma grega de se fazer arte; sobretudo por ser a Grécia antiga desconhecida por muitos brasileiros. Além disso, a Grécia antiga representaria somente vestígios do que era enquanto uma sociedade viva. Nunca alcançando dela o que nos é importante, correríamos o risco de acabar desvirtuando da potência que reside no trabalho de criação “*para procurar a beleza em uma carcaça cujos ossos já se fazem pó*”⁵⁷. Lima ainda afirma que mesmo se a Grécia fosse somente uma beleza plástica e tivesse aí o seu ideal – o que não é verdade –, o tempo, a modernidade⁵⁸, as novas concepções e descobertas modernas que alargam o mundo, a consciência da humanidade, bem como suas relações fizeram com que a arte, e, assim, a Literatura tivesse não mais a beleza como destino único, para ser muito mais variada e intensa naquilo em que se propõe. Fazendo com que o passado seja um algo que não “*pode mais falar, talvez nem mesmo balbuciar, e o que nos tinha a dar já nos deu e vive em nós*”

⁵⁶ Crime e castigo, publicado em 1866.

⁵⁷ Barreto (1921, p. 268).

⁵⁸ Modernidade neste texto será sempre entendida como esse marco em que a humanidade inventa a temporalidade histórica. Em que a racionalidade toma forma discursiva e a ciência é elevada como lugar sublime da experimentação do mundo. Deslocando outras formas de experiência para fora da humanidade como afirmou Agamben(2005) em *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Criando o sujeito moderno que se supõe autônomo e de historicidade linear.

inconscientemente”⁵⁹. O escritor ainda compara a arte com a nutrição, que ainda que tenha o prazer envolvido, ninguém ousa dizer que o prazer é centro e única potência da nutrição, já que se come também para se conservar a vida. Sobre essa extensão, essa potência de vida, que Lima assume que é a Literatura, como toda a arte, capaz de tornar a humanidade maior que seu tempo e espaço. Desse modo, é capaz de alargar aquilo que nós, enquanto espécie, temos de qualidade a nosso favor: a inteligência. E enquanto inteligentes e munidos de um ideal comum poder trabalhar em um projeto mais justo de sociedade.

A arte, tendo o poder de transmitir sentimentos e idéias, sob a forma de sentimentos, trabalha pela união da espécie; assim trabalhando, concorre, portanto, para o seu acréscimo de inteligência e de felicidade. [...] Fazendo-nos assim tudo compreender; entrando no segredo das vidas e das coisas, a Literatura reforça o nosso natural sentimento de solidariedade com os nossos semelhantes, explicando-lhes os defeitos, realçando-lhes as qualidades e zombando dos fúteis motivos que nos separam uns dos outros. Ela tende a obrigar a todos nós a nos tolerarmos e a nos compreendermos; e, por aí, nós nos chegaremos a amar mais perfeitamente na superfície do planeta que rola pelos espaços sem fim. [...] Atualmente, nesta hora de tristes apreensões para o mundo inteiro, não devemos deixar de pregar, seja como for, o ideal de fraternidade, e de justiça entre os homens e um sincero entendimento entre eles. E o destino da Literatura é tornar sensível, assimilável, vulgar esse grande ideal de poucos a todos, para que ela cumpra ainda uma vez a sua missão quase divina (BARRETO, 1921, p. 269).

Lima era abertamente anarquista – e no trecho acima é possível ver a influência do anarquismo de Tolstói e de Kropotkin⁶⁰ –, o que não se limita à uma posição política. A Literatura para Lima deveria propor-se militante. Ou seja, servir como ferramenta para a construção e implicação de uma sociedade outra, o que certamente não se limitava a uma luta de classe ou construção de ideal político; mas, sim, de construção de uma política comum, uma sociedade possível a todos.

O termo *Literatura Militante*⁶¹ não foi cunhado por Lima Barreto. Já existia muito antes. Em seu texto *Literatura Militante*⁶², publicado em 7 de setembro de 1918 na revista A.B.C, o escritor, rebatendo críticas à Literatura do francês Anatole François, retoma o conceito. Talvez tenha sido ali que muito do que vimos no texto de 1921 tenha sido elaborado enquanto ideia. De qualquer maneira, é importante que até aqui tenham sido bem expostas não somente marcações que atravessam a vida e história de Lima Barreto, como, também, o

⁵⁹ Barreto (1921, p. 269).

⁶⁰ Lima cita no início do texto a obra de Graf Leo Tolstoy “O que é a arte?”, de 1897. E por ser um leitor da literatura russa e anarquista libertário fiquei com curiosidade se teria Lima também lido “Mutualismo: Um Fator de Evolução”, de Piotr Kropotkin. Principalmente na ideia de “Ajuda Mútua” que o pensador elabora.

⁶¹ Lima, em seu texto “literatura militante” afirma ter encontrado o texto pela primeira vez na obra “Prosas Bárbaras” de José Maria Eça de Queirós.

⁶² Resende (2017).

lugar da Literatura enquanto destino outro, como promessa boa de futuro. É desse futuro que, em *Literatura Militante*, Lima incumbe à Literatura. Nesse sentido, além de militante a Literatura precisa ser brasileira. Essa posição cruza o projeto literário modernista dominante – e aqui entendo Lima como moderno⁶³ –, mas se difere enquanto intervenção e proposta revolucionária. Para Lima não seria possível uma Literatura brasileira se continuássemos com uma farsa de país alicerçado em outras nações, como Portugal, e não focássemos nossa construção no que temos: o futuro. Para isso seria necessário assumirmos novos paradigmas, desprendidos de quaisquer privilégios importados de outras terras ou heranças. Teríamos que nos assumir novos no sentido inconveniente do termo, já que o novo pressupõe o que não se tem como previsível e a exatidão da certeza é o que a muitos conforta. E a isso a estrutura de raça e classe em uma país que, mesmo quando novo – na figura que aparece na república, o modernismo..., consegue ser fascista, seria demais para muitos privilegiados, mesmo os mais progressistas.

O Brasil é mais complexo, na ordem social e econômica, no seu próprio destino, do que Portugal. A velha terra lusa tem um grande passado. Nós não temos nenhum. Só temos futuro. E é dele que a nossa literatura deve tratar, da maneira literária. Nós nos precisamos ligar; precisamos nos compreender uns aos outros precisamos dizer as qualidades que cada um de nós tem, para bem suportarmos o fardo da vida e dos nossos destinos. Em vez de estarmos aí a cantar cavalheiros de fidalguia suspeita e damas de uma aristocracia de armazém por atacado, porque moram em Botafogo ou Laranjeiras, devemos mostrar nas nossas obras que um negro, um índio, um português ou um italiano se podem entender e se podem amar, no interesse comum de todos nós (BARRETO, 2017, p. 130).

Assim, para Afonso Henriques de Lima Barreto a Literatura era por imanência revolucionária. E como tal deveria ela dizer dos não ditos, que vivem à espera para serem ditos em uma grandiosa obra de arte. Para isso, será sempre necessário que a história seja vista como um ponto de vista, uma narrativa que se pode rever do ponto de vista de quem não pôde narrá-la.

⁶³ Apesar de comumente associado ao período pré-modernista, o que também não é uma unanimidade, Lima viveu a semana de arte moderna de 1922, morrendo alguns meses depois. Assim, todo o projeto literário de Lima Barreto era contemporâneo àqueles que assumimos como modernos. Lima dialogava com estes atores e se relacionava desde críticas até projetos que em alguma medida se interpõe e marcam o período.

5 A NARRATIVA HISTÓRICA E A HISTÓRIA DA NARRATIVA

Esse capítulo, por pressupor uma marcação histórica outra, não começa, ele irrompe de qualquer lugar para lugar nenhum. Ele descomeça. Não porque ele termina em seu início, mas porque ele surge e se sustenta por incômodos. Antes de mais nada, os meus incômodos de acreditar que um capítulo não sustenta as ausências e contraditos inerentes a uma narrativa histórica contra hegemônica. Então, a *suportância* que dá consistência a este capítulo não mais é a necessidade da fala, da construção de memória, como as que foram surgindo com os marcadores que elenquei para narrar a vida de Lima Barreto. Aqui o que suporta é o dever. Uma certa obrigatoriedade em contar uma história outra. E disso apresento um outro incômodo: o de escrever com todo meu axé, sem entregar toda minha dor. Porém, terá você também que lidar com algum sofrimento por encontrar nesse texto qualquer obviedade não tão óbvia assim. Se localizar a necessidade da escrita de Lima em sua história é uma necessidade, é um dever dizer que sua escrita não surge para si somente. Não poderia. Ele deveria, ainda negro, não se ver enraizado a uma estrutura racial. Deveria ser abandonado pela conjuntura que marca a cada tempo-vida sua existência. Lima deveria não existir. E mesmo não existindo, a hipótese de sua existência seria marcada. Assim, Lima, eu, meu avô, como quaisquer negros que caminhem pelas terras desse e daquele Brasil terão marcadas essas narrativas que rançosamente coexistem.

A construção deste texto acompanha, quase como a costura de uma colcha de retalhos, o processo de montagem de uma linha narrativa, que necessariamente precisa transpor planos e discursividades tidas como universais. Como colchas de retalhos, se pudesse falar das costuras, diria que foram feitas em dois tempos: um em que se costura por afinidade dos retalhos, com uma certa beleza que salta aos olhos, em geral com grandes pedaços que logo ajudam a dar um primeiro contorno do longo tecido que vai se formando. E, em um segundo tempo: retalhos menores, os detalhes, bordas e bainhas que fecham o sentido de toda a costura. De igual maneira, a angústia de narrar uma história negra deve ser contada na minúcia, os retalhos são todos de médio ou pequeno tamanho. E se Lima pode ter suas andanças contadas foi porque, em algum momento, sua história foi guardada, e aqui o esforço de sua irmã Evangelina foi fundamental. No entanto quando se fala da história do oprimido e de suas coletividades, e as linhas desenhadas por toda a costura que segue remendada, encontramos uma menor permissividade de que esta seja narrada. Afinal, o oprimido sempre será culpado por desvendar os porquês da opressão, apontar a fragilidade do fundamento da monstrosidade humana.

Primeiro é importante que se entenda a questão da raça como estrutura social. Não somente como efeito de um outro conjunto de signos, que a implicamos no interior de uma conjuntura de determinada sociedade. Poderia, então, sinalizar que a questão racial é o próprio regime de signos que fundamenta, ainda que na distorção de muitas realidades, todo o funcionamento social.

[...] O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção (ALMEIDA, 2019, p. 50).

Em segundo, ainda que possa compor análises em nível global em algum momento, isso só terá efeito na necessidade do entendimento da narrativa brasileira, já que a ideia é compreender onde se inseriu e se insere a literatura de Lima Barreto, buscando então abranger o contexto, o que faz fronteira e, muitas vezes, inunda suas obras.

Quando olhamos hoje as inferências tomadas sobre uma situação racista, o que nos salta aos olhos é uma relação de desigualdade aportada em marcadores físicos. Não atentarei nas complexidades desses marcadores no Brasil, mas vale registrar que um dos vetores que atuam sobre o marcador físico é a miscigenação, tal como insidia sobre a história e a escrita de Lima Barreto. No entanto, o que muitas vezes não nos é perceptível é quem fundamenta, quem dá direito, legitima que um ser humano não só se suponha, mas se constate superior a outro sobre os mesmos regimes e ornamentos legais - mais à frente direi sobre as nuances do fundamento e como ele se origina sempre em uma lógica fundamentalmente opressora. Evidente, no contexto de Lima, o Estado era assumidamente racista. Era ele quem outorgava a perversidade da branquitude em experiências como a escravidão. Hoje, o mesmo Estado, ainda que o aparato legal protegido no *artigo quinto da constituição*⁶⁴ diga o contrário, continua concedendo benefícios à branquitude, como, também, é ele quem realiza o genocídio da população negra. Se com todas as atualizações do Estado brasileiro a relação de raça não foi alterada, o que se torna evidente é a íntima relação branquitude-Estado, e é sobre ela que me debruço adiante.

Da branquitude compreendo todo o conjunto de práticas e discursos que implicitamente - mas não só, cabendo tudo aquilo que nos salta aos olhos - exercem poder, dissimulando as relações e impondo seu simbólico na inscrição da realidade. Deste modo,

⁶⁴ Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...] (BRASIL, 1988).

figura a partir dela própria o ponto de partida para compreensão da supremacia daqueles que compartilham dos mesmos signos, ou seja, o interior do que convém chamar de raça branca, subjugando tudo aquilo que não está circunscrito no ideal branco por representar, assim, um atentado ao seu privilégio⁶⁵. E, sobre o Estado, seria necessário recorrer aos filósofos contratualistas, Hobbes (1651), Locke (1689), Rousseau (1762) e Kant (1797), para compreender as análises do instrumento normativo. O Estado foi teorizado na branquitude como esse grande *Leviatã* que atuaria sobre os interesses singulares, no intuito de agir conforme o bem da coletividade, a partir de um contrato firmado por todos. No entanto, os erros que ficam marcados de início são, não somente, os das teorizações realizadas após um evento importante, a racialização do mundo pela branquitude. Mas, também, de termos todas as flexões teóricas, as construções da verdade sobre o Estado pensadas no interior da própria branquitude. Dessa forma, indicando a proposta para onde caminho com esse texto, expõe justamente o intuito do Estado de agir conforme o bem de uma determinada coletividade. Se me permite a quebra do suspense, esse coletivo determinado a quem o Estado deve proteger é a própria branquitude. Ou seja, muito mais que defender o povo branco, o Estado deve proteger tudo aquilo que dele deriva, extinguindo o que a ele é tido como ameaça. Mills (1997), quando teorizando sobre o contrato racial, a ideia contrária a este contrato que tenho dito, aponta o Estado enquanto mantenedor do privilégio branco.

Uma sociedade organizada racialmente, um Estado racial e um sistema jurídico racial, onde o *status* de brancos e não-brancos é claramente demarcado, quer pela lei, quer pelo costume. E o objetivo desse Estado, em contraste com o estado neutro do contratualismo clássico, é, *inter alia*, especificamente o de manter e reproduzir essa ordem racial, assegurando os privilégios e as vantagens de todos os cidadãos integrais brancos e mantendo a subordinação dos não brancos (MILLS, 1997, pp. 13-14, *grifos do autor*.).

O que expõe Mills (1997) em sua obra é uma leitura conceitual que une os arranjos teóricos situados em uma branquitude que, devido ao seu autocentramento, não atinge a realidade e os modos de existência da negritude confrontados com o real das questões de conquistas, tais como o imperialismo, colonialismo, direitos sobre a terra, raça e racismo, escravidão, negritude, reparações, autenticidade cultural, identidade nacional, etc. Ao Lima da virada do século XIX para o século XX isso se apresentava numa possibilidade de extinção daquilo que se poderia surgir enquanto possibilidade. A priori eram as estruturas sociais as que cavariam um lugar social e ditariam da impossibilidade de fuga para um outro como

⁶⁵ Frankenberg (1995).

legitimador do racismo. Por isso, talvez, Lima tenha encontrado no anarquismo, e seu ideal libertário, um algo que intensificava sua existência e traçava uma possibilidade de futuro.

Não posso deixar de constatar sobre o meu tempo, como se fosse possível dobrá-lo igual folha de papel e perceber que dois pontos em extremidades opostas pudessem ser feitos pelo mesmo objeto perfurante. Vivo no Rio de Janeiro de 2020, cento e trinta e dois anos após a tal Lei, que daqui não me parece ter brilho algum – a Lei Áurea. Com o Lima vencido do *Diário do Hospício*⁶⁶ tenho tamanha identificação que me vejo tomado pelo desânimo. O desânimo não me tomou por completo, é verdade, afinal escrevo com este resto... Talvez, por alguma vantagem de raça ou de classe. Talvez por ocupar um lugar menos adoecido que aqueles que habitam as favelas, que seguem alvos de balas de fuzil, do alto, por helicópteros. Por não ser uma mãe ou pai que vê suas crianças mortas com uniformes a caminho da escola ou uma família que recebe oitenta tiros de fuzil, tudo isso sob o espectro que criamos do valor da vida e a ideia de raça que carregam em suas negras vidas⁶⁷. Os sonhos de Lima seguem sendo sonhos e, daqui, o futuro parece algo muito sombrio. A única luz que tenho é escrever sobre e na escuridão.

É sobre essa ação direta aos corpos negros que nos convoca a pensar o fundo dessa estrutura social, a questão racial que funde a sociedade. Para Quijano (2015), é justamente no colonialismo, que houve a fixação da questão racial estruturante, quando no interior da lógica colonial a branquitude europeia é apontada como máximo evolutivo da humanidade, criando um maniqueísmo frente a tudo aquilo que se apresentava como diferente dela. Assim, as raças foram criadas pela branquitude para explicá-la como superior, cravando no outro o que deveria ser abominado por corroer a dita evolução humana. Então, o racismo, enquanto aplicação pelo Estado do *biopoder* – tecnologia que instrumentaliza e atualiza a gestão da vida, tal qual pensado por Foucault (1987) –, é a perversão que parte de marcadores físicos para seccionar toda a humanidade em grupos e hierarquizá-la com base nas dessemelhanças

⁶⁶ Barreto (2017).

⁶⁷ Durante a escrita o Rio de Janeiro estava sob a intervenção do exército brasileiro. Os episódios narrados no texto fazem referência ao dia em que o então governador do Estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, sobrevoou favelas com o helicóptero usado em operações, exibindo o ato como publicidade das intervenções de seu governo e as justificando com falas como “acabar a bagunça” e “botar fim na bandidagem”. Operações como estas resultaram em recordes de números de mortos nas favelas fluminenses. No texto ainda é referido à morte de Marcos Vinícius, de 14 anos, morto durante operação policial no complexo de favelas da Maré. O adolescente que foi morto com tiros vestindo o uniforme da escola fala para a mãe antes de morrer 'Mãe, eu sei quem atirou em mim, eu vi quem atirou em mim. Foi o blindado, mãe. Ele não me viu com a roupa de escola?'. E ainda a morte de Evaldo dos Santos Rosa que teve disparado contra o seu carro oitenta tiros de fuzil, quando levava a família para uma festa de amigos.

com a branquitude europeia. Como vimos até aqui, cabe ao Estado a eleição de quais vidas devem ser preservadas e quais podem (deixar) morrer. O que constatamos é que a partir da raça são elevadas as demais diferenças para a descrição minuciosa que atua do interior das políticas públicas à nossa seletiva empatia. Assim, é o próprio racismo que emerge da estrutura social, atualizando-se no tempo e espaço; e suturado nos modos de agir, pensar e sentir de todo e qualquer sujeito social, compõe nossa subjetividade. O que nos coloca em questão é o que houve no momento em que a humanidade encontrou a diferença no seu semelhante. Muitas teorias até aqui foram pensadas desde as especificidades dos territórios, o nomadismo e da propensão à xenofilia ou xenofobia⁶⁸. O que não necessariamente nos ajuda nos refinamentos com que o Estado Brasileiro realizou na aplicabilidade do racismo e reconhecimento da negritude. Ainda que nos ajude a pensar as origens do racismo enquanto estrutura e problemática da brancura.

De toda forma, é possível constatar que o que funda a questão racial em nossa sociedade e faz irradiar o racismo nas nossas formas de existir e relacionar é o medo. Veremos mais à frente como isso se fundamenta. Fato é que a aversão à diferença é tamanha que nos faz criar e atualizar formas de captura e opressão do diferente. Na história do Brasil, na construção da ideia de Nação e Povo, esse medo é sentido por todos de maneiras múltiplas. De um lado temos a negritude que ainda vivia cativa sem nenhuma prerrogativa, e outros que sentiam a incerteza da continuidade de todos ou algum benefício adquirido pela vantagem, seja pela posição de proximidade com a branquitude devido à miscigenação, seja pelo uso da nova estrutura de classe que já se desenhava no Brasil da virada do século XIX. Desses últimos, a diferença marcada entre vantagem e privilégio – sendo a primeira as concessões atribuídas por quem detém o privilégio, e o segundo aqueles que centralizam o poder – fica caracterizada na perda de algum ou todo benefício, que ocorre quando o Brasil enfrenta uma reorganização política, econômica e ideológica na virada do século XIX para o XX para se afirmar enquanto moderno e republicano. Temos neste momento uma nova classe social, a

⁶⁸ Em *Racismo e Sociedade – Novas Bases Epistemológicas para entender o racismo*, Carlos Moore (2007) refuta a ideia de que o racismo tenha base somente no sistema de plantation e o sistema escravagista moderno. Afirmar que ele remonta a 3 e 4 mil anos, havendo em 1700 A.C. exemplos concretos de atividades racistas. Na obra o autor discorre sobre a cor mais escura que teriam os primeiros humanos. Os povos melanodérmicos, assim chamados pela tonalidade escura da pele, tinham esta característica pela alta incidência solar e a necessidade de proteção. Estes que teriam surgido há 3 milhões de anos, o que regula com o surgimento da humanidade, se espalharam pelo globo. No entanto, quando os humanos modernos saíram do que hoje conhecemos como território africano, há 50 mil anos, e chegaram a lugares com pouca incidência de luz solar, os melanodérmicos morriam pelo mínimo de luz ultravioleta. A seleção natural fez com que surgissem então os povos leucodérmicos. A ideia de raça então só é concebida quando estes grupos se encontram e resolvem as diferenças de maneiras culturalmente diferentes. Resultando em episódios violentos da história da humanidade.

burguesia, que dita os rumos do país por deter o capital e por isso é preciso se mostrar branca, já que ainda que classe e raça sejam coisas distintas elas se coadunam na dinâmica social brasileira. É uma classe aristocrática que precisa se distanciar da negritude por ser a sua herança o que lhe confere poder social. Essa busca pelo distanciamento impacta a família Barreto que, como mostrado, em poucos anos viu suas vantagens, que acenavam para um futuro outro, desmoronarem. Não foi um caso isolado, já que não só a negritude agora oferecia um risco concorrencial por “entrar” na humanidade e poder gozar da liberdade, enquanto homens e mulheres livres, como fazer uso da nova classe, a burguesia que se desenhava e que precisava ser assegurada, garantindo que a estrutura de classes continuasse servindo à branquitude. É o Estado Brasileiro que será, mais uma vez, o segurador da branquitude, projetando o sistema capitalista afiançado para ela, como feito pela Lei de Terras de 1850, anterior à abolição, que garantiu a distribuição de propriedades aos imigrantes que mais tarde foram trazidos pelo Estado. Não assegurar o direito à terra, à propriedade, era não conferir autonomia e poder aos negros que agora não mais teriam seus corpos cativos. Por outro lado, o medo se instalava na branquitude brasileira, que precisava se consolidar já que a miscigenação e a maioria numérica de negros durante o século XIX apontava para uma revolução quase inevitável. Muitas de fato ocorreram: as grandes, como o levante baiano da Revolta dos Malês, ou mais setorizadas, como as insurreições que se espalharam por todo Brasil, principalmente no Oeste paulista⁶⁹, com um número crescente de mortes de senhores escravagistas. E se, de fato, nenhuma ordem social foi alterada, não era por falta de exemplo. Já havia na Ilha de São Domingos, na área hoje ocupada pelo Haiti, uma revolução bem-sucedida comandada por Toussaint Louverture. O que é possível observar era o medo sentido por todos durante o século XIX, seja do futuro ser espelho da

⁶⁹ No Oeste Paulista as resistências eram mais intensas pelo perfil mais intenso do escravismo à relação senhorial. Era lá também que se concentrava certo número de novos fazendeiros inexperientes com as práticas escravocratas. Era característica do escravagismo naquele lugar as pessoas escravizadas já terem nascido no sistema brasileiro. Talvez o conhecimento fosse utilizado como revolta. Fato é que a figura do crioulo assassino ali gerava um grande temor à branquitude chegando a figurar na literatura. Como é o caso da obra “As Vítimas-Algozes” do escritor romântico Joaquim Manuel de Macedo, de 1869, onde encontramos a figura do crioulo descrita como resultado do sistema para legitimar um processo de abolição de forma gradual: “Os crioulos são muito mais inteligentes e maliciosos que os negros da África; e, desprezados e flagelados pelo trato áspero da escravidão, que faz do homem instrumento material do trabalho, e irmão da besta de carga, tornam-se inimigos ferozes; e se chega a oportunidade da vingança, ostentam na ferocidade verdadeiro e delirante luxo de malvadeza. O escravo africano mata o senhor, e se afasta do cadáver: o escravo crioulo, antes de matar, atormenta e ri das agonias do senhor, e depois de matar insulta e esquarteja o cadáver. Toda escravidão é perversa; mas a escravidão inteligente é dez vezes mais perversa do que a escravidão brutal. Uma odeia por instinto; a outra por instinto e com reflexão (MACEDO, 1869, p.30).

escravização secular, seja da perda do privilégio. Sobre o medo da branquitude, Azevedo (1988) em *Onda negra, medo branco* disserta:

Ora, perguntavam-se alguns assustados “grandes” homens que viviam no Brasil de então, se em São Domingos os negros finalmente conseguiram o que sempre estiveram tentando fazer, isto é, subverter a ordem e acabar de vez com a tranquilidade, dos ricos proprietários, por que não se repetiria o mesmo aqui? Garantias de que o Brasil seria diferente de outros países escravistas, uma espécie de país abençoado por Deus, não havia nenhuma, pois aqui, assim como em toda a América, os quilombos, os assaltos às fazendas, as pequenas revoltas individuais ou coletivas e as tentativas de grandes insurreições se sucederam desde o desembarque dos primeiros negros em meados de 1500. As três primeiras décadas do século XIX só viriam confirmar estas sombrias expectativas com o desenrolar das insurreições baianas, detalhadamente organizadas pelos haussás e nagôs. E se elas não conseguiram alcançar seus objetivos, nem por isso eram menos atemorizantes. A persistência um dia poderia ter sucesso e em muitos ouvidos educados ressoava, ameaçadora, a cantiga entoada em 1823 nas ruas de Pernambuco: “Marinheiros e caiados/Todos devem se acabar/Porque só pardos e pretos/O país hão de habitar”. Frente a estas expectativas disseminadas de inversão da ordem política e social, de vingança generalizada contra os brancos, os ouvidos educados não só ouviram como começaram a falar e sobretudo a escrever, registrando todo um imaginário em que se sobressai a percepção de um país marcado por uma profunda heterogenia sócio-racial, dividido entre uma minoria branca, rica e proprietária e uma maioria não-branca, pobre e não-proprietária (AZEVEDO, 1987, pp. 35-36).

Sendo assim um projeto de nação precisa ser desenhado, ou melhor redesenhado, posto que o Império já havia repensado e criado o mito falacioso das três raças e do Brasil como terra da democracia racial⁷⁰. Desse modo, no final do Império, as tensões ficavam cada vez mais expostas pela realidade do medo branco saltar dos pesadelos à realidade. Por sua vez, a pressão externa, dado que não existiam mais modelos escravistas pelo mundo, fazia a Inglaterra pressionar o Brasil na extinção do modelo escravista por não conseguir fazer frente ao preço barato do açúcar nacional. Das teorias sobre como deveria se dar o fim do escravismo que se avolumavam em discussões anteriores a 1888 sobressaíam três⁷¹: a emancipatória, que previa uma saída demorada do sistema escravagista e a inclusão da pobreza (escravizados e livres) na dinâmica social com um ideal de nação harmônica e progressista; a abolicionista, que apenas divergia quanto ao término do sistema, acreditando em uma saída imediata; e o projeto imigracionista, que, mais tarde, no jogo de poder será apoiado pelos emancipacionistas, que previa a busca de imigrantes ideais para a formação de

⁷⁰ Tanto no senso comum, como em teóricos do século XX, como Darcy Ribeiro, a ideia da democracia racial que fundamentaria a construção da sociedade brasileira era tida como realidade, com base no desenvolvimento de teorias que criaram o mito de origem da nação fundamentado na raça branca (europeia), negra (africana) e indígena. Essa criação dificulta a visibilidade da estrutura racial, de fato, e permite a distorção do racismo. Florestan Fernandes, em 1972, publica “O negro no mundo dos brancos” onde desenvolve essa narrativa e suas problemáticas (FERNANDES, 1972).

⁷¹ Azevedo (1987).

uma identidade nacional brasileira. Com a abolição, o projeto imigracionista entra em prática e, desse modo, o destino da população negra, ex-escravizada é deslocada da urgência. A pauta prioritária passa a ser a imigração e a qualidade da raça destes que viriam não somente substituir a mão de obra escravizada, mas, também, embranquecer a nação.

O Brasil nos últimos anos do império já possuía uma elite intelectual que se dividia no campo científico e na área das letras, elite esta não só consolidada, devido aos investimentos no meio acadêmico desde a chegada da corte ao Brasil, em 1808, como era original em sua produção. No entanto, os debates sobre a pluralidades de raças no Brasil, e assim sobre a mestiçagem, chegam tardiamente após a abolição, muito carregados das concepções europeias. Os *Homens de Ciencia*⁷², como retratou Schwarcz, tinham ou o pessimismo do determinismo biológico, que afirmava a degeneração do povo devido à presença de raças ditas inferiores, o que tenderia a piorar nos sujeitos miscigenados; ou as proposições de intervenções a partir de uma engenharia genético-social que proporcionaria um melhoramento da raça pelo branqueamento da população.

Um dos maiores defensores da tese do branqueamento era o antropólogo e médico João Baptista de Lacerda, que após apresentar seu artigo *Sur les métis au Brésil*⁷³, no Congresso Universal das Raças, em Londres, em 1911, vira um dos principais exaltadores da melhoria da população Brasileira via embranquecimento. Assim, afirma na conclusão de seu artigo que *antes de um século, provavelmente, a população do Brasil será representada em sua maior parte por brancos, latinos e ao mesmo tempo, os negros e os indígenas sem dúvida desaparecerão dessa parte da América*⁷⁴. Ainda na primeira metade do século XX a eugenia não só tomava forças no Brasil, como fomos o primeiro país das Américas a ter um movimento eugenista organizado. O pensamento inspirado nas ideias criadas por Francis Galton⁷⁵, em 1883, baseadas no conceito de seleção natural de Charles Darwin, defendia a hereditariedade não só das características físicas, como das capacidades, habilidades e comportamentos⁷⁶. No Brasil, as ideias, apropriadas e difundidas pelo médico e sanitarista

⁷² Schwarcz (1993).

⁷³ Lacerda (1911).

⁷⁴ Lacerda (1911, p. 31).

⁷⁵ A ideia de Eugenia aparece pela primeira vez nos escritos de Galton em dois artigos publicados na Macmillan's Magazine: *Hereditary talent and character*, de 1865, e *Hereditary genius*, de 1869. O estudo consistia em análise de materiais biográficos para definir aspectos hereditários de aspectos físicos, morais e intelectuais.

⁷⁶ Galton (1988).

Renato Kehl, ainda na primeira década do século XX, se misturavam com o higienismo⁷⁷, acreditando que as patologias tinham radical moral⁷⁸. De todo modo, as ideias serviram como justificativa científica para a exclusão de pessoas negras, mas não apenas, defendendo que a melhoria racial seria alcançada através de um projeto que favorecesse o predomínio de brancos de descendência europeia no país.

O movimento das práticas e discursividades, se agora não mais poderia enclausurar as existências negras no interior do sistema escravagista, elencava a biologia e, mais propriamente, a medicina como autoridade que poderia dizer da moral, da psique e do futuro da negritude. Construiu-se um dito saber sobre as raças que fundamentava a desigualdade, antes sustentada pela escravidão, patologizando sua existência e a minimizando ontológica e socialmente. E, assim, junto com a liberdade, a negritude era fadada ao lugar de desvio, o outro, a aberração.

Assim, enquanto o Século das Luzes, o XVIII, e o liberalismo político tinham divulgado a concepção de que os homens eram iguais perante as leis, teorias do determinismo social e racial pretenderam concluir o oposto: que a igualdade e o livre-arbítrio não passavam de uma quimera, uma balela da Ilustração. Talvez por isso, na época da imediata pós-emancipação um sábio dito popular circulou pelas ruas do Rio de Janeiro: “A liberdade é negra, mas a igualdade é branca”. A citação se referia à liberdade recém-conquistada pelos negros, com a abolição da escravidão, mas indicava, igualmente, a persistência dos severos padrões de desigualdade no país, problema que ainda aflige os brasileiros (SCHWARCZ, 1993, p. 25).

Os letrados e a produção literária do Brasil do século XIX começavam não mais a ter a produção lusitana como grande referencial; preocupavam-se com a construção de uma literatura nacional e que retratasse as questões e imagens nacionais. No entanto, ainda que os não brancos fossem absorvidos nas imagens do bom selvagem e dos percalços do negro no sistema escravagista, não havia preocupações com as questões destas populações frente à construção do próprio esboço de país que continuava com suas cismas raciais. Já no século XX, o modernismo trará, somado ao uso do que é dito próprio do Brasil e sua mistura racial, os debates de uma literatura que se permite experimentar e flertar com aquilo que não é centrado na branquitude, ainda que seja da perspectiva dela que se tratava na maioria das obras. As experimentações usam as fronteiras raciais para trazer uma construção de sujeito e literatura que devém brasileira. Faz, contudo, sem nenhuma elaboração sobre os conflitos

⁷⁷O higienismo é a ideia que toma espaço enquanto política de Estado no início do século XIX. Partia do princípio de que era preciso atentar-se às condições de saúde e moralidade dos cidadãos. Fazia parte de um controle dos corpos visando uma economia de Estado. Pois a noção de saúde passava pela ideia de que a patologia é um fenômeno social.

⁷⁸ Kehl (1929).

que sustentavam a estrutura racial. O que complexificava o cenário era a presença de negros na literatura, como Lima, que agora eram cobrados pela crítica nos lamentos do sistema escravagista sem maiores elaborações sobre a negritude pós escravidão, ou a estrutura racial ainda dominante. Ou seja, buscava-se a figura do negro, mas sem críticas ao privilégios. E se as figuras do escravizado e/ou do pós-abolição são registradas na literatura por constituírem nuances de uma nacionalidade, aparecem, muitas vezes, de forma caricata, superficial e vazia de debate, alocadas em estereótipos que distorcem a figura da negritude. Escritores como Lima Barreto, mas não somente ele, Cruz e Sousa e Luiz Gama, construíram projetos literários que, na contramão, investem na autoestima do africano escravizado e seus descendentes. Com eles, a consciência de raça não somente é usada como elemento que proporciona o aparecimento de afetos não vistos antes na literatura, mas, também, da construção de uma coletividade no interior da literatura. Lima tinha seu projeto de Literatura Militante, como vimos anteriormente, muito bem desenhado. A Literatura assume o lugar de algo como um canal, um instrumento revolucionário e um palco para fazer passar um registro, uma memória, que poderá tomar assento histórico. É com *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*⁷⁹ que esse projeto toma rumos tão decisivos a Lima que se vê preso na malha brancocêntrica que é o mercado editorial brasileiro. E é justamente por ter a Literatura a potência de criar realidade, ainda que com ficção, que permanece como campo de disputa. A realidade é muito mais complexa do que as polarizações que possam ser elaboradas dela. Entre brancos que desenhavam padrões estereotipados de existências negras e os que, como Lima, investiam na Literatura como passagem revolucionária, encontraremos nuances variáveis. Dentre elas, aqueles que, ainda que defendendo a abolição, não conseguiam flexionar seus privilégios na eugenia e o ideal de inferioridade congênita de uma população. Ou, aqueles que encontravam no mito da superioridade o modo de olhar e justificar a mazela social de um país em crise por não dar conta de resolver os problemas que sobraram do abandono completo que o pós-abolição impôs à negritude.

De todo modo, o que tento encontrar são os vetores que passavam sobre o corpo de Afonso Henriques de Lima Barreto. Na *Limana*⁸⁰, sua estimada biblioteca, encontraríamos todas as obras eugênicas da época. Lima encontrava, a todo suspiro de realidade, o olhar da sociedade sobre seu corpo, história e futuro. Não poderia descrever a beleza que enxergo na

⁷⁹ Barreto (1917).

⁸⁰ A Limana era uma biblioteca com um grande número de obras, era também local onde Lima passava a maior parte do seu tempo quando em casa. O nome vinha de um olhar carinhoso das palavras “Lima” e “Mana”. Era, acredito eu, a personificação da relação de Lima com a literatura: uma irmandade.

escrita de Lima e a genialidade com que resolvia seus impasses, contraditório e muitas vezes perdido na narrativa de seu próprio tempo. Hoje, mais uma vez, daqui de onde olho, Lima não apenas me faz recordar dos motivos de minhas tristezas, como da necessidade da luta. Se há pouco mais de um século diziam que agora seríamos um país branco, nada sinto em dizer que ainda estamos aqui; e vivos o suficiente para reivindicar a memória que nos cabe, ainda que perdidos em nossa própria narrativa, já que nos retiraram o direito de lembrá-la.

Entre direito e memória é necessário que eu localize a literatura de Lima, como *literatura negro-brasileira*⁸¹. Esta nominação marca um recorte comumente feito na Literatura, traz um debate do qual não posso fugir se me proponho a dizer da literatura como asseguradora do direito à existência. Cabe, assim, adentrarmos numa diferenciação entre literatura afro-brasileira e negro-brasileira. O debate incita numerosas ramificações que esse trabalho poderia tomar mais densamente. Contudo, reservo para o futuro. Atento àquilo da participação da cultura africana na construção da literatura brasileira, ou o que entendemos por identidade, que me ajude na diferenciação dos termos e o que sustenta minha escolha. Da participação africana na literatura brasileira é preciso que se diga que não busco uma diminuição desta, ou seu deslocamento para uma marginalidade no que hoje entendemos enquanto literatura brasileira, quando não utilizo o termo “afro”. No entanto, como afirma Cuti (2010), reduzir a pluralidade de todo um continente a um recorte literário no interior de um país – que nem mesmo parte daquele continente faz – seria de tamanha presunção que já denuncia o motivo racista do deslocamento.

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. “Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana (CUTI, 2010, pp. 35-36).

Afinal, a distância dos negros brasileiros (sejam eles de pele retinta ou clara) para como seus ascendentes, que poderiam enunciar uma melancolia pela saudade de África, é tão grande como são diferentes os problemas que o racismo tem como causa nos territórios africanos e diaspóricos. Ou seja, não se trata necessariamente do *banzo*⁸² tal qual sofriam os

⁸¹ CUTI(2010).

⁸² Processo psicossocial resultado da perda abrupta de seus referencias culturais, que sofriam pessoas escravizadas quando em diáspora. Resultando em forte excitação, nostalgia, autodestruição, que provocavam apatia, inanição, alterações de humor e a morte.

africanos assaltados de África, mas das particularidades que a negritude enfrenta no interior do território brasileiro. Cuti (2010) ressalta a distância da língua falada para a escrita e como a língua impacta na construção subjetiva do escritor e na construção de um texto. Assim, ainda que a tradição oral e as línguas africanas tenham construído o que hoje temos enquanto português brasileiro e nossa forma de pensar, sentir, falar e agir, como pertencentes a esse território, não foi a literatura brasileira escrita fora da língua portuguesa. Esta diferenciação nos leva à ideia de identidade. O conceito se amplia e, hoje, ainda temos os efeitos múltiplos por sermos contemporâneos de uma intensificação de formas de existência que passam pela lógica que ressalta a identidade de determinado grupo, como marcação singular. Dizer de uma literatura negro-brasileira é reivindicar o enegrecimento da literatura e não entendê-la como um recorte de uma literatura hegemonicamente branca, ou um subproduto, inferior, híbrido. No escopo de uma consciência racial e de um reconhecimento, recortes raciais não fazem sentido, já que não se faz recorte daquilo que é a maior parte de um todo, como é a negritude em volume de população e história. Se a identidade comparece, comparece como um traço de luta antirrascista. E não se trata de um abandono do Brasil à brancura, ou mesmo de aceitar o apagamento que coloca negros em posições toscas e inferiores. Trata-se de saber do um fato por trás do fato que se enuncia, saber da história da narrativa para que se possa finalmente narrar.

6 DUAS ESCRITAS UMA QUESTÃO

Considerando que para Lima Barreto a questão desta pesquisa – como o trabalho da escrita pode tornar mais real uma existência negra – poderia ser definida em como sua existência constantemente exigida, demandada pelo organismo social, passaria à um lugar de exigente. Ou seja, uma existência que no jogo social consegue realidade política. Lima acaba encontrando na Literatura muito mais do que uma ferramenta, uma aliada. Então, da Literatura e suas numerosas faces, reservo o trabalho da escrita para estas observações que seguirão.

O ato de escrever é um ato de criação por imanência⁸³. Deste modo, o trabalho da escrita é não somente uma reinvenção de si, no encontro com que se atesta no interior do texto, mas, também, de construção de narrativa frente àquilo que não se pode apreender, a construção de realidade. De fato, não se pode aprioristicamente enlaçar o que será a arte. Pois é no seu caráter disruptivo que reside sua natureza. Esta característica é o que faz Deleuze (1987) justapor ato de criação ao ato de resistência. O ato não se encontra fixado ao objeto, que se eleva à categoria de artístico, mas nos processos em que este se insere ou é inserido. Fixar o ato de criação ao objeto ligaria a arte necessariamente à condição de matéria e perderíamos suas manifestações, sua efemeridade, o fenômeno artístico propriamente dito. Assim, o livro não é material, nem materialização do ato de criação, mas um algo que denuncia um trabalho de criar e de resistência. Desta forma o livro alcança estatuto de dispositivo. E é enquanto dispositivo que *diário*⁸⁴ e *romance*⁸⁵ se desencontram enquanto proposições, ainda que alinhavados na mesma busca pela afirmação existencial.

Um dispositivo, como pensado por Foucault (2000), é uma rede composta por ditos e não-ditos, que comporta um conjunto heterogêneo de conhecimentos, práticas, técnicas e instituições. Dizer que um livro é um dispositivo é extrapolar seus limites físicos. É dizer que o livro é uma máquina que *faz ver* e *falar* aquilo que, de algum modo, é sustentado dentro de sua trama de existência. Deleuze (2016) revisitando o conceito afirma:

É antes de mais uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objecto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão

⁸³ Deleuze (1987).

⁸⁴ Barreto (2017).

⁸⁵ Idem

sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras (DELEUZE, 2016, p. 367).

Enquanto método, entender um livro como dispositivo exige que se aposte nas processualidades da escrita, ato de criação, mas também na mutabilidade desta escrita. Pois se o livro é o que permite o encontro entre leitor e escritor pela experiência da escrita, é ele também que, como um singular fluxo de um rio origina um vórtex, “*tornando-se uma região autônoma,[...] contudo, está estreitamente ligada à totalidade em que está imersa, é feita da mesma matéria, que troca continuamente com a massa líquida que a cerca*”⁸⁶. Assim, falar em livro como dispositivo é entendê-lo como processo, movimento e a não fixidez que este possui. E, do mesmo modo, falar das dinâmicas que o livro produz no tempo e no espaço, que seguem sendo alteradas e muitas vezes questionando até mesmo o próprio livro. Já que é ele resultado também da realidade em que se faz. O que garante os sucessivos deslocamentos de um dispositivo são as linhas que o compõe, que sedimentam ou criam as possibilidades e limitações do próprio dispositivo. Assim, *diário* e *romance* não apenas operam como dispositivos diferentes, como possuem linhas que rumam para lugares múltiplos. Suspeito que neste sentido, para Lima, isto era tão bem posto, que *diário* vira material de *romance* ao passo que o *romance* era instituído para assentar o discurso que se corporifica no *diário*.

E assim chego às obras elencadas para a esta dissertação. Explico o porquê de minha demora em apresentá-las: era necessário que recortasse o Lima que as escreveu, bem como a costura do contexto social em que as obras foram vividas. E digo vividas pois *diário* e *romance* possuem vida em cada palavra que vemos emaranhadas em suas páginas, já que foram escritas com os afetos manifestos. Precisava apresentar ao leitor, também, o que é a concepção de livro e o que julgo ter servido ao Lima ao fazer nascer estes dispositivos literários. No fim, as obras não poderiam estar junto à costura biográfica, ainda que sejam derivações da vida de Lima; e não poderiam estar no contexto social levantado, ainda que seja escrita com tudo que aquele tempo e espaço forneciam como material. Aqui já preciso que se apreenda que não são essas as obras em que Lima mais se empenhou em denunciar questões raciais e suas interseccionalidades. Certamente, obras como *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*⁸⁷ são mais potentes e intensas na temática. No entanto, *Diário do*

⁸⁶ Agamben (2018, p. 84).

⁸⁷ Barreto (1917).

*Hospício*⁸⁸ e *Cemitério dos Vivos*⁸⁹ são as obras de um Lima final; e, aqui, quando busco a construção histórica e os limites psicossociais para questionar os direitos à memória e à inscrição na história de uma existência, o Lima vivido parece ser um recorte mais conciso. Tentarei ser mais prático nessa explicação.

Lima em sua segunda internação como sabemos fica de dezembro de 1919 a fevereiro de 1920 no Hospital Nacional de Alienados. Isso marcaria exatos dois anos antes de sua morte. Assim, foi o Lima que escreve o *diário* e a adaptação do *romance* (e logo mais direi porque digo adaptação) que já tinha passado pelos desencontros com a crença dos estudos como sua *Redenção de Cam*⁹⁰ em uma sociedade racista. Foi aquele Lima que já havia se decepcionado com o a Monarquia e o Império; desacreditado nas instituições como a Academia Brasileira de Letras, o futebol e até mesmo o mercado editorial do Rio de Janeiro. Foi o Lima que já tinha assistido a neurastenia do pai, o horror da dúvida que a eugenia teria endereçado à morte de sua mãe e até mesmo o seu próprio alcoolismo. Foi quem lança o Vicente no *Cemitério dos Vivos*⁹¹, que já tinha sido internado algumas vezes e desejado morrer outras tantas, que aparece nas obras. Estas que, ainda que não obstinadas a contar, revelam o cansaço de se viver com pouca ou nenhuma realidade.

Deste Lima, que conhecedor de suas misérias consegue dizer da gênese do miserável e atribuí-lo lugar e importância, é que quero dizer. Que consegue olhar para fora do hospício e ver a loucura nos olhos da mesma medicina que se diz saber da loucura e o descuido de uma sociedade que não acha lugar para aqueles que tem marcado em seu corpo e história os erros de uma sociedade desigual. Trago aqui esse Lima que se embola no *diário* para se desembolar na vida; dessa existência que tem, aos quarenta e um anos, amputadas suas possibilidades de ser mais real, mas que consegue se intensificar quando lança sua existência no tempo qualquer que aceite suas obras.

O *Diário* é um aglomerado de papéis, setenta e nove ao todo, em que o escritor apreendia, sempre com datas e títulos, a rotina, afetos e dinâmica no interior do Hospital

⁸⁸ Barreto (2017).

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ *Redenção de Cam* é uma obra de Modesto Brocos, de 1895, que representa o processo de miscigenação e embranquecimento da raça negra. No quadro uma mulher negra retinta agradece pelo neto ter nascido branco. A criança branca está sentada no colo da mãe que já possui traços da miscigenação e ao lado o pai branco. O quadro baseia-se na mitologia cristã endossada pela igreja católica que, devido a uma punição, Nôe teria castigado seu filho Cam a ser escravo. A igreja referenciava-se nessa narrativa bíblica (Gênesis, cap. 9) para justificar a escravidão. Alegando que Cam era um ascendente dos povos africanos.

⁹¹ Barreto (2017).

Nacional de Alienados, escrito nos dias em que ficou internado na virada dos anos de 1919 para 1920. O diário inicia-se quando o médico Juliano Moreira ⁹²lhe dá lápis e papel para que escrevesse, o que começa a ser feito no dia 4 de janeiro de 1920. De anotações pessoais a registros das alas e até de funcionários e pacientes, o *Diário do Hospício*⁹³ é algo entre uma novela e relato pessoal. Julgo que nele Lima testava o que viria a ser o *romance*, já que por ora fala com um leitor imaginário e ficciona situações em sua vida. Ao mesmo passo, o *diário* funcionava de teste para sua própria existência, como algo que fundasse o que era o Lima, já que a despersonalização e massificação era comum nos hospícios da época. São ao todo dez capítulos, os cinco primeiros: “O pavilhão e a Pinel”, “Na Calmeil”, “A minha bebedeira e a minha loucura”, “Alguns Doentes” e “Guardas e enfermeiros”. Nestes capítulos Lima retrata as sessões do hospício e as relações de classe que dividem as áreas, conjectura sobre os motivos de seu alcoolismo, apresenta anotações sobre os internos, suas histórias e relações com a instituição. Além da posição e dos funcionários, faz críticas à medicina e ao ranço do lugar de suposto saber que desvaloriza a vida por trás do diagnóstico. Os últimos cinco capítulos são menos organizados e tomam características de rascunhos e apreensão de notas, falas e pensamentos.

[...] foi na segunda passagem pelo hospício que o escritor teve tempo e disposição para anotar o cotidiano local. [...] Sobrava-lhe tempo e material para escrever uma nova novela, ambientada naquele espaço. A estratégia de *O Cemitério dos Vivos* segue perto do esquema do Diário, possibilitando, porém, que a experiência pessoal se adéque à estrutura de um romance (SCHWARCZ, 2017, p. 395).

Com o material do *Diário* e as recordações, Lima tinha um novo projeto literário, inspirado em grandes escritores e obras, como *Recordações da Casa dos Mortos*⁹⁴ (1862) de Dostoiévski. Para tal, o *romance*, que não consegue ser finalizado antes de sua morte, é recortado do diário; daí a proximidade do protagonista *Vicente Mascarenhas* com a vida do escritor. No entanto, seu escopo é alargado para que melhor coubesse a realidade que desenhava, para que ali contemplasse críticas e um refino literário. Certamente, não era diferente do que havia produzido até então, tendo em vista que o conhecimento da literatura

⁹² Cabe ao menos em nota dizer que Juliano Moreira para além dos títulos de patrono da psiquiatria brasileira, e seus trabalhos a fim de humanizá-la, era ele um homem negro. Que nasceu pobre e só acessou a academia por proximidades, como Lima, com a branquitude. As vantagens, e não privilégios, como descrevi anteriormente. Parece a mim uma observação muito importante entender que é um outro homem negro, ainda que em posição de poder, em relação a Lima, que autoriza o que seria fundante para Lima naquele momento: a escrita.

⁹³ Barreto (2017).

⁹⁴ Romance de Dostoiévski o qual Lima enuncia inspirações. Narra o interior das prisões na Sibéria. Muito próximo de como Lima pretendia narrar o hospício, faz ele mesmo comparações com o livro. Dostoiévski ficou preso na Sibéria durante quatro anos por fazer parte do Círculo Petrashevski, grupo literário subversivo muito ligado aos ideais da revolução de 1848 – primavera dos povos.

rusa e francesa já havia influenciado a obra de Lima em outros momentos; como em *Triste fim de Policarpo Quaresma*⁹⁵, que é descrito por muitos como um *Dom Quixote* brasileiro. Porém, é justamente a experiência, a imersão, como que se transformasse em um etnógrafo, que faz do *Cemitério dos Vivos*⁹⁶ quase que uma obra vivida. E se o casamento forçado, o filho não criado e a morte de uma esposa divergem da realidade de Lima Barreto, a cor preta, o funcionalismo público, os percalços com a politécnica e a vida entre o subúrbio e o centro do Rio de Janeiro os aproximam, quando não os sobrepõem, como acontece com os relatos de *Vicente* sobre a experiência com o hospício.

Lima sempre negou a intenção de publicar seu Diário e o romance não estava finalizado. Creio que isso aparece no inacabamento do romance tanto do enredo como de elaborações finais do que ali está posto, sendo, assim, as duas obras pouco cuidadosas na construção textual. O Diário com ambiência de rascunho aponta mesmo a intenção de ser um laboratório de si e de uma futura obra, mas o romance escancara sua característica de obra inacabada nas truncadas passagens e na ausência de um desfecho nunca escrito. Nesse desencontro, as obras se misturam e misturam-se a Lima e a Vicente com a difícil separação de quem é causa e quem é consequência. As obras falam mais do cansaço do escritor do que de uma loucura, que encomendada pela eugenia e quase afirmada na loucura de seu pai, insistia em reaparecer em sua história. E quando reescrever a história parecia um cúmulo, Lima Barreto resolve escrever suas memórias e endereçá-las. É Lima, ou Vicente, uma obra-vida que se equilibrava na busca de uma ou qualquer realidade que os comportassem.

⁹⁵ Barreto (1897).

⁹⁶ Barreto (2017).

7 DÓI, LOGO EXISTO

Lembro de sentar numa biblioteca, com uma boa companhia e ler as *Meditações*⁹⁷ de Descartes. Lembro que as amarrações filosóficas pareciam, ainda que muito concisas, soar levemente frágeis a mim que não atribuía um certo pesar à influência de Deus em minha vida. Não se tratava de me opor à ideia de Deus, mas de não orientá-la como dependente de minha existência, ou o contrário. Assim mesmo, com pouco conhecimento filosófico e na superfície do texto, ficou em mim o desenho literário que compôs as *Meditações*. E digo no passado porque já sou outro e assim o texto, hoje, já é diferente para mim. Dessa elaboração de Descartes, a dúvida hiperbólica, incomodava ainda a realidade social que realmente parecia apartada. Lembro desse incômodo e de afirmar não ter dúvida de minha existência; e no furor de minha adolescência, no interior de uma escola-residência, afirmar com certo descontentamento que, ainda que eu não existisse, aquela realidade já me parecia doída o suficiente. E é nessa constatação que agora aproximo Lima. Se a dúvida cartesiana levou Descartes ao pensamento como prova da existência, Lima provava sua existência pela dor. O que agora me leva a superar a dúvida existencial do filósofo e encontrar a possibilidade de formas múltiplas de constatar o existir, ou entender que se existe não apenas por haver pensamento, mas também porque há outras formas de experimentar a existência. No entanto, ainda que mudemos as elaborações ou a perspectiva em que tomamos a existência, ainda é o sofrimento, circunscrito em uma realidade, que parecia não me fazer sentido quando menino. E se o sofrimento não é causa, mas consequência de se existir em uma realidade, podemos entender que não existe uma maneira singular e imutável de tudo o que possui existência. Ou seja, o sofrimento é algo de uma realidade e não um traço ontológico de se existir. Ou seja, não é o sofrimento um modo de existir. Bem, superemos Descartes e sua dúvida. Existe-se. Logo, se a existência não nos é um problema e, sim, um dado, o que nos faz encontrar existências tão frágeis e outras carregadas de verdade? O que tento colocar como questão suplanta a realidade existencial de nosso escritor, e é maior do que quaisquer observações que venho tentando colocar aqui sobre a realidade da população negra no Brasil da virada do século XIX para o XX. No entanto é justamente sobre a realidade de um Ser, em qualquer realidade em que este exista, que preciso trazer como material para minha dissertação. Não demorarei em trazer teorias mais à frente, mas queria me demorar nisso que considero uma dúvida pertinente a esta prosa.

⁹⁷ Descartes (1641).

Continuo... Se parece estranho imaginar que a experiência de uma existência possa ser a mesma de todas as outras justamente porque ocupamos lugares diferentes em uma realidade, o que dirá quando ocupamos realidades diferentes? Talvez, seja justamente por esse desajuste que a teoria do *lugar de fala*⁹⁸ tem sido tão importante no interior da Academia e dos movimentos sociais. De qualquer modo fiquemos com o estranhamento de que Lima tomava sua experiência de forma muito diferente, e que nem mesmo o pensamento era seu, já que a Eugenia, à época, poderia o fazer questionar sobre sua própria cognição. Fui ao encontro de Lima buscando o que lhe dava a exatidão de existir, já que sua realidade era singular. Quando tenho em minha frente o *Diário do Hospício* de Lima, na suntuosa Biblioteca Nacional, ou quando tomei os livros de observações do antigo Hospital Nacional de Alienados, o que saltava aos meus olhos era como tão recortada pode ser uma única existência. Ou seja, uma existência não experiencia uma realidade da mesma forma que outra; e pode nem mesmo compartilhar uma mesma realidade que a buscamos aproximar. Agora, o que via nos registros é que uma mesma existência, em uma aparente mesma realidade, pode ser vista por perspectivas tão distintas que nosso olhar sobre aquela existência em uma específica realidade pode conferir maior ou menor aproximação daquele jeito único de existir. E se Lima Barreto fosse encontrado hoje, em nada mudaria o fato de ter ele uma existência que poderia ser tão multifacetária. Porém, de acordo com a perspectiva que nos permitisse olhá-lo, ele ganharia maior ou menor intensidade. Se no *Diário*, ainda que com dor, a escrita me apontasse uma existência com profundidade, com realidade palpável, o livro de observações era quase como correr o olhar pela multidão. Sabemos que uma multidão é composta de corpos únicos, mas os desconhecemos, tornam-se frágeis em suas especificidades. Porém, fortes em uma outra forma de existir: o coletivo. Assim, o que preciso que se duvide é do quão mais real uma existência pode tornar-se e da capacidade de se existir em diferentes perspectivas. Com isso, Lima é muito mais do que podemos encontrar nele, afinal só o temos por perspectivas, sendo ele muito mais do que o que aqui recorto. E, sem dúvidas, a existência de Afonso Henriques de Lima Barreto é tão plural que nem mesmo o Lima poderia dar conta de nomear todos os modos em que viveu.

Existir e tornar-se real é justamente o nó que Lapoujade (2017) resgata nas formulações de Étienne Souriau em *Les différents modes d'existence*. Lapoujade se debruça sobre o inventário proposto por Souriau e nos aponta a pluralidade do ato de existir. Para tal,

⁹⁸ Ribeiro (2017).

foi necessário a Souriau⁹⁹ o entendimento dos limites da filosofia e da arte, bem como a imprescindível sobreposição destas, para a compreensão da existência como arte do Ser, que é todo o esforço que uma determinada existência produz na busca por maior realidade. Assim, não apenas existência e realidade são conceitos diferentes, como há diferentes *maneiras* de existir em diferentes *modos*. A *maneira* é o *gesto*, a forma imanente¹⁰⁰ e única à uma existência, que expressa determinado *modo* de existir; e o *modo* a *maneira* de um ser existir em um determinado plano¹⁰¹.

Quando compreendo o exemplo Lima-Vicente, Lima não apenas possui múltiplos *modos* de existir, que são expressos por cada *maneira*, como o Lima-Homem, Lima-Negro, Lima-escritor, Lima-interno, Lima-funcionário público, Lima-alcoólatra, Lima-revolucionário; como também existe em múltiplos planos, sendo cada plano um território existencial.

Portanto, devemos considerar cada um desses modos como uma arte de existir. Esse é o interesse de um pensamento do modo como tal. O modo não é uma existência, mas a maneira de fazer existir um ser em um determinado plano. É um gesto. Cada existência provém de um gesto que a instaura. Esse gesto não emana de um criador qualquer, é imanente à própria existência. [...] O modo limita uma potência de existir, enquanto que a maneira revela a forma do existir, a linha, a curvatura singular e assim mostra sua arte (LAPOUJADE, 2017, p. 15).

Voltando à questão da realidade. Se o pensamento não é a grande garantia da existência e a existência é um ato político que se dá num *pluralismo*, uma existência só pode ser observada por perspectivas. A existência é um ato. Assim, não cabe falar de um *quantum* de existência, mas somente da intensidade de sua realidade. Desta forma, Lima e Vicente possuem a mesma exatidão de existir, ainda que não a mesma intensidade de realidade. Seguindo no inventário de Souriau, Lapoujade (2017) descreve modos de existir e a arte que caberia a cada um destes: o *mundo dos fenômenos* e sua arte de fazer *aparecer*; o *cosmos das coisas* e a arte de se *manter*; o *reino das ficções* e a arte de *sustentar*; e, por último, a *nuvem dos virtuais* e sua arte de *exigir* a arte¹⁰². Não cabe aprisionarmos ou sobrepormos nossa perspectiva sobre uma existência, simplificando seus modos em apenas um destes citados.

⁹⁹ Souriau (1943 *apud* LAPOUJADE, 2017).

¹⁰⁰ A fim de entender o gesto, a forma imanente a uma existência recorro a Deleuze e sua definição de imanência : A imanência absoluta existe em si-mesma: ela não existe em algo, ela não é imanência a algo, ela não depende de um objeto e não pertence a um sujeito[...] A imanência não se reporta a um Algo como unidade superior a todas as coisas, nem a um Sujeito como ato que opera a síntese das coisas: é quando a imanência não é mais imanência a nenhuma outra coisa que não seja ela mesma que se pode falar de um plano de imanência (DELEUZE, 1997, P. 16).

¹⁰¹ Idem

¹⁰² Lapoujade (2017).

Talvez, a sensibilidade de um pesquisador esteja em se conectar ao *pluralismo* de cada existência, no singular de cada *modo* e buscar os encontros existenciais em cada plano. Pois, ainda que o Lima Barreto, enquanto corpo empurrado à existência, seja parte do *cosmos das coisas*, o Lima-autor, como *gesto* no interior de sua escrita, é empurrado a existir no *reino das ficções*. Da mesma forma, o Vicente, também no *reino das ficções*, esboça sua existência na arte de sustentar uma maior realidade; ou os próprios livros que, como *dispositivos*, por fazerem aparecer coisas, questões, discursos, fazem parte do *mundo dos fenômenos*. E, ainda, os tantos livros não escritos ou inacabados, como o *Cemitério dos Vivos*¹⁰³, que seguem exigindo autonomia, uma realidade mais intensa para não mais serem um mistério, uma ideia na *nuvem dos virtuais*. Ou seja, o Lima-Vicente é não só um encontro de duas existências, como um encontro de *modos e maneiras* de existir.

Se não há qualidade ou quantidade que hierarquize as existências ou sinalize uma gradação existencial, cabe a nós, enquanto pesquisadores, muito mais que observar, realizar o que os filósofos chamam de *guinada no olhar*, aceitar uma outra perspectiva, o ponto de vista do Ser que existe. A sensibilidade estaria em, ainda em primeira pessoa, conseguir entender a maneira em que cada existência se apresenta. É justamente ao *perspectivismo*, essa torção do ponto de vista, que as lógicas de dominação são resistentes, posto que desapropriaria a construção de uma verdade universal criada como fundamento de determinada lógica de opressão. Ditando, assim, uma única verdade existencial, que cabe somente aquelas existências que possuem privilégio em dada lógica. Na escravidão, despersonalizar, despossuir e objetificar o corpo negro para nutrir a noção de posse e valor de troca não apagou as singularidades de cada existência. Muito menos as coletividades que surgiriam. Assim, buscam-se e criam-se novos modos de existir. Mbembe (2016) aponta esta resistência com um dos paradoxos que se ergue na concepção moderna de Estado quando analisa o mundo colonial e o estado de exceção - a excepcionalidade que habilita o soberano a assassinar em prol de alguma norma.

Apesar do terror e da reclusão simbólica do escravo, ele ou ela desenvolve compreensões alternativas sobre o tempo, sobre o trabalho e sobre si mesmo. Esse é o segundo elemento paradoxal do mundo colonial como manifestação do estado de exceção. Tratado como se não existisse, exceto como mera ferramenta e instrumento de produção, o escravo, apesar disso, é capaz de extrair de quase qualquer objeto, instrumento, linguagem ou gesto uma representação, e ainda lapidá-la. Rompendo com sua condição de expatriado e com o puro mundo das coisas, do qual ele ou ela nada mais é do que um fragmento, o escravo é capaz de demonstrar as capacidades polimorfos das relações humanas por meio da música e

¹⁰³ Barreto (2017).

do próprio corpo, que supostamente era possuído por outro (MBEMBE, 2016, p. 132).

Foi, então, a impossibilidade de reconhecer um outro ponto de vista que fundamentava a racialização do mundo e a escravidão. Talvez, a impossibilidade de flexionar-se nas perspectivas de outras formas de existir seja a maior denúncia da ausência de ética na construção de comum em uma sociedade.

Quanto à perspectiva e aos desencontros das obras, um diário pode parecer um tanto quanto óbvio no ponto de vista presumido, ou seja, a escrita de uma trajetória existencial. No caso de um romance, este se abre para uma infindável possibilidade de narrativas, virtualidades que se pode contemplar. No entanto, no *diário*, ainda que sob a narrativa de Lima, as questões desenhadas pelo escritor são plurais. Na coletividade que abriga cada questão, Lima, talvez, tenha percebido os limites que o *diário* alcançaria, por esse ser um *dispositivo* que o suportaria, no sentido mais amplo que o verbo suportar pode abarcar. Assim, ainda que alçasse o plano de fundo de sua própria história, para dar centralidade às questões do político, as flexões de sua singularidade não seriam todas honestamente postas ali. Ou seja, o autor, o Lima que aparece no interior do texto, seria insuficiente para a pluralidade de Lima Barreto. O *diário* era uma investigação de si, mas também do hospício, dos atores, das dinâmicas relacionais. E, talvez, esse último tenha sido a maior contribuição de seu processo de escrita. No entanto, a melancolia e em alguma medida a raiva precisavam ser contornadas e direcionadas. Nesta ideia, *diário* e *romance* se desencontram, ainda que em ambas as obras seja possível encontrar em destaque a tentativa de desconstrução de uma política, dos atores e discursos de um organismo social, encontrando a intimidade de Lima na periferia da escrita. É no *romance* que as críticas são destacadas e endereçadas. Não há uma preocupação na exposição de atores, ainda que em muitos momentos seja impossível exibi-los, mas, sim, na exposição do fato por trás do fato. O *romance* pôde, com os contornos da ficção, atravessar o semblante de um Brasil que se forjava de branco e eurodescendente para encontrar, na periferia de sua história, a esmagadora realidade de um país que não suporta sua própria contradição.

Deste modo, localizar as obras como um simplório testemunho, um algo puramente descritivo, é muito mais do que ingênuo, é mísero! E ainda que fosse da ordem pura da descrição ainda haveria força política, pelo valor do que se denuncia. Não duvido que haja, de fato, um lugar de testemunha no processo de encontro entre escritor e leitor, este certamente é ocupado por quem lê as obras do Lima. Ele aposta na relação, e é nesta relação que a obra de Lima é amparada. É o que acontece comigo quando leio o Lima, e, muito mais

do que *consciência de raça*¹⁰⁴, lugares de classe e as lógicas que contornam um corpo negro marginal, encontro os mecanismos que apagaram meu avô e tantos outros que se contemporizaram em minha existência. Ler Lima é entender de onde vem sua cor, seus traços, história, sua classe, mas, também, compreender que na sua história pode haver muitas lutas ou assassinatos que não são contados, por não fazerem parte da história que a História quer contar. Assim, é na ficção, que salta dos arranjos literários, nos misturando em um enredo vivo, que Lima nos coloca como covas do mesmo cemitério.

Sobre esse lugar que uma existência assume ao presenciar uma outra, Lapoujade (2017) utiliza os mesmos termos do Direito: o lugar de testemunha. Assim, *testemunhar* é conferir legitimidade àquilo que viu. Não por ter visto, mas porque ao ver nos tornamos responsáveis pela realidade de algo ou alguém que existe. O lugar da testemunha no Direito possui desdobramentos legais, sobre os quais não tocarei. No entanto, basta concebermos que a *testemunha* é aquela que mais do que portar uma verdade, ou ditar da veracidade, confere legitimidade àquilo que enuncia. Na mesma exatidão, a *testemunha* à qual Lapoujade (2017) se refere é um lugar que muito mais do que *fundamentar*, ou seja, subjugar algo a um *fundamento*, aponta o *gesto* de uma existência. Ela faz ver aquilo que, próprio de uma existência, lhe confere realidade. Assim, a testemunha faz passagem, ela *instaura*.

A instauração dá estabilidade. Entretanto instaurar não é fundamentar. Fundamentar é reconduzir todos os seres para uma mesma fonte preexistente. [...] O fundamento impõe uma Forma preexistente, ou dita suas condições a priori. Em um caso impõe uma forma de verdade, no outro dita as condições de veracidade. [...] enquanto instaurar é fazer existir, mas existir de certa maneira – a cada vez (re)inventada (LAPOUJADE, 2017, p. 87-89).

Nas obras de Lima essa responsabilidade é dada pela exposição da realidade social, pela exposição de existências muitas vezes ignoradas ou apoucadas pela seletividade em que nos deixamos afetar. Lima desejava percorrer todas as existências que compunham o hospício perpassando a raça e a classe até as intrincadas relações que compõem as *instituições totais*¹⁰⁵. Esse seu desejo é muito mais do que denúncia, é um efeito de responsabilidade de alguém que viu e agora precisa que outro veja. Tornar visível não basta para aumentar a realidade de uma determinada existência, é preciso *advogar* por ela. Sobre a figura do advogado, Lapoujade (2017) o define como um *intensificador* de uma existência mínima. É aquele que luta pelo direito de outros, cujo o próprio Direito desconhece. O advogado é

¹⁰⁴ Bicudo (2010).

¹⁰⁵ Segundo Goffman uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada (GOFFMAN, 1974, p. 11).

aquele que vive pela legitimidade daquilo que pôde ver; é a *testemunha* que escolhe *instaurar*.

Ou seja, Lima, ainda que mínimo, pôde ver para além, talvez por algumas vantagens ou pela sensibilidade em viver que transborda nas ficções que moram no limiar da realidade. E se os seus diários eram sua forma de lutar por seus modos de existir fora da instituição asilar, no *Cemitério dos Vivos* ele viu a necessidade de levar as existências, com que dividiu o mesmo plano existencial, para fora do hospício. Assim, sua literatura é um compromisso com sua realidade, e com aqueles que, quando não no mesmo cemitério, seguiam dividindo a mesma cova. Para tal, Vicente é uma existência criada como porta-voz, para fazer ver aquilo que o mundo desejaria nunca ter conhecido porque reconta o que sempre nos contaram.

8 O DIÁRIO DE LUTA

Quando internado no hospício, Lima foi despossuído daquilo que marca a existência de um vivente: o corpo. Na ausência de tudo e na perversão que o perseguia marcando e subjugando sua existência no interior da eugenia, pedaços de papel e um lápis acabam por ser o último recurso na circunscrição da violência que sofria. Foi, também, na escrita, que pôde ele construir sua existência para fora da realidade racista. Quando encontrei os manuscritos de Lima na Biblioteca Nacional buscava encontrá-lo para além das teorizações acadêmicas ou das cabeças-quebradas que são os trabalhos que tentam narrar seus modos de existir. Buscava não uma essência ou um purismo no que foi o Lima; creio que buscava me encontrar no Lima. Encontrar aquilo que afirmaria minha questão de pesquisa, mas também a existência dos meus ancestrais e, quem sabe, a minha. Como se lá do passado encontrasse uma linha, ainda que remendada inúmeras vezes, que fosse capaz de puxar toda uma existência para o futuro. No entanto, sob os belos vitrais da Biblioteca, eu, tentando seguir os rastros ausentes que diziam da presença de um andante, entendi que nunca encontraria o Afonso Henriques de Lima Barreto. Ainda assim, tinha esse rebuliço meu de perseguir as passadas. E entre proximidades e estranhezas saí com dúvidas. Então, abandonei os vitrais e os manuscritos feitos de tortas letras e saí com apenas uma certeza: talvez ele não esteja nas rumas de papéis, talvez não esteja nem no Lima Barreto ou no Vicente Mascarenhas. Comecei a acreditar que procurava o *entre*, e não importava o quão perto ou longe eu conseguisse ficar... Será sempre *entre*. Talvez seja o mesmo *entre* que Foucault (1992) encontra nos *hypomnêmatas e correspondências* dos séculos I e II analisados. Não consta ali a existência, mas os modos de afirmá-la. O que encontro no *diário do hospício* são os lampejos daquilo que existiu, ainda que minimamente.

A *escrita de si* é uma das pesquisas de Foucault (2004) no final de sua vida dentro do que chamou de a *arte de viver* ou *cuidado de si*, apreendidos aqui como o trabalho realizado pelo sujeito para lançar-se como ser existencial. Os *hypomnêmatas*, no seu sentido prático eram cadernos de notas, registros ou, até mesmo, livros de contas, mas que continham a memória material das coisas ouvidas, lidas, faladas ou pensadas. Supõe Foucault (2004) que estes *cadernos de condutas*, ou *livros de vida*, tinham seu lugar muito mais amplo do que um simples suporte de memória, mas também não eram diários íntimos ou relatos de experiências espirituais como surgiria posteriormente na literatura cristã. Tratavam daquilo que era material da consciência, de uma certa forma um registro de si, ou aquilo que se poderia

alcançar de si no mundo. Um *hypomnêmata* era a forma de, no interior de uma escrita, muito mais que observar-se, criar seu modo de existir.

Trata-se de constituir um logos bioêthikos, um equipamento de discursos auxiliares, capazes - como diz Plutarco - de levantar eles mesmos a voz e de fazer calar as paixões como um dono que, com uma palavra, acalma o rosnar dos cães. E, por isso, é preciso que eles não estejam simplesmente colocados em uma espécie de armário de lembranças, mas profundamente implantados na alma, "nela arquivados", diz Sêneca, e que assim façam parte de nós mesmos: em suma, que a alma os faça não somente seus, mas si mesmo. A escrita dos hypomnêmatas é um relé importante nessa subjetivação do discurso. [...] trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pode ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si (FOUCAULT, 2004, pp.148-149).

No *diário do hospício*, ainda existe, por definição de Lima, o intuito de se relatar num diário – os dias que vagarosamente se interpõem e devem se arrastar devido à operação rotineira de uma instituição asilar. Porém, é evidente que o escritor excede esta função. Não apenas pelas colagens que se estendem de falas, citações e, até mesmo, os diferentes tons que poderia tomar a escrita de Lima, mas também pelo suporte que os escritos dão na confecção do posterior *romance*. Arrisco dizer, a partir de minhas leituras, que se não sabia que se tratava de uma *escrita de si*, o fez por cautela. De alguma forma os dias, cenas, momentos recortados e colados no diário tateavam uma existência. Lima bem sabia do poderio do discurso científico e das perversões que a branquitude poderia elaborar do alto de suas pretensões racistas de mantimento de seu privilégio. De fato, existem leituras outras que contrapõem a minha visão. Dirão que se trata de uma obra literária, mas a retirarão de qualquer elaboração mais refinada, devido à condição de interno de um hospício ou das circunstâncias de sua saúde mental. A estes pergunto se não estariam revivendo os racismos institucionais vividos por Lima e se colocando do lado de uma instituição e da ciência que o fundamentava. Invalidar o *diário do hospício* diz muito mais do medo de uma branquitude do que da genialidade, incontestável, de Lima Barreto. Neste sentido, o *diário* se atualiza em cada dobra do tempo ou espaço que ele toca, sendo em primeiro plano um dispositivo que recolhe e sustenta o que compõe o modo de existir do escritor. E, em segundo plano, dispositivo de afirmação de modos únicos de existir do povo negro, sendo documento e prova das operações racistas da sociedade, ciência e Estado.

Fato é que o *diário* é justamente essa grande oficina onde Lima dispõe sua existência e revisita suas memórias. Composição rudimentar em materiais usados, já que se tratam de papéis soltos, é ali, no *diário*, que as anotações começam por seguir alguma lógica, mas logo

as anotações são feitas por necessidade. Estas, não fundamentalmente conseguem ser organizadas sobre alguma lógica, já que os últimos capítulos são visivelmente mais desordenados. Isto aponta que o trabalho da escrita não tinha uma função específica, mas sim uma prioridade. Não é possível afirmar sobre as reais pretensões do escritor, mas é notório que a escrita se dá em angústia e na necessidade de elaborá-la. E se a existência de Lima era ali (re)construída no movimento de afetos que eram artesanalmente criados pela escrita, estes eram aportados em uma vivência. Para o entendimento do papel do *diário* é preciso, então, compreender o que faz uma escrita que pressupõe a escrita de uma vivência. Muito mais do que a construção de modos de existir, Lima alçava sua existência a um plano outro, o da virtualidade que tangencia o ato de criação. Assim, é preciso que se entenda que até mesmo uma biografia ou uma autobiografia se trata de uma ficção. Posto que se sustentam num plano literário, ainda que no *cosmos das coisas* tenha a literatura presença na materialidade da superfície em que se escreve. Esse sujeito literário, ou autor, em Lima, nasce pela vivência do corpo e subjetividade atravessados pelas exigências de seu lugar. Sim, o Lima Barreto-escritor lança sua existência a um outro plano existencial construindo um sujeito literário, que vocaliza, no *diário*, a primeira pessoa do próprio escrito. Assim, nesse processo é onde quero localizar o artifício, o ato, a necessidade da *escrevivência*.

Escrevivência é um conceito lançado ao mundo pela escritora Conceição Evaristo (2008), que encontra no processo de escrita a necessidade daquilo que a memória pode dar conta e cuja História é ausente ou omissa. Nesse sentido, o *Diário do Hospício*, ainda sem a pretensão de publicação, carregava marcas daquilo que é uma verdade ainda que não encontre espaço na narrativa verdadeira da humanidade. *Escrevivência* não se trata da narrativa, a ordenação de fatos ou colocação de uma experiência na escrita, mas, sim, de aterrar sua escrita em seu corpo e nas marcas e marcações que nele foram impostos. A vivência desse corpo alcança, pela processualidade da escrita, a possibilidade da construção de um discurso poético outro que faz da própria memória um saber, construindo na realidade, no *mundo das coisas*, significados, nomações daquilo que, não dito, agora pode ser falado. A escrita ainda que não possa fugir da contra-hegemonia, do seu lugar periférico estrutural, lança ao outro aquilo que ecoa para si mesmo. Ou seja, Lima faz o sujeito poético de seu diário dizer aquilo que ele próprio necessitava escutar, ainda que não pudesse ser dito. Como o faz nos primeiros dias que escreve no diário: *Não quero morrer, não, quero outra vida. Não lhe disse isto ao doutor H, mas lhe quis dizer*¹⁰⁶. É, então, no sujeito poético que Lima se faz voz e escuta

¹⁰⁶ Barreto (2017, p. 46)

aquilo que não pode ser dito. É justamente nesse lugar que a vivência encontra um lugar para instaurar desejo, movimento existencial.

[...] se percebe um conjunto extenso de textos, em que o sujeito autoral se inscreve em uma postura coletiva, marcada pelo desejo, pela intenção de criar ‘universos de discursos’, ‘universos de significados’, inventados segundo a visão própria de um grupo. São textos discordantes do sentido da história oficial, e mais do que isto, são erigidos como contradiscursos literários à estereotipia que pesa sobre as personagens negras (EVARISTO, 2008, p. 2).

O que carrega meu pensamento agora, e quando tomo o *diário* em mãos, é como pode o mesmo Lima munido e crente na Literatura, com toda a bagagem cultural e crítica que o compunha, sabotar-se e encontrar em um completo niilismo a saída de suas angústias? Do meu avô até aqui sobram poucas memórias, mas agora escrevendo e pensando nos arranjos necessários que precisei realizar para sustentar uma vida dentro e fora da Academia, e fitando a única foto do meu avô que tenho, vejo em Lima algo que não reconheço nos meus remendos para chegar até aqui. Lima era não só autêntico, mas também valioso em experiência e inteligência, aquela mesma que ele ambicionava ter para ter *entrada na humanidade*¹⁰⁷. E ainda que autêntico e coerente com o que pensava, teve tudo arrancado por não saber colocar suas ideias de forma latente em uma sociedade de violência manifesta. O resultado que tenho é que pode sobrar capacidade, mas ela será sempre adjetivada e subjugada, vista por um outro lugar. O escritor negro, o amanuense negro, o estudante negro... É como se toda e qualquer existência negra estivesse fadada a um triste e fatal destino, como nas obras da Literatura brasileira, do tempo de Lima, em que a personagem negra morre ou sua descendência clareia¹⁰⁸. O que talvez Lima não compreendesse, mas por necessidade buscava resolver em sua escrita, é o mito original que obrigava sua história a ser sempre coadjuvante da história de outro. Na premeditada loucura em que a Eugenia pudesse apontar, Lima Barreto rebate:

De mim para mim, tenho certeza que não sou louco, mas devido ao álcool, misturado com toda a espécie de apreensões que minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: delírio (BARRETO, 2017, p. 34).

O autor, o sujeito poético, é quem surge com um contradiagnóstico, um laudo experiencial de quem evoca de si e para si o atestado de lucidez. E ancora sua verdade na denúncia do afastamento do médico que “*é capaz de ler qualquer novidade de cirurgia aplicada à psiquiatria em uma revista norueguesa e aplicar, sem nenhuma reflexão*

¹⁰⁷ Barreto (1908).

¹⁰⁸ Cuti (2010).

preliminar”¹⁰⁹. O escritor é capaz de recolher nuances das relações que tem com o mundo, percebê-las nas suas flexões coletivas e singulares e amarrar a realidade, como um dado, porém através de um outro ponto de vista: o próprio. No entanto intensificar sua realidade pelo trabalho da escrita exige um trabalho muito maior: o de desacreditar o mito fatalista por trás de toda e qualquer história negra. Sobre seus medos, Lima acumulava-os desde pequeno, mas foi quando o alcoolismo tornou-se patologia que pôde ele ilustrá-los:

Muitas causas influíram para que eu viesse a beber; mas, de todas elas, foi um sentimento ou pressentimento, um medo, sem razão nem explicação, de uma catástrofe doméstica sempre presente. Adivinhava a morte de meu pai e eu sem dinheiro para enterrá-lo; previa moléstias com tratamento caro e eu sem recursos; amedrontava-me com uma demissão e eu sem fortes conhecimentos que me arranjassem colocação condigna com minha instrução; e eu me aborrecia e procurava distrair-me, ficar na cidade, avançar pela noite adentro; e assim conheci o chopp, o whisky, as noitadas, amanhecendo na casa deste ou daquele. A minha casa me aborrecia, tão triste era ela! [...] e eu bebia desbragadamente, a ponto de estar completamente bêbado às nove ou dez da noite (BARRETO, 2017, pp. 49-50).

Esse temor do fracasso, essa grandiosidade do mito do insucesso é o peso, que ainda em lugares muitos bem quistos, fazia o escritor duvidar de si. Esse mito original de um lugar de onde se parte uma vida negra até onde ela deve findar-se, não somente é perverso e dissimulado pela estrutura racista como faz com que a negritude orbite por um ideal de brancura; o que nunca se realiza. Fanon (2008) localiza na experiência existencial da negritude essa vivência orbital que é fundamento, imperativo e que nos torna *prisioneiro de um círculo infernal*¹¹⁰. Uma profecia autorrealizável que anuncia que “*há(via) um mito do negro que era preciso, antes de mais nada, demolir*”¹¹¹. No entanto, como fugir de sua própria morada? Como ser desconhecedor de si mesmo? Se a subjetividade do negro é moldada no interior da própria sociedade estruturada racialmente, como fazer, pensar, sentir e falar fora dela? Lima seguia inventando *maneiras*. Usando daquilo que imanente a sua existência poderia orientá-la. Talvez cada obra de Lima seja uma *maneira* singular de existir a um modo. O *diário* certamente não deu conta; talvez nessa estrutura nada dê. Contudo, foi, o *diário*, o lugar de recriar suas verdades e conter a realidade e a ficção racial que a produz. Por não poder deixar de ser aquele negro, Lima bebia e por beber acabava acorrentado à

¹⁰⁹ Barreto (2017, p. 45).

¹¹⁰ Fanon (2008, p. 109).

¹¹¹ Idem.

subjugada ideia de negro alcoólatra, o louco¹¹², vendo à sua frente se cumprir em mais uma geração a profecia racial.

Digo com franqueza, cem anos que viva eu, nunca poderão apagar-me da minha memória essas humilhações que sofri. Não por elas mesmo, que pouco valem; mas pela convicção que me trouxeram de que esta vida não me vale nada, todas as posições falham e todas as precauções para um futuro são vãs. Eu tinha tudo, ou tenho tudo, para não sofrê-las tanto mais que não as provoquei. [...] Desde a minha entrada na Escola Politécnica que venho caindo de sonho em sonho e, agora que estou com quase quarenta anos, embora a glória tenha me dado beijos furtivos, eu sinto que a vida não tem mais sabor para mim. [...] queria matar em mim todo o desejo, aniquilar aos poucos a minha vida e sumir-me no todo universal (BARRETO, 2017, p. 67).

Com todas as vantagens que a família Barreto alcançava na zona cinzenta que a proximidade com a branquitude pode permitir sendo tiradas, e com Lima desamparado até mesmo da frágil conjuntura, o escritor talvez tenha compreendido o efeito da escrita como reinvenção de si. No entanto, não são alegres os afetos que conseguimos colocar em movimento, quando despotencializados de qualquer movimento vital. Lima desejava, mas sonho sem realidade torna-se rapidamente frustração. Na amargura dos seus dias desejou mostrar o hospício para um mundo. O seu diário era o lugar de onde poderiam saltar novos sonhos. Não deve ter saído do Hospital Nacional de Alienados apartado de tudo o que vivia; os problemas que não o acompanhavam dia e noite, certamente os aguardavam na saída do hospício. No entanto, era essa dificuldade de escrever sua vivência que talvez ambicionasse Lima fazer o leitor testemunhar na leitura do seu próximo romance.

¹¹² Como visto anteriormente loucura era um conceito vazio, mas amplo o suficiente para conter o alcoolismo, a mendicância e outros modos de existir periféricos na sociedade brancocêntrica e higienista.

9 O ROMANCE SEM FIM: o negro é a cor mais cortante

Existem algumas obras que são acusadas de uma *dificuldade de ler*¹¹³. *O Cemitério dos vivos*¹¹⁴ certamente expõe e leva esta ideia ao extremo. Não digo apenas por se tratar de uma obra inacabada ou da ficção ter com a realidade uma barreira porosa e facilmente transponível. A dificuldade se apresenta, primeiro, por ser um daqueles tantos livros que mesmo extraordinários não foram lidos e são esquecidos na história e na própria Literatura. *O Cemitério dos vivos* marca um imperativo que, como em toda a escrita de Lima, o afasta dos mais lidos da Literatura brasileira. Uma escrita inquietante e dolorida, que não consegue ser deturpada ou ter seu ponto de vista dissimulado. Lima também carrega o fardo de ter marcado na sua história as feridas do racismo e do esquecimento, que atestam os desequilíbrios da branquitude. Assim, na escrita, Lima é exposto por ser ele um visionário que não se fazia caber em quaisquer discursos racistas do temeroso Brasil do final do século XIX e início do século XX. Lima Barreto acaba exigindo da Literatura o máximo que se pode extrair de uma aliada em acordos de guerra. E esta exigência comparece em seu romance a qualquer leitor que permita *ser lido* por uma obra e não somente consumi-la rapidamente. É impossível a qualquer brasileiro não se localizar nas contranarrativas de Lima, nesse outro olhar que é construído em suas obras, e do nosso Estado-nação. Nesta dificuldade de ler os livros que são regidos pelo esquecimento e as exigências que nos impõem suas leituras, o que nos resta é uma decisão.

Acredito que, se esses livros forem realmente bons, não se deverá falar de espera, mas de exigência. Esses livros não esperam, mas exigem ser lidos, ainda que não tenham sido lidos e nunca serão. A exigência é um conceito muito interessante, que não se refere ao âmbito dos fatos, mas a uma esfera superior e mais decisiva, cuja natureza deixo que cada um de vocês especifique (AGAMBEN, 2018, p. 108).

A segunda *dificuldade de ler* trata-se do material do livro e de sua propagação. O livro denuncia o hospício e a psiquiatria com suas perversas formas de criarem o louco como sujeito desviante, mas também acusa toda uma sociedade de fazer do hospício local de aprisionamento daqueles outros, não loucos, que marcavam e reivindicavam modos outros de existir, incomodando a sociedade em seus padrões e noções de normalidade. Neste sentido, o *romance* encontra uma outra forma de tornar mais real a existência de Lima. Se o *diário* é o dispositivo que faz Lima recolher e produzir a si para além dos discursos racistas

¹¹³ Agamben (2018).

¹¹⁴ Barreto (2017).

do Estado e da ciência, o *romance* é a forma com que o escritor sempre contornou estes mesmos discursos, sobressaltando-os e os atacando em sua forma dissimulada de torcer a realidade. O que se coloca em jogo na leitura do *romance* é muito além do que uma simples narrativa ou exposição de fatos. O dispositivo do *romance* funciona como uma preposição. A obra liga dois elementos e cria uma necessária relação entre eles, colocando o leitor frente ao escritor e dando a este primeiro a possibilidade de contemplação da perspectiva do outro. É no uso da ficção que Lima descortina a aberração que é o funcionamento de um hospício por dentro, para além do alto pé-direito e o imponente estilo neoclássico do Hospital Nacional de Alienados. Assim, traz para dentro da sua escrita o fenômeno político, por fazer caber no romance modos diferentes de existir naquela instituição. É neste momento que o leitor passa à posição de *testemunha*. O que faz com que, como dispositivo, o *romance* advogue, como prova, por um coletivo. Na impossibilidade de fugir da posição que *O Cemitério dos Vivos* impõe, o leitor não mais poderá não se ver enovelado à monstruosidade do que antes fugia aos olhos. E por ser Afonso Henriques de Lima Barreto vítima do que denuncia, acaba por encontrar no dispositivo amparo para sua menos real existência e, do mesmo modo, defender tantas outras que, mesmo sendo únicas, não encontram do mesmo jeito espaço na branca realidade.

Esta possibilidade de construção e imposição é possível porque a Literatura tem a linguagem enquanto matéria prima. É, então, na linguagem que a língua impõe e circunscreve no leitor uma ideia – a ideia defendida pelo escritor. A linguagem sendo isso que é capaz de tudo caber e que faz das palavras, ao passo em que a ela é possível dizer, o lugar de inscrição da realidade. A linguagem é maior do que sua composição comunicativa, é a expressão da cultura. E a língua, por sua vez, é o sistema de signos em que a humanidade encontra apoio simbólico para criação da linguagem.

Lima, acreditava nesse papel político da Literatura, como vimos anteriormente. O que fica evidente é o uso das dobras da linguagem, nos interstícios da Literatura, como construção revolucionária, como mudança de paradigma do valor existencial da realidade de determinadas existências. Bell Hooks (2013), tomada pelo valor da língua, assinala esta potência quando pela língua conseguimos construir o comum – fazer a política: “*Como desejo, a língua rebenta, se recusa a estar contida dentro de fronteiras. Fala a si mesma*

contra a nossa vontade, em palavras e pensamentos que invadem e até violam os espaços mais privados das mentes e do corpo”¹¹⁵.

A genialidade de Lima está, também, apresentada na personagem, que surge no trabalho da escrita. Vicente não é o Lima no plano literário, este é o Lima-escritor que se debruça sobre o papel para criar o Vicente. Vicente tem um *gesto* próprio, por ter uma maneira outra de existir, em um *modo* diferente. E o que nos aponta esse duplo ato de criação é justamente o *gesto*. Vicente possui uma forma outra que o empurra à existência. Lima Barreto, quando não mais podia aguentar sua existência minimizada, cria Vicente que aparece segundo um princípio próprio de estruturação – já que Vicente é uma personagem da ficção –, e seguindo um outro princípio estrutural da realidade e múltiplas possibilidades de criação. Souriau¹¹⁶ chamava o princípio de estruturação de uma matéria de *forma* e o princípio de estruturação das formas de *formal*. Assim sendo, ainda que a forma, o Vicente, seja *inseparável da matéria que o informa*, ou seja, não possa ele sair das páginas do *Cemitério dos vivos*, é ele uma maneira de se fazer política, pois constitui um ato político todo ato de existir. Era nessa formação de política que criar Vicente tornava-se quase um imperativo ao Lima, que existia em sofrimento. Neste ponto de vista, *diário* e *romance* se desencontram, pois se, no *Cemitério dos vivos*, Vicente é um outro ser, existindo à sua maneira, no *Diário do Hospício*, Lima é a existência alçada a um novo plano, uma nova maneira.

Entender a necessidade de Vicente é confrontar não somente o endereçamento que a função literária de Lima enuncia, mas também as limitações em que a própria existência de Lima tinha como imposição. Não compreender as nuances e diferenças da escrita de *diário* e *romance* é a denúncia de uma leitura superficial, rasa, e, em alguma medida, descompromissada. A leitura das obras de Lima Barreto exige atenção e densidade. E isso não pelas elaborações linguísticas, ou refino poético, mas por ter tantas camadas e se servir do texto como uma plataforma de afetos. Isso ocorre pois o *autor* que reside enquanto fala no interior dos textos, seja Lima no plano do *diário* ou Vicente como personagem do *romance*, apresenta o compromisso com uma verdade, construída na ética de dar visibilidade a quem vocaliza da margem seu lugar, e na política de construção de uma sociedade sem margem e que devém sempre descentralizada. A importância dessa verdade aparece na

¹¹⁵ Hooks (2013, p. 223).

¹¹⁶ Souriau (1943 apud LAPOUJADE, 2017).

estética da escrita e na potência que a língua atribui ao poder literário no ato de criação. No entanto, é também a construção de novas formas e a informação de novas perspectivas que constroem coletividade comprometida no combate à cultura de dominação. As relações entre verdade e dominação nos são tão caras que, com os adventos políticos que surgem nos tempos atuais, nos mostra como as lógicas de dominação são atentas e utilizam a criação de verdade de maneira a não mudar paradigmas, ou seja, apresentam um novo constituído pelo vazio. Não implicam em mudanças de perspectivas, mas na manutenção das dominantes. Bell Hooks (2013) localiza nesse encontro da linguagem enquanto potência o lugar em que se irrompe um processo revolucionário imanente à partilha da linguagem:

Está claro que uma das principais razões porque não sofremos uma revolução de valores é que a cultura de dominação necessariamente promove os vícios da mentira e da negação. [...] Ou seja: não somente se apresentam inverdades às pessoas como também essas inverdades são apresentadas de uma forma que as habilitam a ser comunicadas do modo mais eficaz. Quando o consumo cultural coletivo da desinformação e o apego à desinformação se aliam às camadas e mais camadas de mentiras que as pessoas contam em sua vida cotidiana, nossa capacidade de enfrentar a realidade diminui severamente, assim como nossa vontade de intervir e mudar as circunstâncias de injustiça (HOOKS, 2013, p. 44).

O *romance* comparece então enquanto dispositivo de afirmação ética e política de uma verdade que não alcança o centro social. A Literatura torna-se veículo de informação daquilo que repelimos e impõe, pelo uso comum da língua, um novo paradigma. Lembro de fitar duas das poucas fotos de meu avô, dessas que a imagem é previamente elaborada – inexistem fotos do meu avô que fujam a esse padrão. De todo modo, o que toda aquela formalidade impunha é uma composição factual que não permite acessar a realidade do meu avô, mas consegue pré-formar uma ideia de quem ele deveria ou desejaria ser. Na primeira, meu avô está com postura ereta ao lado de minha avó, Nair, na porta de uma igreja, visualmente desconfortáveis e sem nenhuma expressão de afetividade. As inscrições no verso alegam datar de mil novecentos e cinquenta. O terno claro não era bem ajustado e os sapatos são gastos. O casal esboçava os ares da pobreza que marca até hoje meu Vale do Jequitinhonha. Minha avó séria e meu avô, se não desejava sorrir com seu bigode bem cortado, tinha feições alegres.

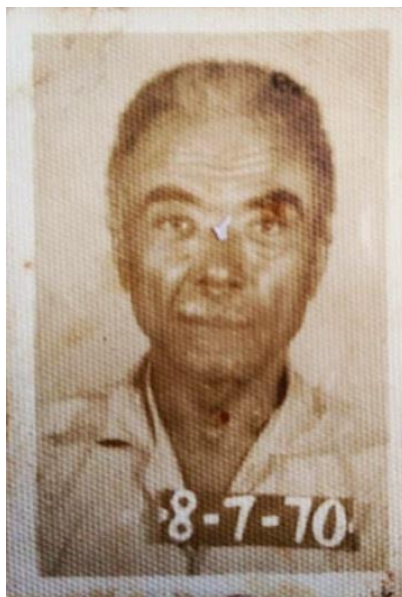
Fotografia 1 - Nair Ferreira e Miguel de Sousa Lacerda, em março de 1950.



Fonte: acervo pessoal.

Na segunda foto, uma três-por-quatro que só tenho digitalizada, são de vinte anos depois, em mil novecentos e setenta, meu avô parece ter envelhecido muito mais do que duas décadas... Tenho essa impressão ao olhar para meus dois anos de mestrado também. Na imagem em tom de sépia, o Miguel magro, com cabelos grisalhos, bigode ainda lá, agora com seus fios esbranquiçados; mas seu semblante é de um cansaço ou preocupação. Tenho o mesmo formato de cabeça e maxilar que voinho. Tenho os olhos e as sobrancelhas bem marcadas, meu pai também os tem. O nariz, o dele, era ligeiramente mais fino. De todo modo, o que consigo recolher são variações de um observar.

Fotografia 2 - Foto 3x4 de Miguel de Sousa Lacerda Neto, de 8 de junho de 1970.



Fonte: acervo pessoal.

O que foge é a verdade do meu avô: por onde andava e no que investia desejo; no que acreditava ou como se imaginava; quais as dores ou como resolvia suas angústias. Não restaram nem mesmo as alegres anedotas que saltam as gerações e que compõem o mito de origem de um sujeito. São essas colorações que a Literatura de Lima o possibilitava no romance. E, então, você consegue adentrar um hospício do início do século XX e ver, sentir os odores e ouvir os gritos quando o *romance* nos impõe aquela realidade.

Na Seção Pinel, num pátio que ficavam os mais insuportáveis, dez por cento deles andava nu ou seminú. Esse pátio é a coisa mais horrível que se pode imaginar. Devido à pigmentação negra de uma grande parte dos doentes aí recolhidos, a imagem que se fica dele, é que tudo é negro. O negro é a cor mais cortante, mais impressionante; e contemplando uma porção de corpos negros nus, faz ela que as outras se ofusquem no nosso pensamento. É uma luz negra sobre as coisas, na suposição de que, sob essa luz, o nosso olhar pudesse ver alguma coisa. Aí é que há os berradores; mas, como em toda a parte, são só os seus gritos que enchem o ambiente. Eles são relativamente poucos. Há outros que se degradam no sexo, com uma indiferença de amaldiçoados a isso... É um horror silencioso, que nos apavora e faz-nos cobrir a humanidade de piedade, e nos amedronta sobre a nossa vida a vir (BARRETO, 2017, p. 168).

Mais do que visualizar a instituição e a perversidade a que se destinava na sociedade, também consegue pessoalizar. Não são mais fichas, documentos ou até mesmo elaborações de um discurso que é anacronicamente compreendido por diário, cartas ou rascunhos. O *romance* diz, aliás, faz dizer, da complexidade que reside em cada ação e sujeito que acabam na obra. Se as fotos do meu avô informam, mas são insuficientes, o *romance* de Lima diz de

uma expressão. Um *gesto* único resultado da experiência do encontro daquelas existências. Se as fotografias falam, o *romance* dá voz, ou mais, diz daquilo que foi sussurrado ao pé do ouvido da realidade.

Parece tal espetáculo com os célebres cemitérios de vivos, que um diplomata brasileiro, numa narração de viagem, diz ter havido em Cantão, na China. Nas imediações dessa cidade, um lugar apropriado de domínio público era reservado aos indigentes que se sentiam morrer. Dava-se-lhes comida, roupa e o caixão fúnebre em que se deviam enterrar. Esperavam tranquilamente a Morte. Assim me pareceu pela primeira vez que deparei com tal quadro, com repugnância, que provoca a pensar mais profundamente sobre ele, e aquelas sombrias vidas sugerem a noção em torno de nós, de nossa existência e a nossa vida, só vemos uma grande abóbada de trevas, de negro absoluto. Não é mais o dia azul-cobalto e o céu ofuscante, não é mais o negror da noite picado de estrelas palpitantes; é a treva absoluta, é toda ausência de luz, é o mistério impenetrável e um não poderás ir além que confessam a nossa própria inteligência e o próprio pensamento (BARRETO, 2017, p. 168-169).

Lima Barreto via no *romance* a possibilidade de construção de uma nova subjetividade ou olhar, ainda que seu lugar de fala não fosse identificado. Para isso ele constrói no plano imediato da obra a exposição dos fatos, mas orientada por um novo olhar. Uma perspectiva não facilmente conhecida. Neste plano, nos envolvemos com as personagens e acompanhamos a construção do Vicente. Criamos um circular de afetos que nos vinculam de algum modo à personagem. Talvez seja essa a receita dos bons romances: criar afetos que nos potencializam, aqueles que de algum modo acabam aumentando nossa potência de ação. O que Espinoza, no *Ética* (2009), definia como essa inclinação que a vida tem de compreender sua capacidade de existir e efetuar bons encontros. São esses bons afetos que aumentando nossa potência de agir no mundo fazem com que ser, fazer e desejar se tornem a mesma coisa. Assim, segundo Espinoza, produziríamos a nós mesmos; e sendo aquilo que se é seríamos livres. Não entrarei pela densidade filosófica que a discussão permite. Cabe sabermos que temos num plano imediato a possibilidade de fazer circular afetos, nos impondo a realidade daquele ponto de vista que, na obra do *romance*, é de um cemitério onde Vicente seria enterrado vivo. No entanto, não são todos estes afetos bons; há aqueles que nos paralisam ou causam outros afetos, sendo eles tristes, que nos impõe uma não ação.

Essa sua falta de método, junto a minha condição de desgraçado, davam-me o temor de que ele quisesse experimentar em mim um processo novo de curar alcoolismo em que se empregasse uma operação melindrosa e perigosa. Pela primeira vez, fundamentalmente, eu senti a desgraça e o desgraçado. Tinha perdido toda a proteção social, todo o direito sobre o meu próprio corpo, era assim como um cadáver de anfiteatro de anatomia. Felizmente, fui logo transferido, mas não sem passar dolorosos minutos à espera de ser vítima desse vício mental dos nossos métodos. Pouco lógicos, por isso demasiadamente objetivo; impacientes, por isso aceitando em globo a “autoridade”, arriscam-se a de boa fé cometer os erros mais grosseiros e funestos no exercício de sua profissão. Falta-lhes crítica, não só a mais

comum, mas também a necessária do grau de certeza da experiência e dos instrumentos em que as refazem (BARRETO, 2017, p. 88).

É essa experiência de abandono que compartilhamos quando a experimentamos na obra. A vulnerabilidade do não pertencimento, do valor menor ou da inexistência de função social. A ausência de uma legitimidade. E se no plano imediato temos a exposição do Vicente e a elaboração de afetos que circulam entre a personagem e o leitor, num segundo plano nós é quem somos expostos. É onde alcançamos a ideia da obra: não uma veracidade, mas a verdade da obra que faz deslocar os acontecimentos do primeiro plano. É nela que o autor não está, para poder ser o leitor. Aí, para Lima, residia o porquê da arte, não como solução, mas como preposição; como possibilidade de construção de algo que sempre escapa da mão do escritor, mas nunca do propósito de existência daquele livro.

O *cemitério*, por não ter um fim, acaba sendo uma metalinguagem da vida de Lima Barreto, mas também de todas as existências alçadas à realidade do *cemitério* de onde não se pode nem mesmo o leitor fugir de sua cova rasa.

10 DESEMBARAÇÃO DA PENSEIRA: um pós-escrito

É tendo em vista um tempo dessa natureza que podemos dizer: não ter nada mais a esperar pode significar também que todas as condições para modificações profundas já estão no presente. Basta saber percebê-las. Não precisamos reinstaurar o tempo das utopias. Precisamos, na verdade, ter uma visão mais complexa das tensões e tendências que operam no presente e compreender as latências de transformação que nos habitam.

Vladimir Safatle¹¹⁷

Não poderia concluir. Não posso. Não consigo. É insuficiente! A conclusão pressupõe a exatidão que não tenho. Ela traz consigo algo de uma formulação refinada, até inflexível em algum modo, por ter sido adensada e sistematicamente colocada. Meu texto foi uma experiência arriscada e, como risco, não abandonou a rústica e não linear forma que tenho de desembaraçar a penseira. Bem, se há algo que posso colocar como síntese é que retome a leitura e faça dela sua; se veja nas lacunas e, principalmente, nos espaços ocultos que deixam vaziar toda e qualquer certeza. O texto foi trânsito de minhas andanças pelos escritos e manuscritos. E acabei aqui inscrito por tentar narrar. Deixo posto algo de um imperativo que marca essa dissertação. Algo que mesmo depois de escrito, sendo eu outro, estará aqui como ímpeto: não será possível a este texto de desdizer o que pretende ser dito, ainda que o não dito tenha sido aqui alocado enquanto escolha do não dizer. Se um só texto não faz revolução, este concentra esboços de luta e fermenta aquilo que possa ser usado em uma futura.

E porque é palavra de luta, não há uma só frase nesta dissertação concebida sem o ferro abrasado da minha existência, das lágrimas e curiosidade de conhecer os resquícios da existência de um revolucionário. Não poderia concluir de prontidão o amanhã sem ter ele vivido o hoje ou acordado do ontem. É justamente da incerteza que precisamos nos distinguir, não para marcarmos uma universal verdade, uma veracidade de atos ou potências aí a vibrarem no que existe ou existirá. Mas para que não nos acusem de inexistente por não ter tentado, por não ter arriscado, ousado naquilo que nos parece pouco real. Sei que uma conclusão esperaria uma visita e uma melhor amarração. Quase como se desse conta dos furos de quem teceu todo o texto sem aqueles singulares e irritantes buracos. A visita é possível não só no que elenquei para narrar da vida de Lima, como de nosso passado e presente estruturados na impossibilidade de *uns* existir junto a *outros*. É possível, também, revisitar minhas emaranhadas teorias tomadas daqueles tantos teóricos e teóricas para

¹¹⁷ Safatle (2016, p. 305).

compor minha questão. Da questão, tenho que a Literatura é complexa a tal ponto que se mistura à vida para reforçar nosso tecido existencial quando dela fazemos linha de nosso impossível fiar. No entanto, tais processos foram possíveis a Lima, mas não posso continuar a narrar em um instante seguinte, nem da textura desse longo tecido ou de sua justaposição de fios. O que resta é barulho, porque o silêncio não é possível a quem antes não tinha voz.

Não poderia concluir por ser este um texto acadêmico e não tenho aqui desejo nenhum de fechar Lima em uma estrutura de literatura acadêmica. Ele a excederia, ainda que a Academia produza também verdades provisórias de um momento em que se precisa de verdades para não se ilusional com verdades corrompidas ou meias mentiras. Precisaria narrar um Lima correto. Talvez até mais convincente do que o era. Daqui, de onde olho Lima, não parece correto, mas assertivo. Não se pode ser correto e humano ao mesmo tempo. Ao menos não nesse imaginário em que a boa conduta, o correto, faz parte de um corpo fundamentado e pré-moldado, ofertado a alguma lógica apriorística. E sugiro que o leitor desconfie de qualquer moderna ideia de humanidade que se proponha ao lugar de exatidão. Ela erradamente se apoia na *errância* de outros, quando não de seu próprio erro. A modernidade é uma divisão onde alguns são divisores enquanto outros restos, quando muito quocientes. Lima era ciente de sua provável equivocação, mas não poderia deixar de ser equívoco, por vezes, se isso o custasse afirmar por outras. E, nessa arriscada maneira, fico com a humanidade porosa por seus erros e acertos, do que a monstrosidade que se ergue contra a mutacionalidade do existir. É preciso por vezes ser mudança, estranho, ainda que a nós mesmos, para ser suficiente a si.

É essa suficiência que faz a Literatura uma aliada. De mim para mim, penso que Lima encontrou uma possibilidade na Literatura e a perseguiu durante toda a vida. Talvez não tenha percebido que escrever dá medo e é sobre esse medo, o da inexistência, que atestamos quando escrevemos. Porque se escreve sempre para o futuro, ainda que o escritor seja passado e tenha escrito com o presente. Escrever é uma experiência de perda porque é se deixar para trás, para ser, em alguém, momento-amanhã. E não se pode ter medo do futuro quando ele chegar e não estivermos mais aqui. É esse medo de quem já foi, mas agora consegue ser, que não encontrei em meu avô. Não se pode culpar quem deseja ser-ainda-aqui. Quem não deseja ser revolucionário ainda que morto. É preciso sobreviver para viver sobre o passado. Porém, há um algo possível àquelas existências que produziram mais de si, quando não mais tinham para ser, que enlaça na Literatura uma morada para um depois.

De todo modo, esse escrito, que vem num depois, vem profundo pelo tempo e espaço em que sigo nele me largando. Acontece a meio uma pandemia e tantas crises que arrastamos até aqui. Estou fechado em casa há quase um mês¹¹⁸. Do privilégio ou direito de poder estar longe do horror da vida lá fora, sei que já se passa exato um século da última vez em que Lima esteve fechado. Não sei de Lima e daquele cemitério, mas de mim sei que tenho duvidado e não mais sei do desejo e suas tessituras. Chegamos a um ponto em que não é possível mais. O limite, ultrapassamos há muito. Diria que há quatro anos vi o passado se levantar glorioso por ser desumano¹¹⁹. Espantei-me. Talvez, não o suficiente. De lá para cá vivemos em uma realidade quase fantástica onde a humanidade foi deslocada do centro das importâncias. Aliás, talvez, ali ela já não estivesse, tendo sido arremessada para fora de nossa própria vista. E o que é o humano sem sua humanidade? Sua própria antítese? Sua própria inexistência? Assim, já não posso mais teorizar sobre existir, quando não tenho a minha existência assegurada por um amanhã. Não sou fatalista, não creio na extinção humana – ao menos não agora –, ou apressado em dizer que não teremos mais história, pois chegou o seu fim. Sabemos da nossa capacidade de nos reinventarmos, ainda que nem sempre ela seja possível a todos. No entanto, há algo de uma mente apertada que me fez voltar a escrever, talvez tenha me identificado demasiadamente com Lima, ou só aceitado sua sugestão. O mundo em quarentena e reencontrei na escrita a possibilidade de sair; não para fora de casa, mas de mim mesmo. Há semanas sigo lendo, devorando livros ou escrevendo em voz alta – tenho esse hábito para organizar melhor as ideias. Sinto não só meus dedos, olhos e ouvidos grandes demais, como não sinto mais a aflição. Fiquei pensando em Simmel (1979) e sua *atitude blasé*¹²⁰, queria sentir isso. Voltei a Lima, era necessário a este texto, e foi então que senti demais! A experiência do *diário* me foi apavorante. E não na primeira vez, ou na segunda, mas, agora, na sexta vez em que o li. Como se eclipsasse as experiências, e, ainda que anacronicamente e situacionalmente diferentes, produziam afetos em simultâneo. Eu, Lima e nossos afetos, nas mãos e vazando por entre os dedos. Fiquei com os efeitos psíquicos

¹¹⁸ No momento da escrita do texto, primeiros meses de 2020, o mundo estava enfrentando a pandemia do COVID-19. Estou eu de quarentena como recomendado pelas organizações de saúde de todo o mundo.

¹¹⁹ Refiro me ao fato, ocorrido em abril de 2016, em que, na época deputado, Jair Bolsonaro homenageia o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, atuante na repressão política durante a ditadura militar e torturador condenado. A homenagem foi feita durante seu voto favorável ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Sendo a própria presidenta vítima e torturada quando presa em janeiro de 1970 pelo regime militar. Dilma à época de sua prisão era uma das lideranças da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares.

¹²⁰ Segundo o sociólogo alemão George Simmel, em *A metrópole e a vida mental*, Atitude blasé é um processo psíquico em que o sujeito metropolitano sofre pela intensidade de estímulos à qual é exposto. Havendo uma dissonância, após um tempo, entre o individual e a sociedade. Já que a cidade grande produz e estimula formas intensas de individualidade.

desses encontros literários. Volto agora na diagramação do texto para forma padrão, justificar, alinhar, espaçar e organizar o que a Academia convencionou. O mundo lá fora, o mundo cá dentro e eu aqui alinhando palavras. Fui ao diário, o meu, dizer palavras em escrito. Esse texto tem muito por poder vomitar coisas lá. Volto aqui com a boca meio suja, mas preservo a limpeza do texto ao máximo que posso. Anseio para ver se reinventaremos as relações sociais, agoniado com as existências que não mais estarão por aqui nesse momento posterior. E, por fim, longe de casa, do meu Vale e de tudo o que deixei lá, e por escolher ser sempre estrangeiro, nunca poderei ter para além de reencontros.

E uma crise, meu leitor! Aliás, várias!

A crise é do Estado, que de Lima para cá tem se sofisticado e agora tem em seu próprio suicídio a saída. Como disse Safatle¹²¹, “a lógica é a mesma, só que agora aplicada à toda a população. O engenho não pode parar”. O terror não é o mesmo, preciso discordar. A angústia é outra e sempre a angústia de um. Temos os lugares sociais diferentes o que faz com que o Estado nos reconheça e queira nos resolver de maneiras diferentes. Fato é que o Estado não mais se sustenta por ter ele que recolher privilégios, para ditar os privilegiados e acabou ele autoritário em sua própria autoridade. A crise é também de valores, já que não mais se tem verdades comprometidas com um futuro comum, uma ideia ainda que falsa de um amanhã possível a todos. A verdade agora é a antiverdade e sua força é medida na sua capacidade de ser difundida, aceita e cooptada. A crise é também sistêmica, temos construído um modo de sociedade que nos desloca e coloca em seu centro o que é mais rentável para a manutenção do próprio sistema. E a crise ainda é uma crise estética, já que não suportar o olhar novo do outro tem sido o lugar de desencontro da humanidade desde o surgimento da modernidade. No meio de tantas crises, o que se ergue me parece utópico¹²², para não dizer avesso à uma solução. O sofrimento acaba apresentando a *função terapêutica do Real*¹²³, um lugar onde toda a fantasia, a angústia do querer dar conta de como tudo irá ocorrer, simplesmente acontece. E é nesse lugar que esse texto se encerra. De um alívio em angústia. No horror do agora de quem tem mergulhado no desespero do ontem e no fracasso da utopia.

¹²¹ Safatle (2020, n.p.).

¹²² Utopia com um marco temporal de expectativas futuras orientadas por um presente. Em que o movimento utópico consiste em potencializar as forças que estão no presente a fim de aproximar com a expectativa futura. Safatle(2016) chama isso de temporalidade da expectativa.

¹²³ Dunker (2004).

Porém, sigo atento, ainda que não muito forte, nas torções do presente e nas transformações que já nos habitam.

11 BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

_____. **O fogo e o relato**: ensaios sobre criação escrita, arte e livros. São Paulo: Boitempo, 2018.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda Negra, Medo Branco**: o negro no imaginário das elites - século XIX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto**. São Paulo; Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Ática, 1997.

_____. O trem de subúrbios. In: BARRETO, Lima. **Toda crônica**. Organização de Beatriz Resende e Raquel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

_____. Esta minha letra... In: BARRETO, Lima. **Toda crônica**. Organização de Beatriz Resende e Raquel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

_____. **Recordações do escrivo Isaias Caminha**. Rio de Janeiro: A. de Azevedo & Costa, 1917

_____. [Diário íntimo]. Rio de Janeiro, 16 jul. 1908. Manuscrito. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2078>. Acesso em: 29 ago. 2019.

_____. **A nova Califórnia e outros contos**. São Paulo: Ed. Unesp: Prefeitura do Município de São Paulo, 2012.

_____. **Diário do Hospício e O Cemitério dos Vivos**. Organização de Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

_____. O destino da literatura. In: BARRETO, Lima. **Impressões de leitura e outros textos críticos**. Organização de Beatriz Resende. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2017. p. 265-284.

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. São Paulo: Sociologia e Política, 2010.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos**. Textos e entrevistas (1975 – 1990). Ed. preparada por David Lapoujade. São Paulo: Ed. 34, 2016. p. 359-369.

_____. A imanência: uma vida... In: VASCONCELLOS, Jorge; FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. (Orgs.). **Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência**. Londrina: UEL, 1997. p. 15-19.

DERRIDA, Jacques. **Papel-Máquina**. Rio de Janeiro: Editora Estação Liberdade, 2004.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. A função terapêutica do real: entre trauma e fantasia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 2004. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, 2004.

EVARISTO, Conceição. Escrivivências da Afro-brasilidade: História e Memória. **Revista Releitura**, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, nº. 23, nov. 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2008.

_____. Sobre a História da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243-276.

_____. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. Organização de Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978. (Estudos, 61).

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANKENBERG, Ruth. **White women, race matters: the social construction of whiteness**. Mineapolis: University of Minneadota Press, 1995.

GALTON, Francis. **Herencia y eugenesia**. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF; Martins fontes, 2013.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: N-1, 2017.

MACEDO, Joaquim Manuel. **As Vítimas-Algozes: quadros da escravidão.1869**. Disponível em; <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000124.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte e Ensaios**: revista do PPGAV/EBA/UFRJ, Rio de Janeiro, n. 32, p.123-151, dez. 2016.

MILLS, Charles W. O contrato de dominação. **Meritum**, Revista de Direito da Universidade FUMEC, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 15-70, jul./dez. 2013.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

QUIJANO, Anibal. A colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Colección Sur-Sur. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005. p. 227-278.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Feminismos Plurais).

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-51, fev./set. 1993.

SAFATLE, Vladimir. **Bem-vindo ao Estado suicidário.** São Paulo: N-1 Edições, 2020.

_____. Viver sem esperança é viver sem medo ou contra a utopia. In: NOVAES, Adauto. (Org.). **Mutações: o novo espírito utópico.** São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto - triste visionário.** São Paulo; Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.

_____. **O espetáculo das raças** – Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio. (Org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1979.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.